

# ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

---

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

Diretor: Reitor MURILO GUIMARÃES  
Diretor-Assistente: Prof. NEWTON SUCUPIRA  
Secretário: Prof. CÉSAR LEAL

## CONSELHO CONSULTIVO

Prof. *Aluizio Bezerra Coutinho*  
Prof. *Cecília Maria Domenica Sanioto Di Lascio*  
Prof. *Evaldo Bezerra Coutinho*  
Prof. *Francisco de Albuquerque Barbosa*  
Prof. *Guilherme de Albuquerque Martins*  
Prof. *José Cavalcanti de Sá Barreto*  
Prof. *Gilberto Osório de Andrade*  
Prof. *Luiz Ferreyra dos Santos*  
Prof. *Lourival Vilanova*  
Prof. *Arnaldo Barbalho*  
Prof. *Maria do Carmo Tavares de Miranda*  
Prof. *José Lourenço de Lima*

## COMISSÃO DE REDAÇÃO

Prof. *Luiz Delgado*  
Prof. *Gláucio Veiga*  
Prof. *Nilo Pereira*

Estudos universitários; revista de cultura [da] Universidade Federal de Pernambuco [v.]-1- jul./set.—, 1962— Recife. Universidade Federal de Pernambuco|Imprensa Universitária| 1962—

v. em trimestral

De jul. 1962 até agô. 1964 foi publicada sob o título Estudos universitários; revista de cultura da Universidade [do] Recife.  
Diretor: 1962-agô. 1964, João Alfredo Gonçalves da Costa Lima. 1964-set. Murilo Humberto de Barros Guimarães e Newton Sucupira.

1. Educação superior — periódicos. I. Título.

378.5 (CDD 16. ed.)  
378.4 (813.41) (05) CDU

U.F.Pe.  
SD-BC 62-1278/rev.

Livros, cartas e pedidos de assinatura devem ser enviados para:  
ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS  
— Av. Prof. Moraes Rêgo —  
Cidade Universitária — Recife  
— Pernambuco — Brasil

# ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

Os Estudos Literários: Sua Importância na Universidade Moderna — <i>César Leal</i> . . . . .	7
Para Uma Sistemática Sócio-cultural dos Estudos de Desenvolvimento — <i>Tarcízio Quirino</i> . . . . .	25
Aspectos da Mudança Social Planejada — <i>Sylvio Loreto</i>	59
Industrialismo e Estrutura Familiar — <i>Sílvio de Albuquerque Maranhão</i> . . . . .	79
Alguns Aspectos Sôbre a Educação na Califórnia — <i>Itamar de Abreu Vasconcelos</i> . . . . .	95
Ariano Suassuna e o Sentido de Renovação Conciliar no Teatro — <i>Romeu Peréa</i> . . . . .	117
Folheto de Poesia — <i>Joel Pontes</i> . . . . .	1

## COLABORADORES

### CÉSAR LEAL

Professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco, crítico de poesia e poeta. Laureado em 1970 com o Grande Prêmio de Poesia da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro de poemas *Jornal do Verão*.

### TARCÍZIO QUIRINO

Mestre em Sociologia, cursos de pós-graduação na Alemanha e nos Estados Unidos, onde se encontra atualmente fazendo o doutorado em Ciências Sociais.

### SYLVIO LORETO

Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, autor de numerosos estudos sobre sua especialidade.

### NELSON NOGUEIRA SALDANHA

Professor da Universidade Federal de Pernambuco, autor de numerosos livros sobre Direito e Ciências Sociais, membro da Academia Pernambucana de Letras.

### SYLVIO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Sociólogo, mestre em Ciências Sociais, encontra-se atualmente nos Estados Unidos fazendo o doutorado em Ciências Sociais.

### ITAMAR DE ABREU VASCONCELOS

Professor da Universidade Católica, membro do Conselho Estadual de Educação, no estudo que publica neste número, analisa alguns aspectos da Educação na Califórnia, onde esteve recentemente como bolsista da USAID.

### ROMEU PERÉA

Sacerdote católico, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, autor de numerosos livros sobre literatura espanhola e brasileira.

### JOEL PONTES

Professor de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade de Pernambuco, autor de numerosos livros de crítica literária. Durante cinco anos esteve nos Estados Unidos, lecionando literatura brasileira nas Universidades de Austin, New York e Tulane.

## Os estudos Literários: sua importância na Universidade Moderna

CÉSAR LEAL

### I

O mundo inteiro sofre presentemente o impacto de uma grande revolução: a revolução tecnológica. Novos objetos são a cada dia criados para satisfazer as necessidades materiais da existência. Êsses novos conteúdos, elaborados pelos núcleos mais centrais de uma sociedade em processo de transformação crescente, ampliam a cada momento os horizontes de nossa consciência cultural. Se alguém indagasse que prodigiosa força orienta o sentido dessa revolução, tão ampla em seus objetivos e tão fantástica em seus resultados, creio que somente uma resposta seria possível: a universidade moderna. Ela desenvolveu tanto os seus poderes e tanto aperfeiçoou a organização do trabalho em equipe, que aquilo que a humanidade sempre mais admirou — a criatividade do indivíduo isolado — definha progressivamente, levando o descrédito ao gênio e reduzindo o talento a um conceito meramente acústico, esvaziado de seu conteúdo semântico.

Dentro dessa perspectiva, em que a universidade aparece como a instituição abrangente, que posição devem ocupar os estudos literários? A resposta mais coerente creio que seria aquela que procurasse redefinir as funções das Faculdades de Letras na sociedade contemporânea, para que elas pudessem conscientemente desempenhar a parte que lhes é atribuída na estrutura universitária. Temos de reconhecer, em princípio, que a idéia de uma alta prioridade para o desenvolvimento dos estudos vinculados ao desenvolvimento de programas científicos e tecnológicos, deve ser reinterpretada à luz de novos conhecimentos sobre o estado atual dos estudos humanísticos nas na-

ções mais altamente desenvolvidas. Desgraçadamente, vem se desenvolvendo nos círculos universitários brasileiros a idéia de que os estudos literários são desnecessários em um mundo dominado pela ânsia de crescimento econômico, o qual só pode ser alcançado pela tecnologia, escudada nos poderes quase ilimitados da ciência. Essa mesma idéia adquiriu ênfase nos Estados Unidos no fim da década de 50. Contudo, logo foi denunciada como reacionária e portadora de uma obscurantista visão do mundo, pelos próprios cientistas e tecnólogos norte-americanos, aos quais se somaram também os protestos de humanistas como Howard Jones e Román Jakobson, êste professor de Linguística em Harvard e no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Levando em conta a onda de protestos contra o exagerado amor pelos estudos e investigações em certas áreas da ciência e da técnica, o govêrno norte-americano ordenou, no início da década de 60, que as humanidades fôssem colocadas no mesmo plano das demais ciências. Professôres, poetas, críticos e linguístas foram contratados em todos os países do mundo e hoje os Estados Unidos são os líderes no campo dos estudos científicos de literatura, tendo como concorrentes unicamente os alemães cuja filologia forma um dos monumentos mais sólidos da cultura do Ocidente.

O que na realidade ocorre não é difícil de ser entendido. Os progressos das ciências da natureza, diferentemente dos avanços nas ciências do espírito, exigem a organização de equipes armadas de instrumentos cada vez mais complexos. Um instituto de ciências tem efetivamente direito a verbas maiores do que um instituto de letras, embora isso não signifique desprezo das autoridades universitárias, pelos estudos humanísticos. Um professor de Física Nuclear, para bombardear o núcleo de certos materiais atômicos, precisa de equipamentos que chegam a custar bilhões de cruzeiros. Já um professor de literatura, para fazer em seu campo o mesmo que faz o físico nuclear, não precisa mais do que uma certa familiarização — como ensina Ernst Robert Curtius — com os métodos e objetos das filologias clássica, latina, medieval e moderna, empregando em suas pesquisas o tempo conveniente. E nisso aprenderá tanto — diz

o grande romanista — que verá com outros olhos as modernas literaturas nacionais”.

Os estudos literários são quase sempre feitos por homens que trabalham isoladamente e, além disso, o seu trabalho não possui utilidade econômica, não contribui para o enriquecimento social. Daí o silêncio sôbre as chamadas ciências do espírito, entre as quais eu coloco aqui a “Ciência da Literatura”. Contudo, a idéia de que os estudos literários têm hoje pouca importância, porque a humanidade estaria mais interessada na produção de bens de consumo, não corresponde ao verdadeiro sentido que orienta a política dos governos mais preocupados com o seu desenvolvimento. Ela poderá encontrar acolhida entre técnicos com grande influência nas decisões governamentais, indivíduos portadores de uma visão demasiadamente estreita sôbre os problemas centrais da cultura. Mas tais obstáculos podem ser removidos, quando na cúpula das universidades se encontram humanistas, ou seja homens capazes de determinar com segurança e sabedoria o uso das artes e das ciências. Contudo, tais objetivos não poderão ser alcançados se os professôres de língua e literatura não se mostrarem interessados em ocupar as funções que lhes são delegadas pela universidade moderna. É necessário que alguém tome a si a tarefa de mostrar o que significa para a cultura ocidental a epopeia homérica, a tragédia grega, a épica latina, os poemas épicos medievais, a cultura do Renascimento, a poesia neo-clássica francesa, o barroco, o arcadismo, o movimento romântico, a modernidade com sua inumerável gama de estilos, conceitos, formas, estruturas e padrões.

Sendo a literatura uma arte, produto da atividade gratuita do espírito, muitos julgam que ela não deve ser objeto de análise de investigação, de conhecimento. Eis um tipo de afirmativa muito frequente entre leitores e até professôres de literatura que sempre viveram em determinados contextos, onde é fraca ou inexistente a atividade teórica, faltando à crítica uma tradição de experiências analíticas particulares.

A literatura é uma arte, mas não se pode considerar simplesmente como uma arte o ensino ou o estudo da literatura.

Alguns, como René Wellek, admitem que o estudo da literatura seja uma forma de conhecimento, ainda que não propriamente uma ciência. Em alguns países, os estudos lingüísticos e literários são encarados com espírito verdadeiramente científico. Como exemplo, podemos lembrar a erudição e a filologia na Universidade alemã, a crítica de poesia, na Inglaterra, a literatura comparada e a explicação de textos, na França, a estilística na Espanha, ainda que Dámaso Alonso não reivindique para ela um status científico, o estruturalismo, a fonologia e a semântica na Rússia, Checoslováquia e Estados Unidos. Hoje não é pequena a relação dos lingüistas, críticos, historiadores literários, romanistas e poetas que lutam pela sistematização de uma ciência capaz de encarar o texto de um poema ou de uma novela como um complexo corpo de estratos cuja vida íntima deve ser investigada.

Mas tais estudos, pela própria complexidade de sua natureza, não podem ser feitos senão na universidade, que é hoje o único lugar onde eles podem ser desenvolvidos. E não apenas desenvolvidos, mas promovidos, ampliados e difundidos, transportados para livros, revistas de cultura, gravados em fita magnética e até fotografados. Em uma época da técnica, a sobrevivência dos estudos de letras depende da adesão dos professores de literatura aos métodos de trabalho dos tecnólogos e cientistas.

Nos dias atuais, a missão de um Instituto de Letras não é apenas a de formar professores para os cursos médios. Essa tarefa ainda é de sua atribuição mas representa ou pelo menos deve representar a parcela mínima de suas obrigações, assim como ministrar aulas aos estudantes nos cursos de graduação constitui a tarefa mais elementar a ser realizada por um professor de língua e literatura em uma universidade moderna.

## II

Quais os estudos ou pesquisas que um professor de língua ou literatura devia fazer em uma Faculdade ou Instituto de Letras? No Brasil, qualquer que seja o campo a que se dedique um especialista — crítica, filologia, dialetologia, topologia das línguas, semântica, lexicologia, fonética experimental, es-

tilística — encontrará material para mantê-lo sempre ocupado, desde o seu ingresso no Departamento até a aposentadoria compulsória.

Em qualquer desses campos, a investigação produzirá ótimos resultados embora ela não seja mais do que o trabalho preparatório a estudos mais complexos. Como exemplo, poderíamos citar o crítico que se dispuzesse a analisar certos esquemas sonoros da poesia de Cruz e Souza, se antes êle não houvesse assimilado profundos conhecimentos sobre o significado de algumas figuras sonoras, somente conhecidas a partir dos estudos realizados pelos formalistas russos. Por outro lado, observa-se um fenômeno inverso, ou seja a aplicação aos estudos literários de métodos e processos por pessoas que não se armaram de tais conhecimentos da Universidade, único lugar onde sua aquisição seria hoje possível. E o resultado é o uso indiscriminado de métodos que poderão ser válidos em determinado contexto lingüístico, mas não em outros. Como cada língua possui uma fonêmica própria, ou seja o seu próprio sistema de sons, sistema que lhe é peculiar, é natural que os paralelismos de vogais e as afinidades de consoantes, com suas respectivas oposições, sejam também próprios. Não seria possível, a um crítico, por melhor que fôsse, analisar o estrato sonoro da poesia de Carlos Drummond de Andrade servindo-se dos mesmos valores que lhe teriam possibilitado analisar um poema de Paul Claudel ou de Ezra Pound. Por outro lado, não se deve passar à margem de problemas relacionados com as variações dos modelos chamados de "exatidão" que mudam conforme os estilos poéticos, sempre que entram em jôgo o estudo de figuras sonoras como a rima, a anáfora e assonância, além de outras formas mais complexas como a metáfora e o simbolismo sonoros. Os mesmos problemas que se apresentam ao estudioso da literatura, quando submete à análise o estrato sonoro de um poema, também surgem em relação à análise do ritmo, fenômeno diretamente associado à linguagem e seus problemas particulares e gerais. Sobre tais questões há hoje uma bibliografia vastíssima, mas, infelizmente, a contribuição do Brasil é praticamente nula.

Poderíamos argumentar que o volume de estudos sobre o ritmo e o metro, nas principais literaturas do Ocidente, é de tal ordem que já não deixa campo aberto a um crítico ou pro-

fessor interessados nas questões específicas dessas áreas. Tal equívoco resultaria da insuficiência de informações sobre o estado atual dos estudos literários que apontam como incertos os critérios da métrica antiga e propõem novos padrões através dos quais devem ser consideradas as conquistas mais recentes da teorização literária dos formalistas russos, sobretudo no domínio da poesia.

No plano da estilística, nada fizemos até agora que signifique uma contribuição brasileira essencialmente válida a tais estudos. Nossos melhores autores — de Gregório de Matos a Tomaz Antônio Gonzaga e Jorge de Lima a Guimarães Rosa — não foram ainda submetidos a uma reflexão que tivesse por objetivo estabelecer aquela ponte, a que se refere Leo Spitzer, entre a história literária e a lingüística, em que o estudo do estilo faria parte de uma ciência geral das significações a serviço de um sistema significante particular que é a obra poética. Nossa estilística carece de teoria formal. Não passa de mera aplicação aos estudos literários de velhos conceitos da antiga retórica. Descrevemos o estilo como *agradável, maravilhoso, sublime, ático, clássico, neoclássico, barroco, romântico, moderno*. Uma visão atualizada da estilística arquiva tais conceitos e prefere sistemas descritivos baseados em suportes lingüísticos acumulativos e dinâmicos. Assim, toda uma nova classificação dos estilos surge apenas levando-se em conta a relação das palavras com o objeto, das palavras com o sistema geral da linguagem, das palavras com o autor, das palavras com as palavras. Os estudos dessas relações possibilitaram à filologia alemã descrever mais de vinte estilos, abrangendo as mais diferentes épocas e as escolas literárias mais diferentes. Esses estudos só podem ser realizados por professores que disponham de tempo integral para pesquisas nas universidades. Para eles se exige um tipo de comportamento intelectual, definido pelos eruditos norte-americanos como “profissionalização da vida da mente”. Sem essa profissionalização, não se pode melhorar o nível de ensino ou de pesquisa, porque os mestres continuariam obrigados a interessar-se por questões da alçada dos políticos, dos empresários, dos estudantes, dos jogadores de futebol.

Outro problema importante que se apresenta nos estudos do estilo, é saber-se, por exemplo, quais as pesquisas que devem ser feitas, de preferência, pelo estudioso da linguagem. Críticos norte-americanos afirmam que os lingüistas profissionais costumam desatender certo tipo de investigação, enquanto se concentram em outros de menor importância para os estudos interpretativos de romances, peças de teatro, de poemas. A morfologia e a fonologia histórica são apontadas como de muito pouca significação para estudiosos da literatura. Contudo, alguns ensaios têm sido escritos a partir dessas disciplinas quando se tem em vista a história da métrica, da rima e das questões vinculadas à pronúncia de certas palavras que aparecem no texto de uma composição poética antiga. Se a fonética histórica e a morfologia são consideradas de pouco interesse para os estudos literários — segundo René Wellek — já não podemos dizer o mesmo da lexicologia, “estudo dos significados e de suas transformações”.

Sob esse aspecto, é interessante observar que muitos autores recomendam aos estudiosos o uso constante dos bons dicionários. Os bons léxicos, que trazem, inclusive, anotações sobre a etimologia das palavras, ajudaram o crítico a “compreender cabalmente o vocabulário latinizado de Milton ou as construções verbais tão teutônicas de Hopkins” — afirma René Wellek.

Por outro lado, presentemente se dá grande importância ao estudo dos fonemas. Estudos dessa natureza podem ser feitos, embora com outros objetivos, no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Temos aqui dois mestres em lingüística pela Universidade de Michigan: os professores Edileuza Dourado e Humberto Novelino. O professor Humberto Novelino apresentou, recentemente, ao Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria da Literatura, um plano de pesquisa em que se propõe a fazer uma análise lingüística do português do Recife.

Aparentemente, estudos como esse não teriam uma aplicação imediata aos estudos literários. Mas eles contribuem decisivamente como auxiliares de outros estudos, tais como o le-

vantamento da gramática de uma obra literária que será objeto de contraste e apreciação para efeitos de história lingüística, ou como testemunho de desvios normativos entre língua e fala.

### III

Os estudos enumerados até agora representam apenas o mínimo que se pode fazer em uma Faculdade de Letras. Acredito que a instalação de cursos para estudos pós-graduados, com o objetivo de formar eruditos em literatura, criará condições para o desenvolvimento da crítica literária com todo um elenco de disciplinas afins, tais como a estilística, a semântica e a semiótica, a dialetologia e a fonética, além de pesquisas que poderão enriquecer o nosso conhecimento sobre migração dos temas e a influência do "romancero" hispânico na poesia brasileira dos séculos XVII e XX. O funcionamento dos cursos de pós-graduação obrigará o estudante, sob a orientação dos professores, a elaborar teses que tratem, especificamente, de temas centrais de nossa poesia, do nosso teatro, de toda a nossa ficção de natureza épica ou dramática.

A reforma universitária estabeleceu que a validade de um diploma a ser conferido por curso pós-graduado, depende do seu credenciamento como Centro capacitado a formar eruditos em artes, literatura e ciência. A condição essencial para o credenciamento é encontrar-se o Departamento a que se encontre vinculado o curso com, pelo menos, 40 por cento do pessoal docente em regime de tempo integral. No Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, não há um só de seus professores sob esse regime. E, o que é pior, não há um só professor que se encontre ao menos sob o regime parcial de 24 horas de trabalho por semana. Embora alguns "Quixotes irrefletidos" afirmem que é grande a capacidade ociosa dos professores do Instituto de Letras, a verdade é bem diferente. Muitos docentes aqui são obrigados a ministrar 12 horas de aula por semana, num total de 360 por ano, em classe de 150 alunos, divididos em turmas de 50. Contudo, ainda que o Instituto não conte com docentes em regime de tempo integral, isso não significa que a pós-graduação deixe de ser implantada. O creden-

ciamento do curso não precede, obrigatoriamente, a sua implantação. Basta que exista o Instituto como condição essencial à realização de tais estudos. A tarefa de conseguir os meios para que eles entrem em função não pertence apenas aos professores, aos seus Departamentos e demais órgãos colegiados. Essa tarefa pertence também aos reitores, aos pró-reitores ao Conselho Universitário, a todos, enfim, que assumiram as responsabilidades de implantar e executar a política da Reforma, que exige o desenvolvimento da educação em sentido global e harmonioso.

Eis por que os cursos de pós-graduação devem ser precedidos de ações que signifiquem o ingresso urgente de docentes em regime especial de trabalho. Temos exemplos na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde já funcionam o Mestrado e o Doutorado em Letras, sem que ambos estejam credenciados. O Conselho Federal de Educação jamais iria reconhecer um curso sem verificar antes suas condições de funcionários. Por outro lado, cabe aos órgãos de promoção da Reforma "executar uma política universal sistemática e a longo prazo, assinalando funções específicas e níveis de responsabilidade que lhes faculte realizar sem complicações e sem tardanças e com a diligência exigida o funcionamento e o desenvolvimento da Universidade". (Informe da UNESCO sobre o desenvolvimento do ensino superior na América Latina).

Outra condição exigida para a instalação de cursos de pós-graduação é a existência de professores aptos para treinar estudantes que desejam aprofundar conhecimentos de lingüística, literatura comparada, história literária, dialetologia, fonética histórica e experimental, lexicologia, semântica. Acredito que o corpo docente do Instituto de Letras, apesar da pouca influência que tem nos órgãos de execução da Reforma, é um dos melhores do país. Temos muito mais mestres e doutores, graduados em universidades européias e norte-americanas, (além de autores de trabalhos literários equivalentes à tese de doutoramento extremamente complexa) do que podem imaginar os que se habituaram a não ver as instituições em seu sentido global, mas particular, como se cada universidade fôsse um Império e

cada Instituto ou Faculdade um feudo, a ser defendido com muralhas isolantes.

Um Instituto que possui lingüistas como Humberto Novellino, mestre pela Universidade de Michigan, José Cavalcanti Sá Barreto, doutor pela Universidade Gregoriana de Roma, Edileuza Dourado, mestre pela Universidade de Michigan, Piedade Sá, doutora pela Universidade de Madrid, Geraldo Lapenda, com estudos superiores de lingüística em Roma, autor de um ensaio sôbre a estrutura da língua Iatê, de enorme repercussão para a lingüística geral, Joel Pontes, com cinco anos de experiência nas Universidades norte-americanas, onde lecionou nos cursos de doutorado das Universidades de Austin, Nova Iorque a Tulane, um José Lourenço, com seu gôsto pela filologia, Lucilo Varejão Filho, com dois anos de cursos pós-graduados na Sorbonne, Padre Hans Klein romanista de formação germânica, padre Romeo Peréa, hispanista de larga visão sôbre a literatura européia, além de outros cujos nomes, por brevidade, são omitidos, encontra-se devidamente equipado para as tarefas da Reforma.

#### IV

A equipe de professôres do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco possui condições intelectuais para fazer do Recife um centro de estudos lingüísticos e literários do mais elevado nível. Para isso torna-se necessário que a Universidade proporcione aos seus docentes meios indispensáveis à melhora da qualidade do ensino e ao aperfeiçoamento contínuo dos métodos exigidos pelos programas de pesquisa e análise no âmbito das humanidades. Alguns, menos informados sôbre a importância da linguagem para o desenvolvimento de um povo e, especialmente, da ciência e da técnica, poderão dizer: "Mas quem seria capaz de dar importância a estudos de língua e literatura numa época em que podemos perfeitamente prescindir de tais conhecimentos?" É claro que muitos não se preocupam com tais problemas pois se houvesse tal preocupação o índice de reprovados em português, nos concursos vestibulares, não seria tão alarmante.

Quando há humanistas nas comissões técnicas das Reitorias, a preocupação em manter elevado o domínio da língua, no âmbito universitário, é realmente muito séria. Pois a linguagem é o principal instrumento de comunicação, informação e transmissão do saber nas escolas, nos institutos, nas faculdades. Quando um professor não domina o seu idioma, temos razão para suspeitar de sua eficiência como docente. Razão tem o grande poeta Ezra Pound quando diz que é muito difícil "fazer as pessoas compreenderem a indignação desinteressada que a decadência da literatura pode provocar em homens que compreendem suas implicações e ao que a ela conduz. Contudo — afirma Pound — "o estadista não pode governar, o cientista não pode revelar suas descobertas, os homens não podem entender-se sem a linguagem; e tôdas as suas ações são influenciadas pelos defeitos e virtudes do idioma".

Quem estuda filosofia da linguagem sabe que muitos cientistas fracassaram simplesmente porque não sabiam comunicar, adequadamente, através da linguagem, os resultados de suas pesquisas. Isso ocorre por uma razão muito simples: quando não se conhece o valor da linguagem, o idioma é inconscientemente usado de forma oposta ao conteúdo daquilo que se deseja transmitir. Uma comunicação ou mensagem mal transmitida não encontra repercussão no espírito de quem a analisa. Claro que o conhecimento apenas da linguagem, o puro conhecimento da gramática não resolve nenhum problema. O conhecimento da língua deve associar-se a um vigoroso domínio das estruturas profundas da linguagem simbólica, daquilo que exige interpretação das camadas de sentido, que incluem a investigação do estilo e o conhecimento da disciplina que o estuda de forma rigorosa: a estilística.

Se os estudos lingüísticos e literários não fôsem básicos para a cultura e o desenvolvimento integral de um povo, se a arte e a literatura não fôsem necessárias, nada mais restaria aos governos do que bani-las dos sistemas de educação. Contudo, o estudo da linguagem e da literatura está ligado à educação desde a mais remota antiguidade, medindo-se a sabedoria e grandeza de um povo pela importância que os seus governantes dão à poesia, às artes plásticas e à música. O século da

grande literatura grega é chamado o século de Péricles; Virgílio e Horácio deram nome a época de Augusto, o teatro elizabetano foi escrito (principalmente) por Shakespeare, e o teatro clássico francês coincide com a corte de Luís XIV.

Hoje, quando algumas autoridades universitárias analisam as reprovações em massa nos vestibulares buscam colocar a culpa no ensino médio, como se os professores do ensino médio não fossem, em sua maioria, portadores de diplomas expedidos pelas Universidades, através dos Institutos, Cursos ou Faculdades de Letras. Mas as Faculdades de Letras não podem preparar bons professores para os cursos médios quando não dispõem de laboratórios de línguas, de professores em regime de tempo integral para dedicação completa às suas tarefas docentes, quando o ensino se restringe, exclusivamente, a cargas horárias, como se a missão de um professor de nível universitário fosse meramente ministrar aulas, como se faz em qualquer colégio do curso médio. No próximo tópico pretendemos demonstrar que o tempo integral é uma disciplina ética, destinada a “profissionalizar a vida da mente”, e não mera obrigação do cumprimento de pesadas cargas horárias, porque se assim fosse, o homem estaria apenas situado no mesmo nível da besta.

## V

Nas nações altamente desenvolvidas, só na aparência, os estudos literários e a produção intelectual se encontram sem a proteção dos governos. A idéia de que os Estados Unidos não dão importância às artes e as letras, é falsa, perigosamente falsa, especialmente por que se apoia em um erro de interpretação. No Brasil, essa idéia encontra hoje muitos adeptos, porque somos um país que possui uma imagem irreal daquilo que efetivamente se pode definir ou conceituar como literatura. Todos os brasileiros possuem certas veleidades literárias, mesmo inconscientes, e é isso que os torna péssimos expositores como cientistas, matemáticos, engenheiros, etc. Quando escrevem, enchem sua prosa de um ranço poético, que logo denunciam suas intenções literárias. Disso nasce a idéia de que literatura não exige conhecimentos especiais, mas apenas dom, um dom que

quase todo brasileiro possui pela graça de Deus. A literatura porém, não é isso. A literatura — como as demais manifestações do espírito em todos os planos da cultura — nunca é inteiramente consciente, surgindo, na maioria das vezes, sem o estímulo da ação governamental. Como disse inicialmente, o mesmo não ocorre em relação às ciências e a técnica, porque estas precisam de apoio e organização oficial do mais elevado nível. O grande poeta T. S. Eliot, diz textualmente em seu ensaio sobre a cultura: “O progresso das ciências experimentais requer atualmente um vasto e dispendioso equipamento, e a prática das artes já não conta, em grande escala, com o benefício dos mecenas”.

Essas considerações buscam justificar o engano de algumas autoridades educacionais brasileiras quando julgam que as prioridades concedidas às ciências e as técnicas é porque as artes e a literatura já nada significam. Na realidade, as prioridades são em recursos materiais em meios para a montagem de centros de ciências e de tecnologia. Mas não pode haver prioridade em relação aos recursos humanos. Um professor de literatura e de línguas precisa dispor dos mesmos equipamentos de que dispõe o físico nuclear. Apenas o equipamento do professor de humanidades é diferente e pode custar um milhão de dólares a menos do que o do engenheiro de comunicações que trabalha com computadores altamente sofisticados. A prioridade que as nações desenvolvidas dão à tecnologia e à ciência se refere a recursos financeiros mas não a recursos humanos. Daí o fatal erro, como diria Shelley, daqueles que, no Brasil, afirmam que o tempo integral pode ser concedido a cientistas e tecnólogos mas não ao pesquisador em lingüística ou literatura comparada. O tempo integral não se relaciona também, nem deve relacionar-se, com o número de aulas que o professor é obrigado a dar aos seus alunos. O tempo integral é aplicado com o objetivo de profissionalizar a vida da mente. O tempo integral é uma disciplina profissional que parece cair do céu, como oportunidade, para os que desejam realizar sua alma. Mas o tempo integral também pode ser um castigo para os que apenas desejam ganhar dinheiro e que o temem como o Diabo teme orações.

Os estudos humanísticos contribuem para um maior conhecimento do homem, revelado através da literatura, da linguagem simbólica, do poema, de tudo aquilo que se pode definir como a própria história do espírito humano. São os estudos literários que dão a um povo a oportunidade de fazer com que os outros povos conheçam seus poetas, seus romancistas, seus dramaturgos, a alma de seu povo, enfim. Eles dão a conhecer as novas idéias. O principal veículo para a informação são o livro, a revista de cultura, os congressos nacionais e internacionais. Tôda universidade moderna devia consignar em seus orçamentos verbas específicas para assegurar a participação de seus professôres em reuniões de especialistas e eruditos em literatura. Essas reuniões são mais raras na área das humanidades do que na das ciências e, por isso mesmo, os professôres de língua e literatura não deviam faltar a elas. A falta de compreensão dêsses problemas, a ausência nas reitorias de assessoramento de alto nível em assuntos literários, faz com que reuniões dêsse tipo sejam consideradas pelos Conselhos Financeiros mero turismo e o resultado é a desinformação total dos professôres em relação ao que ocorre nos Congressos em áreas vitais do conhecimento. O grande poeta inglês T. S. Eliot, dizia textualmente: "Sou de opinião que é necessária pelo menos uma reunião por ano dos homens de letras para tornar possível a circulação de idéias enquanto estas ainda estiverem novas. Os editores de revistas, os professôres de literatura, deviam poder conhecer-se pessoalmente, visitar uns aos outros, conversar uns com os outros e trocar idéias de tôda a espécie durante essas conversas, através dessa cooperação, dessa amizade entre homens de letras, tôda a cultura literária se tornaria publicamente conhecida através de obras que não têm significado apenas local, mas também europeu", ou mundial, diríamos nós.

Os estudos literários também representam uma peleja, uma batalha contra a facilidade das aulas. Participando do trabalho do professor, o estudante de letras pode ser melhor conhecido em sua vocação. Por isso, tanto quanto possível, as cargas horárias, geralmente estafantes para o aluno, podiam ser substituídas pelos seminários, pelos ciclos de estudo, pelos debates em tôrno de um problema específico. Como ensina um mes-

tre da pedagogia moderna, o prof. Christopher Jencks, da Universidade de Harvard, "a inovação deve continuar numa base de casos individuais e de certos lugares, valendo-se de alguma combinação particular de professôres que aconteça estar reunida em determinada universidade; em determinado momento. A orientação geral da mudança deveria ser na direção de uma mistura mais elástica de teoria e prática que exigisse dos estudantes uma extensão maior de conhecimentos e recompensasse uma extensão maior de competência". Creio que êste ensinamento de Christopher Jencks é muito importante, tanto quanto aquela outra recomendação que êle fêz, em recente estudo sôbre a formação de eruditos em literatura e ciência nos Estados Unidos, e manda, sumariamente, o professor castigar com a reprovação o aluno desidioso, que gosta que se tome conta dêle como se fôra uma criança mimada.

## VI

Todo professor de literatura, ou crítico literário, tem necessidade de modernizar seus conhecimentos. Citaria, como exemplo, a compreensão dos problemas relacionados com a poesia lírica por ser êste um campo de minha mais constante preocupação. Os antigos manuais de poética ensinavam que a poesia lírica era a expressão de sentimentos íntimos. Tal conceito conduzia o estudante de literatura a ver a poesia como reflexo ou expressão de certos estados da alma. A partir do século XVIII, as poéticas foram praticamente abolidas. Lessing estabeleceu que o único princípio normativo válido de composição era a fôrça emocional e logo Kant, na *Crítica do Juízo Estético*, afirmou que o verdadeiro artista trazia dentro de si mesmo as leis de sua arte.

As teorizações posteriores dos simbolistas e seus predecesores, prepararam o campo para a postulação moderna, que recusa o conceito de sentimento no poema e define a poesia como uma aventura do espírito operante, uma fantasia ditatorial que se serve da linguagem para chegar aos extremos limites da criação. Uma poesia assim "construída" deve ser o reflexo do espírito crítico colocado diante de si mesmo. Tal poe-

sia pode recorrer a todos os processos porque goza de liberdade ilimitada. Ao poeta moderno, assim como ao crítico moderno, só o convencionalismo acadêmico deve ser proibido. Um Instituto de Letras, em uma universidade moderna, não pode ser um museu de velharias, onde se conserva a memória de tudo aquilo que a própria cultura busca esquecer. Não se tem o direito, na universidade, de confundir “estudos literários” com “crítica literária”. Estudos literários é disciplina rigorosa, científica, que busca escolher com sabedoria autores para analisar. Não pode um professor responsável ocupar-se de estreates. Essa é tarefa para o jornalismo literário, geralmente conhecido como “crítica”. Os estudos literários têm de ser feitos com bases assentadas sobre a ciência da literatura, com seu enorme elenco de disciplinas, a cuja frente se encontra a linguística. Uma Faculdade de Letras cultiva a tradição naquilo que ela tem de vivo, de permanente, naquilo que é contemporâneo de tôdas as épocas. Além do culto vivo à tradição, a Faculdade de Letras deve ser também o lugar onde os movimentos de vanguarda devem encontrar estímulos para os seus mais ousados experimentos. Até 1945, os movimentos de vanguarda partiam, geralmente, de escritores jovens, que sem nenhuma experiência literária derrubavam convenções e acabavam por impor seu gosto a toda uma geração.

Hoje, especialmente nos Estados Unidos, o maior apoio às vanguardas inteligentes (pois há também vanguardas de filisteus) tem suas bases nas universidades. Na Alemanha, o filósofo Max Bense, professor em Stuttgart, patrocina todo um programa de poesia nova, que já conta com adeptos até em nosso país. Segundo Max Bense, seria absurda a decisão de afastar os computadores dos jovens que desejam produzir uma poesia cibernética. Comentando as atividades do prof. Max Bense, diz Jacques Legrand:

“Bense vai mais longe, posto que considera a falsidade semântica como condição de informação estética, no qual reage contra a metáfora. Trata-se de criar, frente a textos reais, textos puramente nominais. De fato, o computador é o meio mais objetivo, mais incorruptível para criar textos: somente o texto cibernético pode ser pura materialidade textual no sentido do

texto em si, assim como está contido em Bolzano a frase de que é pura materialidade lógica o que diz, simplesmente, que uma coisa é ou não é, pouco importante que isso seja verdadeiro ou não”.

Os professôres de literatura não podem viver encerrados em círculos de idéias demasiadamente estreitas. Sua obrigação é observar a criação literária com olhos críticos. Analisando as obras poéticas sob este prisma, cêdo compreenderão por que a literatura está sempre mudando suas formas, por que tais formas são mudadas e quais o sentido da mudança. Verificarão que a história da literatura não deve ser ensinada aos estudantes de letras, especialmente agora, quando o que se deseja é conhecer valôres, signos, padrões e estruturas.

Os estudos literários também contribuem para a educação do gosto, especialmente agora quando êle é destruído pelos meios de comunicação coletiva. Quem negaria razão ao poeta norte-americano Alken Tate quando diz que o homem de letras — entre os quais deve ser incluído o professor de língua e literatura — tem como obrigação “propagar padrões através dos quais os outros homens possam pôr à prova a imagem do homem, distinguindo o falso do verdadeiro. “Mas no nosso próprio momento crítico diz êle, quando todos os idiomas estão sendo aviltados pelos meios de comunicação e pelas técnicas do contrôle de massas, o homem de letras fará bem em encarar a sua responsabilidade de ângulo mais estreito. Cabe-lhe uma responsabilidade imediata (aos demais homens não menos do que êle próprio) pela vitalidade da linguagem. Terá de distinguir a diferença entre a comunicação e a redescoberta da condição humana nas artes vivas. Terá que discriminar e defender a diferença entre a comunicação de massas, para contrôle dos homens, e o conhecimento do homem que nos é oferecido pela literatura para a participação humana”. Se os estudos literários se tornam deficientes, muitas coisas más buscam substituí-lo. É quando surgem prestigiados, mais do que os professôres, pelas próprias autoridades universitárias, o cronista superficial, o que faz literatura apenas para adquirir honrarias, a tal ponto que se fala mais hoje em honrarias do que na produção de obras de arte literárias. Quando a universidade se omite, o gosto pela

produção de obras de arte é substituído pelo gosto das honrarias. Mas em questão de honrarias, o dever de um professor de literatura é sempre *ser* e não *parecer*. Por isso, Camões já no século XVI tinha razão quando afirmou sobre essa questão de glórias mundanas:

*Mais vale merecê-las sem as ter  
Que possuí-las sem as merecer.*

## Para uma sistemática sócio-cultural dos estudos de desenvolvimento

TARCÍZIO QUIRINO

### I

Um dos pontos que mais tem recebido contribuição para a compreensão do mundo e do homem atual é o estudo do desenvolvimento econômico. O que percebe, porém, o estudioso que se inicia na multiplicidade dessas contribuições, é que, à diversidade das posições e correntes, se junta o específico das abordagens dos diferentes ramos das ciências sociais, ambos ainda mais diversificados pelo emaranhado dos níveis e pela variedade dos prismas e das situações vivenciais que o assunto comporta estudar.

Este artigo procura discutir alguns pontos selecionados da problemática desses estudos, relacionando-os uns com os outros, de modo que facilite a compreensão das diferentes contribuições, possibilitando integrá-las com os demais estudos de desenvolvimento, de forma, se não sistemática, pelo menos esquemática.

Para quem pretende preocupar-se com um tema que faz parte da Sociologia do Desenvolvimento, um dos requisitos metodológicos iniciais é deixar claro as coordenadas teóricas do conceito geral de desenvolvimento econômico. Essa clareza é tanto mais importante, quanto mais o estudo dos fenômenos ligados ao desenvolvimento econômico está ainda em pleno processo de elaboração.

Sendo o desenvolvimento econômico, em primeiro lugar, objeto da ciência econômica, é natural que fôsse ela a primeira que se aplicou ao seu estudo. O recente aparecimento da

Sociologia do Desenvolvimento como disciplina sociológica especial, surgiu da necessidade que sentiram outros cientistas sociais, homens políticos e pessoas mais, que, na prática ou na teoria, se defrontavam com o problema do subdesenvolvimento, de procurar nas demais ciências sociais as respostas que a economia não podia fornecer por si só para êle.

A economia, desde os seus iniciadores na Inglaterra do século XIX, tem-se preocupado direta ou indiretamente de esclarecer, o *processo* do desenvolvimento econômico. Adam Smith, Stuart Mill, Ricardo, quando estudaram o modelo e o funcionamento do sistema econômico, elaboraram, de um modo ou de outro, uma teoria do desenvolvimento econômico. (1)

Os estudos mais recentes, a partir de Marx até os pós-keinsianos, incluíram a dinâmica econômica como um dos pontos de seus modelos, dando, por isso, ainda maior ênfase ao processo. Mas, apesar disso, os economistas estão longe de chegar a uma teoria que consiga a adesão unânime dos estudiosos e explique cabalmente o fenômeno.

Os economistas definem como teoria do desenvolvimento econômico a que "trata de explicar, numa perspectiva macro-econômica, as causas e o mecanismo do aumento persistente da produtividade do fator trabalho e suas repercussões na organização da produtividade e na forma como se distribui e utiliza o produto social" (2). Os sociólogos precisam ter uma definição que delineie e enfatize um pouco mais os aspectos sociais dos problemas, sendo, assim, mais inclusiva. Por isso queremos partir de uma definição que, embora saliente e fundamente o conceito econômico, dá maior ênfase aos outros componentes: "Desenvolvimento é um processo inédito e irreversível de mudança social, através do qual se instaura numa região um mecanismo de crescimento econômico cumulativo e diferenciado" (3). Com efeito, estão aí englobados todos os elementos que caracterizam o fenômeno, não só sob o ponto de vista macro-econômico, ("um mecanismo endógeno de crescimento cumulativo e diferenciado"), mas também social, ("um processo... de mudança social") e histórico ("processo inédito e irreversível").

Uma definição de desenvolvimento econômico, sobretudo quando deseja transcender o nível de simples descrição do fenômeno como se apresenta aos olhos do observador atual, fala em "processo". Nada mais justo e correto. Mas isso não deve fazer esquecer o estado atual dêsse processo, ou seja, a feição que as sociedades desenvolvidas apresentam hoje.

O desenvolvimento através de seu "mecanismo endógeno de crescimento econômico cumulativo e diferenciado", chegou a criar a sociedade de massas, onde o consumo e a produção são efetuados em números tais, que conferem à sociedade características de organização econômica e social como nunca existiram no passado". "Êsse consumo e produção em massa fêz com que se mudasse a ênfase das análises, que, passando dos problemas da criação e distribuição das riquezas, chegou à concepção mais ampla de "desenvolvimento social" e de "civilização".

A nosso ver o alargamento da visão sôbre o desenvolvimento econômico foi resultado, não só da acumulação lenta e progressiva de estudos sôbre o tema, mas também, do próprio amadurecimento do sistema, que antes se achava em plena fase de formação. Só depois dêsse amadurecimento é que as coordenadas puderam ser definidas e se distinguiram melhor os componentes essenciais e aquêles acidentais.

Raymond Aron (4) salienta que, mais útil que a definição de subdesenvolvimento, é a de desenvolvimento. As razões dessa afirmativa são algumas das idéias básicas em que nos vamos apoiar para construir o sistema teórico que tomamos como referência.

As discussões sôbre desenvolvimento e subdesenvolvimento, como se apresentam hoje, tanto no campo científico, como no campo do tratamento diário do problema, oscilam desde as concepções filosóficas com finalidade de explicar o mais universal, até às motivações psicosociológicas e individuais. Ao lado da riqueza de perspectiva que nos oferece tanta largueza na gama das explicações oferecidas, há o perigo, muitas vêzes efetivados, de se conduzirem, em níveis diversos, discussões de posições que em si próprias não são antagônicas, levando a resul-

tados exatamente o contrário de esclarecedores dos problemas abordados. Por isso queremos nos permitir traçar um esquema condutor que em si não pretende ser de todo original, nem tem por finalidade esgotar o assunto, mas poderá servir para concatenar os diversos níveis de abstração em que o problema de desenvolvimento-subdesenvolvimento é tratado, explicitando, assim, coordenadas teóricas, que nos poderão levar um pouco mais longe na abordagem do tema.

Como primeiro ponto, queremos caracterizar o desenvolvimento econômico como um fato histórico-cultural. Se tomarmos a história da humanidade como âmbito de nossa análise, poderemos representá-la gráficamente por uma linha que se inicia em um ponto do tempo convencional ainda não satisfatoriamente bem definido (mais ou menos 50.000 anos atrás), indicativo do momento em que o homem apareceu sobre a terra, estende-se por um período mais longo, durante o qual a história da humanidade não é objeto da ciência histórica, continuando através do período mais recente (mais ou menos 5.500 anos atrás), cujos fatos mais relevantes nos são conhecidos, e tendo seu ponto final em movimento para o futuro, mas, sob o ponto de vista do observador humano, fixado no momento presente: o ponto "hoje". Se nessa linha indicarmos o fenômeno do desenvolvimento econômico, veremos que ele é uma novidade que só aparece no segmento da linha da história que fica mais próximo ao ponto *hoje*. Não há exemplos históricos, exceto o atual, de sociedades que hajam alcançado o desenvolvimento econômico, tal como o tomamos na definição acima. Antes da Revolução Industrial houve sociedades que aumentaram a quantidade de bens de consumo e de capital disponíveis, mas nenhuma instalou "um mecanismo endógeno de crescimento econômico cumulativo e diferenciado".

Em recente artigo o Prof. Bicánic (5) partindo da definição corrente de crescimento econômico, propõe distinguir um crescimento em três dimensões: "o crescimento vertical, ou acrescentamento do capital real *per capita*; um crescimento horizontal, ou acrescentamento da interdependência econômica; e o crescimento em profundidade, ou acrescentamento qualitativo do capital". Como desenvolvimento econômico ele entende

"um crescimento econômico devido a uma ação consciente do homem, levado a efeito voluntariamente, como uma elevação do nível de equilíbrio (ou de quase-equilíbrio) de um certo nível a outro, graças a meios autônomos". Nós preferimos conservar o conceito de crescimento econômico como tem sido usado até aqui (6), o qual enfatiza no aumento da renda *per capita* em um período dado, o que o Prof. Bicánic denomina de crescimento vertical, e considerar o que ele classifica como crescimento horizontal e em profundidade, como dimensões do desenvolvimento econômico. Reservamos a introdução do conceito de ação consciente do homem no agenciamento do desenvolvimento econômico para mais tarde.

A expressão "desenvolvimento econômico" é usada para designar igualmente um fenômeno de duas maneiras diferentes: a) como *processo*, englobando, neste caso, toda a fase de implantação em uma região, inclusive aquela que se encontra antes do momento que Rostow chama de "take-off" (7). Neste sentido se fala de países "em vias de desenvolvimento", os quais, embora sejam subdesenvolvidos, já se encontram engajados no processo. Isso faz pensar na possibilidade da existência de países ou regiões que não sejam desenvolvidos, mas também não estejam em vias de desenvolvimento, e, portanto, não sejam subdesenvolvidos. Voltaremos ao assunto mais adiante; b) como designativo do modo de vida de uma sociedade desenvolvida. Neste sentido tem-se em mente o estado de uma sociedade considerada desenvolvida, e as características que a distinguem de uma sociedade não desenvolvida. O desenvolvimento econômico *como processo* é um fato histórico, se adotamos como unidade de teorização o período de tempo correspondente à vida da humanidade sobre a terra e tomando a humanidade como um todo. Usando uma terminologia em analogia com a econômica, poderemos classificar este grau de teorização como macro-histórico, em contraposição à micro-história, que opera com unidades reduzidas de tempo e de espaço. A dificuldade epistemológica dessa distinção, que não é insuperável, é encontrar uma fronteira satisfatória que divida a macro-história da micro-história. Como não desejamos discutir o assunto aqui, limitamo-nos a assinalar que os problemas da periodização históri-

ca pertencem à macro-história, enquanto os fatos biográficos estão no domínio da micro-história.

Explicitado em que sentido classificamos o processo como um fato histórico, vejamos por que êle é um fato cultural: Além do sentido comum e corrente de cultura, entendida como o acervo de conhecimentos de uma determinada pessoa, sobretudo aquêles considerados como aperfeiçoamento do espírito, ilustração, há mais dois sentidos para o termo, os quais tomaremos em consideração aqui (8). No primeiro, o ponto de focalização é o homem e sua relação com a natureza, os outros homens, e o sobrenatural: cultura é o "sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma sociedade" (9). No segundo, a focalização é espacio-temporal: cultura é, assim entendida, uma unidade espacio-temporal em que uma sociedade conserva e desenvolve mais ou menos o mesmo sistema de "idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes". Em ambos os sentidos o desenvolvimento econômico é um fato cultural. No sentido espacio-temporal, êle surgiu e caracteriza uma sociedade, tanto quanto no sentido estático da primeira definição. Tomados os fatores de produção como constantes, característica que distingue primordialmente a cultura do desenvolvimento econômico de outra cultura que não o possua, são as relações entre o homem e a natureza. A cultura do desenvolvimento econômico caracteriza-se pela eficiência do homem em transformar e *subjugar* a natureza. Essa eficiência se exerce através da tecnologia ou seja, o emprêgo das ciências ao processo de produção, da eficácia ou seja, a consecussão efetiva do fim previsto para uma ação, e da racionalidade (10), ou seja, o emprêgo dos fatores de produção de um modo ótimo.

Uma dificuldade que pode ser levantada a essa abordagem histórico-cultural do desenvolvimento econômico, partiria sobretudo dos economistas e se referiria ao papel do capital no surgimento e manutenção do processo. O uso intensivo do capital como fator de produção, esteja êle apropriado por particulares ou pelo Estado, é um aspecto dessas novas relações entre o homem e a natureza. A análise econômica é unânime em afirmar que o capital se origina dos bens produzidos e não ime-

diatamente consumidos. O não consumo de uma parte dos bens produzidos, embora suponha uma propensão à poupança, não é suficiente por si só para fundamentar a aparição de uma cultura do desenvolvimento econômico. A poupança pode ser usada na simples acumulação da riqueza, em forma de bens não perecíveis, como metais, obras de arte; no uso dos bens para fins não econômicos, como a construção de igrejas, ou de bens de fruição; ou ainda no consumo conspícuo posterior, como se verificou passar-se nas tribos da costa noroeste da América do Norte, em que bens eram destruídos com a finalidade de aumentar o prestígio social e desafiar um rival a fazer o mesmo, sob pena de ser diminuído e envergonhado (11). Na cultura do desenvolvimento, pelo contrário, o capital é empregado como um fator de produção, que permite melhorar o relacionamento entre o homem e a natureza, dando a êle maior eficiência na transformação dos bens da natureza em bens econômicos.

As diversas sociedades apresentam o desenvolvimento econômico realizado em modelos diferentes, dentre os quais os mais importantes como tipologia são o capitalista e o socialista. Todos êsses modelos porém, fazem parte de uma mesma cultura, a cultura que Aron (12), considerando como realizada em uma sociedade, denomina de "sociedade científica". Na realidade é mais próprio falar de uma cultura científica que é compartilhada pelas diversas sociedades desenvolvidas, industriais ou não, as quais têm em comum os característicos de relacionamento com a natureza acima citados, e têm de diferentes, característicos culturais secundários. Falamos de sociedade não industriais que participam da cultura científica, entendendo lembrar aquelas que aplicam as novas relações entre o homem e a natureza para a produção agrícola ou pastoril, como a Austrália e a Nova Zelândia, ambas classificadas como desenvolvidas. Se quiséssemos usar a expressão "cultura industrial" ou "sociedade industrial", teríamos que falar em agricultura e pecuária industriais. Ao invés disso, preferimos dizer agricultura e pecuária científicas, altamente tecnificadas.

Todos êsses diversos modelos de sociedade desenvolvida têm como foco cultural essas novas relações entre o homem e a natureza. O resultado delas é a forma atual como se apresentam

as sociedades modernas: produção em massa, consumo em massa. A fase mais adiantada que alcançou a cultura do desenvolvimento foi a “sociedade da abundância”.

No sentido espacio-temporal, a cultura científica, como tôdas as outras culturas atualmente existentes sôbre a terra, apareceu como efeito da mudança cultural. Ela se liga ao ciclo cultural maior, que teria começado na Grécia, continuando em Roma, recebido o Cristianismo, atravessado a Idade Média, e chegando à assim denominada “civilização cristã-ocidental moderna”. Essa classificação, porém, embora correta, está a um primeiro nível de abstração. Em um segundo nível, o desenvolvimento econômico é uma unidade ou ciclo cultural em si próprio, que se iniciou em tôrno do ano de 1750 na Europa ocidental e nos Estados Unidos da América do Norte, com a revolução industrial, o qual adotamos denominar com Aron de cultura científica. A revolução industrial inaugurou um processo nôvo nas relações entre o homem e a natureza, porque o homem começou a se comportar diferentemente: até ali êle procurava *reforçar* as fôrças musculares, suas e dos animais, que eram usadas como fontes de energia. Daí por diante êle passou a *substituir* sistemáticamente essas fôrças por outras de origem inorgânica, como resume Calderan Beltrão. (13)

Esse ciclo cultural não surgiu porém em todos os lugares aonde havia sociedades pertencentes à cultura cristã ocidental, mas sômente, de início, nos países da Europa do noroeste e nos Estados Unidos. Com o tempo êle se foi expandindo para outras regiões.

Talvez porque a economia política tenha sido a primeira a tratar do problema, o desenvolvimento é estudado quase sempre tomando como base a unidade político-territorial de um país. Só muito recentemente foi sentida a necessidade de tratar o problema em sub-áreas de países. O desenvolvimento ou subdesenvolvimento regional, que tal estudo toma em consideração, certamente estará ligado também ao problema das sub-regiões culturais, mas nós o deixaremos de lado por enquanto. Por isso tomaremos, nesta fase da análise, o país, “grosso modo” como unidade política-cultural. Algumas vêzes essas unidades são

reunidas, para abordagem, em sistemas supra-nacionais. Êstes partem, porém, de conceito básico de países, que se reúnem sem perder a soberania e as características distintivas.

A criação e instalação da cultura científica teve suas causas, que diversos sociólogos dos mais famosos estudaram e sôbre que apresentaram hipóteses. Max Weber explica o surgimento do capitalismo — que é uma das formas sob que se apresenta organizada a sociedade científica — ligando-a à ética protestante, sobretudo calvinista. Hosellitz leva o exame do problema para terreno mais neutro e apresenta os três pares de variáveis (“atribuição-realização, particularismo-universalismo, difusão funcional-especialidade funcional”) (14), estrutural-funcionais de Persons, segundo êle próprio afirma, refazendo, depois, a idéia de Schumpeter sôbre o empreendedor, e analisando-o como “deviant”. Tôda uma ala de sociólogos americanos, como McClelland, Hagen, Rosen, Kunkel estão apresentando teorias psico-sociológicas do desenvolvimento econômico. Morgan começa mesmo um artigo dizendo que “Se personalidade ou cultura afetam o desenvolvimento econômico, êles devem fazê-lo através do comportamento dos indivíduos” (15)

Essas explicações estão, na maioria das vêzes, sofrendo de uma falta de distinção essencial, que acima tentamos expor: a análise do surgimento da cultura científica deve ser distinguida da análise da aceitação dessa cultura por grupos humanos — países, no caso, que não a tenham gerado. Deve-se distinguir os países que chegaram à cultura científica por mudança endógena, daquêles que a receberam por mudança exógena. Por isso dividimos os países em dois grupos: o primeiro, formado pela Europa no noroeste e pelos Estados Unidos, que são os criadores do tipo de cultura científica; e o segundo, formado pelo resto do mundo, que são os importadores da cultura científica.

No primeiro grupo, o aparecimento da cultura industrial precisa ser estudado como uma transformação endógena, ou consequência do “espírito do capitalismo”, conjugado com outros fatores culturais próprios que diferenciam um capitalismo comercial como o de Florença e Veneza do capitalismo indus-

trial inglês, estadunidense e norte-europeu, fazendo com que êstes chagassem à cultura científica e aquêles não. A êstes países é que a tese de Max Weber se refere em especial. A ética protestante, e sobretudo calvinista é uma das explicações para o surgimento do capitalismo, e sua posterior transformação, através da revolução industrial, na cultura científica. As exceções da França e da Bélgica, aonde o espírito do capitalismo aparece sem o suporte da ética protestante, abrem caminho a outra explicação em que, em vez da da ética protestante como um todo, se tomem elementos presentes nessa ética, e presentes também, sob outra forma, nas sociedades francesa e belga. Quando Hoselitz (16) analisa a teoria do "comportamento social desviante" como explicação da origem do capitalismo, falando sobre a famosa carta escrita em 1545 por Calvino a Claude de Sachins aonde aprova a usura como procedimento econômico, chega à conclusão tácita de que a famosa ética protestante é uma derivação, ou melhor, uma sanção e legitimação do espírito do capitalismo. Êle diz textualmente: "Pensou-se desde algum tempo que a discussão por Calvino da legitimidade do juro não era revolucionária, mas simplesmente uma explicitação de uma situação que havia sido tácitamente reconhecida e condenada por muitos canonistas casuísticos muito antes do seu tempo".

O capitalismo, entendido como sistema de organização social que usa do capital, apropriado preponderantemente por particulares, para obter lucros, embora pareça variável histórica necessária para o surgimento da cultura científica, não é essencial para sua implantação e manutenção posterior. Os países aonde surgiu a cultura científica, na época em que ela surgiu, eram todos capitalistas. Mas, se analisarmos o segundo grupo de países desenvolvidos, aquêles que chegaram à cultura científica por mudança exógena, veremos que se dividem em capitalistas e socialistas, de acôrdo com o sistema de apropriação do capital. Aparentemente essa segunda divisão é a mais importante para a vida dos povos de nossa época. Contudo isso não é verdade, porque a divisão entre países que instalaram plenamente a cultura científica como um modo de vida e de produção, conseguindo romper a barreira econômica do "take-

off", e países que ficam abaixo dêsse ponto, cria e conserva diferenças ainda mais importantes. As relações entre o homem e a natureza são essencialmente diferentes entre o "tipo ideal" (Weber) da sociedade científica e o da sociedade não científica. Essa diferença (variável independente) gera diferenças outras (variáveis dependentes), que são usadas como índices de desenvolvimento-subdesenvolvimento: a renda "per capita", a taxa de natalidade e a de mortalidade infantil, a distribuição da mão-de-obra pelos setores de produção, o índice de pessoas economicamente ativas, a quantidade de fôrça-motriz "per capita", as taxas de escolarização e alfabetismo, etc. Os sociólogos e antropólogos exprimem essas diferenças com têrmos que se referem primeiramente à organização social. Redfield (17) denomina os extremos do seu continuum de "folk culture" e "urban culture". Behrendt (18) trabalha proveitosamente com as categorias "Statik" para as culturas não científicas e "Dynamik" para a cultura científica. Como os fatos revelados por essas taxas e categorias influenciam tôda a organização de uma sociedade, parece resultar que há mais semelhança entre dois países que têm essas taxas semelhantes e o regime de apropriação do capital diferente, de que entre dois países com igual regime de apropriação do capital e grandes diferenças nas taxas citadas.

Não é de desprezar, porém, as diferenças que estão abaixo das semelhanças. Assim, os países desenvolvidos se dividem:

- 1º Criadores da Cultura Científica, capitalistas.
- 2º Receptores da Cultura Científica, capitalistas.
- 3º Receptores da Cultura Científica, socialistas.

Descendo mais um grau na nossa análise, tomamos cada país desenvolvido em particular. Em cada um havia, antes da cultura científica, uma cultura própria, que serviu de base sobre a qual assentou, ou da qual se desenvolveu a cultura científica. Atualmente cada país apresenta uma forma particular de participação nessa: a organização da sociedade, da produção, o pensamento, a arte, as crenças, as expectativas são dife-

rentes em cada um, dependendo das diferenças culturais anteriores à adoção ou à geração da nova cultura, assim como dos processos históricos de mudança cultural, diferentes em cada caso. Em outras palavras, cada país desenvolveu sua própria encarnação da cultura científica. Por isso os países desenvolvidos se diferenciam entre si, formando sub-culturas nacionais, dentro da cultura científica.

Esse modo de sistematizar o problema do desenvolvimento econômico visa fugir a dois excessos ou unilateralidades. O primeiro, praticado sobretudo (mas não unicamente) pelos "economistas puros", considera o problema do desenvolvimento completamente igual em qualquer parte que êle se apresenta, desprezando as diferenças nacionais e até regionais. O segundo, praticado sobretudo pelos etnólogos, considera cada caso de desenvolvimento tão singular, que não pode ser comparado com outro caso, a não ser para caracterizar-se como diferente. A realidade, porém, é que nem tudo é igual e nem tudo é diferente, na problemática da cultura científica. É necessário ordenar as generalizações e as exceções de tal modo que sejam compreensíveis, e sobretudo que sejam passíveis de discussão, não como se umas evidências estivessem contra as outras, mas sim se interligando e se completando.

A cultura científica, como se apresenta nos últimos anos, possui alguns traços que consideramos importantes para a nossa subsequente exposição, e por isso salienta-los-emos a seguir. Como até aqui temos feito, não se trata de uma análise exaustiva de nenhum ponto, mas somente da apresentação de um quadro que tenha a coerência necessária para suportar e fazer inteligível a discussão dos pontos particulares, pelo relacionamento com o geral.

O que aconteceu no mundo, depois da formulação e instalação da cultura científica na Europa noroestina e Estados Unidos da América do Norte, foi que ela passou a se espalhar, conquistando sempre mais países que a adotaram e começaram a fazer parte de sua órbita. Esse fato, que parece muito natural e muito lógico aos povos exportadores desse tipo de cultura, deve ser estudado com mais profundidade, o que ajudará a com-

preender melhor a problemática dos países que se apresentam como candidatos ao desenvolvimento (19).

O desenvolvimento econômico e seu fruto mais elaborado, que é a sociedade da produção e do consumo em massa, empolgam o mundo. Por que?

As diversas culturas e sub-culturas variam muito quanto aos critérios que adotam para a escolha ou adoção dos novos membros, que a preservarão e expandirão. Alguns só consideram membros válidos aqueles que descendem por geração de membros anteriores. Outras aceitam novos membros pelo casamento de um de seus portadores. Ainda outras, aceitam a "conversão" ou a adoção intelectual e prática de seus princípios doutrinários como critério para inclusão na sua sociedade. A cultura científica não se baseia, para sua expansão, em nenhum critério exclusivo. Admite que todos os homens possam vir a participar um dia de seus valores, e formar sociedades subordinadas aos seus ideais e princípios.

Tendo como foco cultural a vida econômica, ela toma dêse foco alguns dos padrões mais importantes que motivam e impellem internamente o seu expansionismo. O primeiro dêles é a necessidade de suprir a área aonde a cultura está instalada, dos bens naturais, ou matérias primas, necessárias para manter em processo a eficiência de transformar bens da natureza em bens econômicos. A procura de muitos desses bens, que já eram importados em épocas anteriores, levou europeus e norteamericanos a entrar em relações com povos e civilizações as mais diferentes e as mais distantes. Essas relações se instalaram as mais das vezes em forma de colonialismo, com o uso da força como condicionante e a instalação de uma nova ordem social como decorrência. A forma variante do contacto da cultura científica com grupos humanos de outras culturas para conseguir matéria prima, é o comércio. Ressalta-se que, em ambas as formas, os contactos inter-culturais se organizam por iniciativa e sob o interesse dos membros da cultura científica. Isso tem efeitos muito sérios e importantes, como o neo-colonialismo, o racionalismo, etc.

A segunda propulsão expansionista da cultura científica, ainda de ordem econômica, é a necessidade de criação de mercados para vender os produtos resultantes de novo tipo de relacionamento entre o homem e a natureza.

No início da industrialização, os lucros eram determinados pela diferença, medida em padrão monetário, do que custava a produção, e o preço pelo qual esta se vendia. Os custos fixos de produção, porém, eram relativamente maiores de que atualmente, ao mesmo tempo que cresciam com o aumento da produção, conservando-se, pois, quase constantes em relação ao número de unidades produzidas. Assim era mais fácil aumentar o lucro, simplesmente aumentando o preço de venda do produto. As consequências sociais eram que os benefícios da industrialização se concentravam nas camadas superiores da sociedade, que tinham possibilidade de pagar o preço exigido pelo produto manufaturado, ao mesmo tempo que eram os possuidores dos meios de produção. Atualmente o aumento da produtividade abriu uma nova e fecunda possibilidade do aumento de lucros, não mais através do aumento do preço da unidade-produto, mas através do aumento do número de unidades produzidas. Essa nova fase, que alcança a sua plenitude com a automação, aumenta de muito a importância do tamanho do mercado, fazendo com que a indústria e o lucro (no sistema capitalista) dependam cada vez mais da expansão do poder aquisitivo. Essa evolução não foi prevista pelo gênio de Marx, que baseou sua interpretação da transformação do capitalismo na dissociação completa dos interesses das classes sociais.

O modelo socialista russo da cultura científica se encontra na mesma fase, sem ter sido influenciado pela atração do lucro propriamente dito, mas sim pela racionalidade da produção e consequente barateamento do produto final. Em um e em outro modelo a racionalidade e eficiência nas relações entre o homem e a natureza criaram a produção em massa, com ou sem o atrativo do lucro.

Sobretudo nos países capitalistas a multiplicação da capacidade de produção age como incentivador ou propulsor da expansão do sistema, que se esforça para encontrar novos mercados, ou garantir os antigos.

Como terceira mola propulsora interna do expansionismo da cultura científica, está a sua própria justificativa como sistema. A Europa tem grande parte de sua história das relações com os povos não-europeus inspirada e impulsionada na auto-confiança. Os portugueses, que foram os primeiros a se lançarem em expansionismos por regiões não-europeias e não ligadas tradicionalmente à Europa, tiveram sempre em mira ir "a fé e o império dilatando" (20). Por fé e império se compreendia todo o sistema de vida e de pensamento, a religião e o governo, que, se não eram de todo europeus, de todo cristãos, como cristãos e europeus se lançaram ao proselitismo e à conquista. A Espanha, assim como posteriormente a França, a Inglaterra, a Holanda e outros países, tiraram da confiança de possuírem um sistema social e uma cultura superiores a outras culturas e sistemas sociais, a força de expansão e conquista. Atualmente a cultura científica demonstra essa mesma segurança e auto-confiança, apesar de todas as crises internas que possui em desenvolvimento, e se considera como o ponto mais alto da evolução humana, desejável, pois, para os outros povos. Apesar de sua importância, temos que omitir maior argumentação sobre o ponto, para não nos alongarmos demasiadamente.

A auto-valorização positiva age como força interna propulsora do expansionismo e inspiradora do proselitismo da cultura científica.

Essa justificativa do sistema a respeito de si próprio, se apresenta não só em referência à cultura científica como um ciclo cultural, mas também a cada um dos modelos nacionais realizados dessa cultura. O grau de intensidade da força de expansão e proselitismo de cada modelo nacional é variado. No mundo atual aparecem os Estados Unidos da América do Norte e a União Soviética, ainda como os dois sistemas sócio-econômicos nacionais dotados de maior força de proselitismo. Mas outros modelos nacionais, mesmo ainda não completamente delineados, como é o caso da China, e um pouco cada um dos demais modelos de desenvolvimento, possuem sua força de proselitismo que procuram exercer.

Essa força de proselitismo é instrumentalizada, recebendo seu veículo de realização própria através da quarta caracterís-

tica interna que estamos apontando como causa da expansão da cultura científica: a facilidade de realizar contactos.

A cultura azteca, por exemplo, possuiu um alto grau de auto-confiança, uma fôrça de expansão, e mesmo de imperialismo muito acentuado (21). Contudo não conseguiu nem conseguiria realizar essas tendências, mesmo se não tivesse sido ceifada pelo contacto com a cultura cristã-ocidental, porque não tinha os meios materiais e técnicos que permitiriam entrar em contacto com as outras culturas mais distantes e sôbre elas influenciar, na medida do seu imperialismo. A cultura científica, ao contrário, desenvolveu os mais diversos meios, através dos quais é possível, e realmente se efetua, o contacto profundo e permanente com as demais culturas hoje existentes. Através da técnica moderna, encurtou as distâncias. Do telefone à televisão internacional, do automóvel ao avião supersônico, apresentam-se veículos que servem para levar os membros, as idéias, as crenças, os costumes e a organização econômica e social da cultura científica a todos os recantos do mundo aonde existam outras culturas, estabelecer contactos, e fazer demonstração. Êsses contactos têm suas consequências sôbre a própria cultura científica, mas sobretudo influenciam as demais culturas.

A cultura científica empolga o mundo, não sômente por sua fôrça interna de propulsão expansionista, mas também porque possui em si caracteres que a fazem extremamente atraente e desejável. Em suma, caracteres que podem ser apontados como vantajosos, do ponto de vista externo a ela própria.

O primeiro dêesses caracteres é a face externa do último apontado acima: a facilidade de fazer contactos. O primeiro traço que um membro de determinada cultura tem para fazer uma idéia e uma valoração de outra, é naturalmente o canal que serviu de contacto entre ambas. A imensa superioridade técnica e de eficiência que possui a cultura científica, aparente desde os primeiros contactos, é elemento de uma valoração positiva da mesma por parte das sociedades que a conhecem pela primeira vez. A multiplicação dos contactos com outras culturas multiplica, estatisticamente, as oportunidades de ser conhe-

cida, assim como de ser vista sob aspectos variados, alguns dos quais serão valorados positivamente. Todos êsses fatores multiplicam igualmente as possibilidades de que uma população ou parte dela, que pertença a outra cultura, seja empolgada pela cultura científica.

Além dêesse contacto inicial, aparecem também outras vantagens da cultura científica. Os grupos humanos têm como preocupação fundamental da existência, a busca de alimentos, quer essa seja efetuada de um modo mais primitivo, através da coleta de frutos, da caça, pesca, ou de plantio e criação, ou através de um modo mais elaborado, pela integração do indivíduo em um lugar do sistema econômico, que permita a êle trocar sua fôrça de trabalho pelo alimento de que necessita e que é produzido por outrem.

As relações entre o homem e a natureza típicas da cultura científica, têm capacidade de transformar maior quantidade de bens naturais em bens econômicos, como já ficou sobejamente enfatizado. O resultado disso para o indivíduo, no estágio atual da produção e consumo em massa (prescindindo, pois, de referirmos a períodos em que há ou houve grandes desequilíbrios na distribuição das riquezas), é que cada um necessita menor quantidade (tempo) e menor qualidade (dificuldade) de trabalho pela mesma quantidade de meios de vida, do que nos sistemas econômicos de outras culturas.

Essa facilidade relativa em adquirir alimentos é ampliada pela maior facilidade em sobreviver, como indivíduo e como coletividade. Os meios de fazer guerra demonstram às outras culturas, às vêzes de um modo dramático, as facilidades que têm as sociedades científicas de sobreviver, nas suas relações exteriores. O combate à doença, com as modernas técnicas médico-higiênicas, é o exemplo, talvez menos dramático e mais convincente, da eficiência da cultura científica em conservar a vida. Os contactos nesse campo às vêzes agem sôbre as outras culturas de um modo mais direto: as profilaxias e a medicina sanitária rompem o equilíbrio natural das taxas de natalidade-mortalidade, contribuindo assim para romper também o precário equilíbrio entre capacidade de produção do sistema econô-

mico e aumento da população. Assim, a facilidade relativa em adquirir alimentos da cultura científica fica sublinhada por uma dificuldade interna da outra cultura.

Assim como os canais de relação entre a cultura científica e as outras culturas dão prestígio àquela e são um elemento para explicar por que ela empolga o mundo, também a facilidade em vencer a natureza tem seu papel e seu prestígio. Essa facilidade, como queremos entender aqui, não é uma abstração, decorrente do tipo de relacionamento entre o homem e a natureza, em que temos insistido, mas sim a objetivação dela em casos concretos, como derrubar uma árvore, abrir uma estrada, barrar um curso d'água, etc. As razões por que a cultura científica empolga o mundo são antes de tudo práticas e objetivas.

As razões acima, queremos ajuntar mais uma, de ordem psicológica, e que é também, como a primeira, a outra face de uma impulsão interna. A auto-segurança que demonstram os membros da cultura científica nos seus contactos com outras culturas, embora talvez seja inócua diante de uma cultura bem integrada, poderá ser de grande importância para precipitar uma crise cultural já iniciada, difundindo uma idéia de confiança na primeira, fazendo-a, pois, aparecer como capaz de empolgar cada vez maior número de indivíduos.

Para terminar esta sucinta abordagem de um problema atual e complexo, tenha-se presente que os ângulos diferentes do desenvolvimento econômico não são um mosaico de fatos, uns estranhos aos outros, mas um todo em que as partes se completam. E para relacioná-las, é muito útil, ao nosso ver, que reduzamos os estudos particulares ao denominador comum de um quadro de referências sócio-cultural.

## II

### *Subdesenvolvimento econômico*

O grande tema da segunda metade do século não tem sido o desenvolvimento, mas sim o subdesenvolvimento. Não só a diplomacia bilateral, mas sobretudo a Organização das Nações

Unidas, que é o plenário mundial dos sistemas nacionais, tem-se ocupado do assunto com interesse e repetidamente.

Subdesenvolvimento não é, contudo, um conceito positivo nem absoluto, mas sim negativo e relativo. Define-se um país subdesenvolvido, como o que *não* alcançou um grau de desenvolvimento, *comparado* ao dos que são definidos como desenvolvidos. O artifício de chamar os países subdesenvolvidos de "em fase de desenvolvimento", "Entwicklungslander", "developingcountries", "en voye de developpment" (1) não muda o critério de relatividade, mas simplesmente introduz um fator dinâmico na expressão, uma conotação de engajamento no processo de desenvolvimento, e portanto, uma esperança, longínqua talvez, de que êsses países alcancem a meta e o ideal: o desenvolvimento.

Os critérios de medir e caracterizar operacionalmente o subdesenvolvimento, partem da catalogação dos efeitos do desenvolvimento e da comparação do estado em que se encontra cada item catalogado, no país ou região estudados. Se há variação entre os autores quais e quantos efeitos do desenvolvimento são os indicadores a usar, ou sobre que parte da escala de comparação de cada item corresponde aos países desenvolvidos e que parte corresponde aos subdesenvolvidos, o critério geral, porém, continua o mesmo. A medida mais usada é a renda "per capita", que se subordina a critérios puramente econômicos. As críticas a respeito, e as correções e complementações sugeridas são por demais conhecidas através da literatura especializada (2). Outros itens, sociais, demográficos, médicos educacionais, políticos, econômicos, etc., se juntam a êsse núcleo central.

A Sociologia e a Antropologia procuram, também, seguindo o caminho da economia, estudar o subdesenvolvimento a partir de uma comparação bi-polar com o desenvolvimento. Behrend, (3), por exemplo, usa os conceitos de sociedade estática e sociedade dinâmica, como vimos atrás.

Partindo de uma concepção histórico-cultural do desenvolvimento, como a que expusemos antes, que é subdesenvolvimento?

Já caracterizamos a cultura científica como um ciclo cultural originário da Europa Noroestina e dos Estados Unidos, e que vai sendo adotado por outros países. Além da cultura científica, com seu desenvolvimento econômico, muitos outros ciclos culturais existiam e existem, sob os quais estão organizadas diversas sociedades. Êsses ciclos são tão variados, que são representados, tanto por uma cultura complexa e influente histórica, geográfica e numéricamente (indivíduos que vivem sob sua égide) como a árabe, como por pequenas culturas locais que não são participadas senão por um grupo reduzido de indivíduos, como a do grupo Bororó, no interior do Brasil. Essas culturas, ou outras da mesma ordem, já existiam antes da evolução da cultura cristã-ocidental em cultura científica. Apesar disso não eram consideradas, nem podiam ser classificadas de subdesenvolvidas, simplesmente porque o termo de comparação, o desenvolvimento, não existia. Isso aconteceu do mesmo modo como não podemos falar ainda hoje de regiões subpopuladas na lua, porque simplesmente não existe o conceito real de população lunar.

Subdesenvolvida é uma região que tem relativamente *pouco* desenvolvimento econômico. Como desenvolvimento é um fenômeno histórico-cultural determinado, daí segue que a comparação feita sobre o nível de satisfatoriedade do fenômeno em uma determinada sociedade só tem razão de ser quando a mesma já está engajada no processo, embora no mais incipiente dos estágios. Uma sociedade, pois, que se encontra no "ponto de partida" para o desenvolvimento, mas que ainda não se engajou no mesmo, nem sequer na mais remota forma, não pode ser classificada como subdesenvolvida. Está à margem do processo.

Vimos também que o desenvolvimento econômico é um traço da cultura científica. Do mesmo modo o subdesenvolvimento é um sub-produto dessa cultura. Ou, talvez, um pré-produto. Um país subdesenvolvido está por definição na órbita da influência da cultura científica, sem contudo, ter adotado completamente a forma científica de relacionamento entre o homem e a natureza, e portanto, sem ter sofrido as transformações e se beneficiado das vantagens que êsse relacionamento pode trazer.

Resta indagar da utilidade desta distinção teórica. Primeiramente ela é uma consequência, e também uma reafirmação e ênfase do caráter histórico-cultural do desenvolvimento. Isso faz com que não se confunda o problema com outros, como o de crescimento temporário de uma economia, ou o de enriquecimento por expropriação da produção de outros povos, como acontecia no colonialismo antigo (Roma, Assíria, Babilônia, etc.). Também não se confunda com o simples aumento da renda "per capita", sem verdadeiro desenvolvimento. Êsse pode ser efeito da expansão de um único setor da produção, ou de um único produto, sem significar realmente um desenvolvimento que se torne auto-propulsivo. Algumas vezes o aumento da renda "per capita" até um nível considerado de país desenvolvido é anterior à fase de desenvolvimento, como parece ser o caso, entre outros, da Venezuela a da Arábia Saudita. Êsses países, que, de acôrdo com outros dados indicadores, estão somente no início do processo de desenvolvimento, apresentam, porém, uma renda "per capita" típica de país em fase bem mais adiantada do processo.

Em segundo lugar, é possível diferenciar, em um momento dado, uma sociedade subdesenvolvida, de uma que está fora do processo ou, em outras palavras, marginal a êle. Esta última não tem contactos com a cultura científica, ou pelo menos, não está sendo influenciada por ela, não tendo pretensões de lhe adotar os costumes e crenças, o modo de relacionamento com a natureza nem a estrutura social. A sociedade ou o país subdesenvolvido, ao contrário, sobretudo se originalmente pertence a um ciclo cultural muito diferente do vigente na Europa Ocidental, está dividida, sob a influência de duas culturas completamente diversas, que lutam pela supremacia. Nêsse caso é que a cultura pré-existente é o ponto de partida e a cultura científica é o ponto de chegada do contínuo. O país, porém, como subdesenvolvido, se encontra em algum lugar dêsse contínuo. Um país subdesenvolvido é sempre uma sociedade em mudança cultural. A mudança que se passa ali não é aquela que tem lugar normalmente numa cultura que evolui e se transforma dentro de si própria, mas se origina da luta da sociedade pela adoção das relações entre o homem e a natureza características

da cultura científica, portanto de cultura exógena. As sociedades subdesenvolvidas são, por isso, sociedades não integradas, ao contrário das sociedades marginais, que podem, eventualmente, ser integradas culturalmente.

Essa luta entre as culturas é estudada por aqueles que, como Jacques Lambert, (4) fazem uma interpretação cultural dualista da sociedade subdesenvolvida. Octavio Ianni, em interessante livro sobre as relações entre governo e classe social no desenvolvimento da economia de tipo capitalista (5), contra-argumenta a essa interpretação, partindo da idéia de integração da economia nacional. Acha êle que, desde que as zonas que até pouco tempo viviam de economia de subsistência, se integraram na economia nacional, a interpretação dualista deixa de ter razão de ser para o Brasil. Achamos, ao contrário, que a interpretação dualista não se fundamenta primeiramente, nem principalmente, em dualismo econômico, mas sim cultural. Um camponês que continui produzindo alimentos com os métodos primitivos de sempre, continua pertencendo à cultura tradicional, embora êle venda essa produção ao açambarcador, que a coloca nos mercados organizados nos moldes da cultura científica. Talvez essa ligação com os mercados modernos possa ser o início da desorganização cultural, que termine fazendo dêle ou de seus filhos um membro da cultura-científica. Contudo, na primeira fase, êle é um membro dessa cultura anterior, a que Jacques Lambert chama, no caso do Brasil, o "Brasil do carro de bois", em contraposição ao outro, o "Brasil do avião". Só aos poucos se dá a desintegração da cultura anterior e a adoção da cultura científica.

Celso Furtado, em um trabalho de sua fase européia, (6) encontra mesmo uma relação necessária, sob o ponto de vista da análise econômica estruturalista, entre os conceitos de subdesenvolvimento e de economia dual. Falando sobre as economias argentina e uruguaia, diz: "Essas economias, não podemos considerar, no sentido exato, como subdesenvolvidas, tanto quanto o conceito de subdesenvolvimento está associado à idéia de dualismo estrutural". Aliás, nos trabalhos dêsse autor está sempre presente a preocupação de abordar o subdesenvolvimento em si mesmo, e não como comparação ao desenvolvimento, es-

tudado pelos economistas no seu período de implantação na Europa e Estados Unidos.

Do ponto de vista histórico-cultural, o dualismo leva à desintegração e à reorganização, mais de que à conservação de dois sistemas sobrevivendo lado a lado.

Essa é uma outra característica que se torna clara do esquema teórico exposto: a função desintegrante desempenhada pela cultura científica sobre as demais culturas. Quando os membros da sociedade científica, levados pelos impulsos expansionistas analisado no artigo anterior, ou por algum outro motivo, entram em contacto com uma sociedade de outra cultura, demonstram a esta as características da cultura científica que a fazem desejável para o observador externo a ela. Com isso se inicia um processo que só muito raramente termina com a rejeição da cultura científica pela sociedade que entrou em contacto com ela. O que aconteceu comumente, é que a cultura científica passa a ser considerada como desejável, e, se há pessoas que se interessem para promover a mudança, se iniciará um processo de adoção dos padrões e valores da cultura científica, e a cultura pré-existente começará a se comparar com esta, tomando para si a denominação de subdesenvolvida, com suas consequências psicológicas. O herodianismo (7), nos grupos que primeiro consentem em mudar algumas partes essenciais da cultura a que se tem denominado de "estática" e "tradicional", advém da adoção da cultura científica, em período anterior à conscientização pela sociedade do estudo de transição. (8)

Aqui cabe referir-se ao trabalho que está sendo levado a efeito por autores sobretudo norte-americanos, os quais têm indagado quais são os elementos que fazem com que algumas culturas que entram em contacto com a cultura científica mais ou menos na mesma época, tenham reagido a ela de modo diverso. McClelland (9) analisou os fatores "realização, afiliação e poder" na Índia, Paquistão e Continente Chinês, assim como em três situações diferentes da China. Hagen (10) apresenta uma teoria psicológica, que fundamenta a aceitação do desenvolvi-

mento na presença da personalidade criativa e de uma “atitude a favor do trabalho técnico-manual e do mundo físico”.

Essas qualidades, segundo tais autores, talvez determinem o sucesso ou a maior eficiência dos diversos países em seu caminho rumo ao desenvolvimento econômico. Isso é, nas culturas que já apresentam traços que são básicos para a instalação das novas relações entre o homem e a natureza, os quais se aproximam daquêles da cultura científica, o processo de desenvolvimento se realiza com mais rapidez, independente da quantidade e da duração do contacto com o ocidente.

De qualquer modo os indivíduos são os portadores e os que fazem uso da cultura. Por isso, o estudo do problema no plano individual é muito importante para a sua compreensão. Além dessas qualidades pessoais, analisadas por aquêles autores, a posição dos indivíduos na sociedade e seus interesses em relação a ela, desempenham um papel que poderá ser importante. Quando os indivíduos que se beneficiam economicamente do contacto entre a cultura científica e a outra cultura pertencem a esta segunda, parece haver mais facilidade para o desenvolvimento (11). Isso será, não só por causas econômicas, mas também pela maior adaptação dos indivíduos às características da Cultura científica, o que já os teria classificado para habilidades empresariais.

O terceiro ponto importante é a determinação da responsabilidade, ou, em termos menos moralizantes, da função agenciadora que a sociedade científica assume em relação às sociedades subdesenvolvidas. O processo de desenvolvimento — contínuo cuja parte inicial se chama subdesenvolvimento — principiou, na maioria das vezes, por ação consciente dos membros da cultura científica, que entraram inicialmente nos membros das outras culturas, uma aquiescência mais ou menos maciça, mas, de qualquer forma, muito pouco consciente das consequências futuras que daí se encadeiam. Depois que uma sociedade resolve, sociologicamente, adotar a nova forma cultural, espera que os membros da cultura científica continuem no seu papel de agenciadores da mudança, em que pareciam tão bem integrados nos primeiros momentos do contacto cultural. Essa

atitude de expectativa frente à sociedade científica, como quem espera que ela cumpra uma obrigação, muitas vezes se tem solidificado em ódio contra ela, pela obrigação não cumprida, ou em desdém pela ajuda recebida. Nela tem origem um dos pontos de perplexidade para os países europeus e Estados Unidos da América do Norte.

Depois de prestarem ajuda, a seu entender apreciável, deparam-se com uma atitude muito diferente da de humilde gratidão que se espera dos países subdesenvolvidos.

O “american go home”, que se repete no mundo subdesenvolvido, não teria alcançado tanta popularidade entre as massas, se só fôsse um “slogan” esquerdista-comunista, sem encontrar raízes sociológicas que o fazem aceitável e lógico às populações dos países aonde há luta entre as duas culturas, a tradicional, seja ela de que ciclo fôr, e a científica, mesmo para as pessoas que não estão diretamente interessadas em política. Os protestos tomam diferente forma de expansão, conforme as tradições culturais em que se integram. Variam desde a auto-incineração em praça pública, praticada pelos bonzos do Vietnam, coerente com as tradições sul-asiáticas de estoicismo e domínio do corpo pelo espírito até a “bossa nova” de protesto brasileiro, na linha latino-americana, e sobretudo afro-latino-americana de “revolución con pachanga”, usada também por Fidel Castro em Cuba. Apedrejamentos de consulados e embaixadas, anti-americanismo e anti-europeísmo, muitas vezes racionalizados e politizados em ideologias nacionalistas, são outras manifestações do fenômeno. O nacionalismo dos países subdesenvolvidos se manifesta muito menos em absolutização dos valores nacionais, como o nacionalismo europeu da primeira metade do século, de que em protesto contra os países desenvolvidos, que dominam de uma forma ou de outra, ou que foram os introdutores e agenciadores da cultura científica.

Essa atitude “ingrata” é decorrente da expectativa de que a função agenciadora seja levada às últimas consequências, ao mesmo tempo que se mescla com um sentimento vago de revolta, por ter sido lançado em uma aventura só frouxamente desejada e de que não se sabe exatamente as consequências,

mas cujo preço, porém, é sentido a cada hora, a cada momento. O processo de desenvolvimento é, pois, uma experiência marcada por sentimentos de frustração.

Estamos convencidos, embora não tenhamos dados empíricos para prová-lo, que o momento sociologicamente decisivo para o desenvolvimento de um país, é quando o ideal de desenvolvimento se generaliza como ideologia, passando a ser patrimônio da população como um todo, e não só de um pequeno número de indivíduos, formem êstes uma elite de empreendedores, de técnicos ou de políticos. Chamamos de decisivo o momento a partir do qual já não há possibilidades sérias de uma frustração do processo. Nesse sentido poderíamos chamar de "take off" sociológico aquêle momento em que o desenvolvimento econômico se transforma em projeto nacional, tornando-se auto-propulsor.

O "take-off" sociológico pode ser conseguido por uma revolução, como foi o caso de Cuba, pela consecução de um projeto nacional, como parece ter acontecido no Brasil com a construção de Brasília. A política dos Estados Unidos de boicote econômico a Cuba é uma tentativa de provocar a frustração do processo sociológico de desenvolvimento, através de causas econômicas.

No caso do Japão, o "take-off" sociológico foi comandado pelos samurais, líderes da Restauração Meiji (1868), que popularizaram o ideal de ocidentalização, como resposta ao perigo da expressão colonial do mesmo Ocidente. O lema era "um país rico e um exército poderoso". (12)

Mais uma conclusão que se impõe da abordagem que fizemos: diversas vezes falamos do contínuo subdesenvolvimento-desenvolvimento, como Redfield estabeleceu o "folk-urban continuum". Na realidade o processo do desenvolvimento poderá ser tratado nessa forma se: a) se considerar os dois extremos unicamente como "tipos ideais" (Max Weber) que, portanto, não correspondem a uma realidade, mas somente a *bos-quejam*; b) se não se considerar a mudança como um processo de velocidade uniforme; c) se não se considerar a mudança como um processo que acontece concomitantemente entre *tôdas*

as partes das culturas. Em todos os casos é necessário lembrar que cada sociedade subdesenvolvida (país, no caso) está percorrendo um contínuo cujo tipo ideal no lado terminal é o mesmo, ou seja, a cultura científica, mas cujo tipo ideal do lado inicial é distinto em quase cada caso: um ciclo cultural com características bem definidas e, talvez, que tenha funcionado integradamente até o início do processo de desenvolvimento.

Atualmente todos os países existentes na terra, e que não são desenvolvidos, se consideram e agem como subdesenvolvidos. Já não existe nenhum que reivindique para si a posição de à margem do processo do desenvolvimento. Há populações que estão evidentemente à margem do processo, como é o caso dos esquimós, para quem a cultura científica não se adapta, nem oferece um modo de viver, e nem sequer de sobreviver em condições ecológicas tão diferentes das dos países geradores da mesma. Talvez poucas outras regiões estejam no mesmo caso. Se olharmos o problema considerando as unidades político-administrativas como um todo, como vimos fazendo, as exceções possivelmente desaparecerão.

A Organização das Nações Unidas, que reúne praticamente a totalidade das terras do mundo, trata os problemas econômicos sob êsse ângulo, com o pleno apoio e integração nêsse pensamentos, de todos os seus membros. As notórias exceções de regiões que se encontram fora daquela organização, são a China continental e alguns territórios que dependem de outros Estados, seja como colônia, ou como protetorado. Nessas regiões os movimentos pela independência e pelo desenvolvimento, ou sua integração em sistema econômico que faz parte da cultura científica, é uma constante. Quanto à China continental, é notório o seu esforço para implantar um sistema moderno de produção. A China é uma das sociedades aonde a palavra "massa" encontra mais profunda significação, não só econômica, como ideológica e numericamente. É um país que inegavelmente deve ser incluído entre os subdesenvolvidos.

Segundo a experiência na própria ONU, todos os países subdesenvolvidos estão dispostos a fazer um esforço para melhorar sua posição no "contínuo desenvolvimento-subdesenvolvi-

mento". Todos êles adotam explicitamente, pelo menos em nível de governos e de política externa, o desenvolvimento como projeto nacional, como ideal a atingir. Êsse projeto nacional se apoia em primeiro lugar no desejo, e mesmo na necessidade — necessidade causada pelo desequilíbrio entre o aumento da população e a produção de alimentos e bens de consumo básico, ou pela carência secular de alimentos — de por à disposição dos habitantes do país os bens e confortos que resultam de uma estrutura moderna de produção econômica. Assim, a preocupação é conseguir para o país o acesso aos bens e serviços da moderna, tecnologia. Êsse acesso só é possível a longo prazo, pela instalação no interior do país de um mecanismo de produção em massa, que faça jus ao consumo também em massa.

O problema começa a se complicar quando se passa para a experiência prática do desenvolvimento. Como os países subdesenvolvidos pertencem a ciclos culturais diferentes da cultura científica, têm sua vida social e cultura organizada em outro sentido, que não condiz com a instalação do desenvolvimento econômico. Cada cultura tem, entre seus valores, um a que os antropólogos denominam de foco cultural. É o valor que exerce na cultura o papel de maior importância, e para o qual os outros estão dirigidos. Na cultura científica, o foco cultural são os valores econômicos. A forma de relacionamento entre o homem e a natureza é o meio pelo qual êsse foco tem vigência. Por isso desenvolver-se significa, para as outras culturas, adotar como foco cultural os valores econômicos. Êsses valores estão expressos concretamente na sociedade científica, através de sua organização da produção.

Êsse foco cultural da cultura científica é uma decorrência do seu desenvolvimento interno, como vimos atrás. Por isso é mais ou menos coerente com as demais partes da mesma. Sendo uma aplicação da eficiência na transformação dos bens da natureza em bens econômicos, ela tem como base outros caracteres da cultura, como racionalidade, disciplina, espírito empreendedor, etc., etc.

As áreas subdesenvolvidas, que procuram adotar o modo de produção da cultura científica, têm outros focos culturais

diferentes, que dirigem a organização da sociedade e os valores da cultura em outras direções. Elas têm sistemas econômicos que, sob o ponto de vista da cultura científica, são organizados "ineficientemente".

Esta "ineficiência" está correlacionada com a organização social, a estrutura da família, a estrutura fundiária, os hábitos de consumo e poupança, as instituições jurídico-políticas, o sistema administrativo-burocrático, etc. Mas êsses fatores, que dificultam a adoção da cultura científica, não são iguais em todos os países subdesenvolvidos. Quase cada país apresenta os problemas de um modo diferente. A multiplicidade de ciclos culturais já propõe modelos de vida, ou culturas, com características marcadamente dessemelhantes. E essas culturas são realizadas em situações concretas que sofrem a influência de fatores geográficos, ecológicos e históricos diversos. Assim podemos chegar a uma caracterização de subculturas nacionais ou regionais, que são para os países subdesenvolvidos, o que para os países desenvolvidos são os modelos nacionais realizados de desenvolvimento.

O processo de desenvolvimento consiste em realizar um modelo nacional, segundo os moldes da cultura científica. Êsses moldes, porém, não existem em forma pura, mas sim concretamente realizados nos diversos países desenvolvidos, sob a forma de modelos nacionais.

Essa característica do processo gera alguns problemas culturais que apontaremos a seguir: sendo os modelos de desenvolvimento econômico com que os países subdesenvolvidos tomam contacto, uma realidade muito concreta, êsses países subdesenvolvidos tendem muitas vezes a tentar uma imitação da sociedade científica, segundo o modelo de um determinado país. Essa situação, porém, é frustradora e estéril, na medida da impossibilidade de uma cópia exata de uma sociedade por outra.

Tôda a organização de produção da cultura científica se baseia na racionalização. A racionalização da vida econômica, corresponde ao uso dos fatores de produção de modo ótimo, como vimos. Isso é: a cada situação concreta corresponde uma racionalidade diferente, porque a quantidade relativa dos fa-

tôres de produção, assim como as qualidades do fator "terra", o qual engloba os insumos da produção, estão presentes em proporções que dificilmente se repetem. Essas proporções exigem combinações que são novas para cada caso, para se conseguir um ótimo de produção. O índice capital-trabalho dos países subdesenvolvidos é conhecidamente mais baixo de que nos países desenvolvidos. Isso requer uma racionalidade de nível diferente no uso das máquinas. Nem sempre, para uma fase incipiente e média do processo de desenvolvimento, é mais racional o uso da técnica de produção que permita dispensar maior número de trabalhadores, embora a meta a longo prazo seja conseguir o máximo possível de substituição da força humana pelas forças naturais.

Além disso, a racionalização da produção não deve ser conseguida unicamente em níveis micro-econômicos, ou de empresas unitárias, mas sim do sistema econômico total do país. Sem isso será impossível satisfazer a uma das características básicas do desenvolvimento, que é a cumulatividade do processo e a diferenciação do sistema. A racionalização global do sistema econômico, segundo autores, sobretudo economistas, que se têm preocupado com o assunto, não se pode conseguir atualmente para os países subdesenvolvidos, a não ser pelo planejamento da economia. Para o caso da América Latina, temos excelentes estudos a respeito, feitos sob o patrocínio da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas). Como êsse é um assunto que não nos interessa diretamente aqui, deixamo-lo de lado.

Além dos problemas que ocupam o epicentro da cultura científica, e são de ordem econômica, todo o resto do ciclo cultural anterior tem que se amoldar ao novo foco cultural. Esse amoldamento, contudo, não é uma adoção pura e simples dos valores da cultura científica, mas ocorre através de um processo de interpenetração de valores das duas culturas, de reelaboração de conceitos, de desorganização cultural (13) e social, e reorganização posterior.

A cultura científica, nos países que a tiveram por importação, exógena, é sempre uma solução de compromisso entre ela própria e a cultura que antes existia ali.

Interessante e necessário será estudar, quais são as partes da cultura científica que necessariamente se instalam na região, ao se instalar o desenvolvimento econômico, e quais são aquelas que são aproveitadas da cultura anterior. Indagar até que ponto o mundo do futuro — assumindo como provável que êle será organizado dentro dos padrões da cultura científica, mais cedo ou mais tarde — será monotonamente uno e até que ponto êle apresentará diversidades regionais. Parece que o campo da vida diária, com os objetos de uso corrente, os costumes alimentares do trivial, tendem para a uniformização. Essa uniformização está mais avançada nos pontos da sociedade que mantêm mais contactos com o exterior: hotelaria, aeroportos, cidades portuárias, áreas de intenso turismo. Parece também que essa uniformização tende a se generalizar na medida em que há a unificação de mercados, de modo a que um determinado produto possa ser produzido em quantidades maiores e ser distribuído em uma região também maior.

A arte parece corresponder ao polo contrário. Embora a arte moderna represente uma tendência para a uniformização nas concepções, na técnica e no estilo, ela não pode ser considerada como a única expressão artística legítima e característica da cultura científica, tanto mais que toda uma ala dessa cultura, o campo socialista, mal a suporta e pouco a usa.

Além disso, alguns sociólogos pensam que a tendência de aproveitar na arte as diferenças culturais e regionais se fortalecerem, também no ocidente, como já começa a acontecer, exatamente para contrabalançar a tendência à uniformização, que se objetiva nos outros campos da cultura.

Um campo muito mais complexo é o que se refere à filosofia e aos valores espirituais. Haverá a possibilidade de uma homogeneização? O Professor Arnold Bergstraesser diz que "Os pressupostos espirituais e sociais que hoje fundamentam e que determinam a direção da mudança e estrutura da sociedade são essenciais, também, para a futura forma de realidade política. Sem êles, independência política, liberdade político-social e desenvolvimento econômico tornam-se postulados vazios. (14)

Talvez êsse ponto de vista seja por demais culturocêntrico, devendo-se esperar, antes, uma reformulação do sistema de valores, com a contribuição, sobretudo, das culturas mais elaboradas, e através da experiência dos países que chegaram a constituir culturas originais a partir de outras de diversas origens, como a América Latina em geral, e o Brasil em particular.

Os países da América Latina se distinguem dos da Ásia e da África, pela sua origem cultural. Êles fazem parte, uns mais propriamente, outros um pouco menos, da cultura ocidental-cristã. Em cada um dêles essa cultura se encheu de peculiaridades, pela diversidade da origem dos que a levaram até ali, pela necessidade de adaptação ao trópico ou simplesmente à nova ecologia, pela mistura que teve com as culturas indígenas, já por si e entre si muito diversas, pela influência das culturas africanas importadas por via dos escravos, e, ultimamente, pela ação dos imigrantes pertencentes aos mais diversos ciclos culturais. A origem européia, porém, os valores e suas formas cristã-ocidentais, ficaram e permanecem como pano de fundo.

Essa situação especial produz uma problemática do desenvolvimento distinta nessas regiões. As mudanças culturais perdem grande parte de seu radicalismo, concentrando-se êste nas mudanças sociais. O problema central, porém, da mudança do foco cultural e da instalação de um tipo moderno de relação entre o homem e a natureza, continua de pé. Com efeito, a formação da sociedade latino-americana foi anterior ao aparecimento na Europa da cultura científica. Os valores importados para os países que assim se formaram, embora tenham sido em parte os mesmos que, evoluídos, deram origem à cultura científica, ainda não se haviam desenvolvidos neste sentido no tempo em que foram transplantados para as colônias na América. Reformados, transformados e completados aqui, terminaram por fazerem parte de uma sociedade que mais se aproxima do tipo "estático" de Behrend, que do "dinâmico". Essa sociedade, porém, conservou as ligações com o mundo cristão ocidental, considerando a êste como a fonte de inspiração cultural e até o determinante da validade ou não das transformações culturais que as novas regiões iam elaborando.

## NOTAS

## I

- 1) Karlernst Ringer: "Zur Begriffsbestimmung der Entwicklungslander" in "Entwicklungspolitik — Handbuch und Lexikon", cit. — col. 3.
- 2) Ver, entre outros, o artigo citado de Karlernst Ringer, o livro de J. J. Le-bret "Suicide ou Survie de l'Occident? Paris, 1954. e. para uma visão resumida porém clara. Yves Lacoste: "Les Pays Sous-développés" Paris, PUF, Coleção "Que Sais-je?"
- 3) "Gesellschaften im Umbruch", in Entwicklungspolitik — Handbuch und Lexikon", cit., col. 165 ss.
- 4) Jacques Lambert: "Os dois Brasis", Rio, 1959.
- 5) Octávio Ianni: "Estado e Capitalismo", Rio, 1965, pp. 73 a 82.
- 6) Celso Furtado: "Developpment et Stagnation en Amerique Latine — une approche Structuraliste" in "Annales. Economies, Sociétés Civilizations". 21 — annés, janvier-février 1961, n° 1, p. 15.
- 7) "Zur soziologischen Analyse des Phanomens der sozio-kulturellen Fremd-bezogenheit wird in Lateinamerika seit einigen Jahren auf Anregung von Roger Vekemans der durch Arnold Toynbee gepragte Begriff des "Herodianismus" verwendet; Herodes, zwar phisisch in Palastina, lebte dennoch geistig und kulturell in Rom. Ebenso die "herodianischen" Oberschichten der Lateinamerikanischen Gesellschaften: zwar phisisch in Lateinamerika, leben sie geistig und kulturell in der vollentwickelten europaisch-nordamerikanischen Industriegesellschaft". Hans-Albert Steger: "Sozialrevolution Fidel Castros in Cuba (1959-1962)". Mimeografado, p. 9.
- 8) Paulo Freire: "Education et Conscientisation" in "Développement et Civilisations", n° XXIII, Paris, Septembre 1965.
- 9) David McClelland: "Padrões Motivadores no Sudeste da Ásia com especial referência ao caso chinês", in "Sociologia", São Paulo, setembro de 1964, n° 3, pp. 307 ss.
- 10) Everett E. Hagen: "Como se inicia o Desenvolvimento Econômico" in "Sociologia", São Paulo, setembro de 1964, n° 3, pp. 321 ss.
- 11) Ver Celso Furtado: "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", Rio 1963. Capítulo "Elementos de uma Teoria do Subdesenvolvimento — pp. 163-193.
- 12) Ver Fernando de Oliveira Mota: "Manual do Desenvolvimento Econômico", cit., pp. 250-251.
- 13) Emílio Willems: "Uma Vila Brasileira" Tradição e Transição, São Paulo, 1961.
- 14) Arnold Bergstraesser: "Gedanken zu Verfahren und Aufgaben der kultur-wissenschaftlichen Gegenwartsforschung" in: Gotfried-Karl Kindermann (editor) "Kulturen im Umbruch. Studien zur Problematik und Analyse des Kulturwandels in Entwicklungslandern" Freiburg im Breisgau, 1962, p. 415.

## II

- 1) Ver, a respeito das teorias econômicas do desenvolvimento, além das obras clássicas, o livro de B. F. Hoselitz (ed) — "Theories of Economic Growth", Illinois 1960; a obra de Celso Furtado "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento" (primeira edição: Rio 1961) Rio 1963, de que nos serviremos adi-

ante, e a de Fernando de Oliveira Mota "Manual do Desenvolvimento Econômico", Rio 1964. Nessas obras encontra-se uma exposição analítica das diversas teorias.

- 2) Furtado, "Desenvolvimento e Subdesenvolvimento", cit. p. 19.
- 3) Caldeiran Beltrão: "Sociologia do Desenvolvimento", Pôrto Alegre 1965, p. 115.
- 4) Raymond Aron e Bert F. Hoselitz (ed): "Le Developpment Social": "La Théorie du Developpment et l'Interprétation Historique de l'Epoque Contemporaine", pp. 87-116.
- 5) Rudolf Bicánic: "Comment ne pas Développer un Pays. Essai de Pathologie Économique "em Tiers Monde, Tome VII n° 26, Puf, Avril-juin 1966, p. 255.
- 6) Sôbre os conceitos de crescimento e desenvolvimento ver François Perroux: "Les Blocages de la Croissance et du Développement. La Croissance, le Développement, les Progrès, le Progrès (Définitions)" em Tiers Monde, cit. pp. 239-250.
- 7) "The Stages of Economic Growth" Cambridge, 1960.
- 8) Há, pelo menos, mais 161 definições diferentes de cultura, segundo Kroeber e Kluckhohn: "Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions" (Citado em "Human Behavior: an Inventory of Scientific Findings", Berelson e Steiner, New York, Chicago, Burlingame, 1964, pp. 643-644).
- 9) Emilio Willems em "Cultura", Dicionário de Sociologia Globo, Pôrto Alegre, 1963.
- 10) Sôbre a racionalização ver: Morris Ginsberg: "Towards a Theory of Social development: The Growth of Rationality" in Aron-Hoselitz (ed): "Le Développement Social", cit. pp. 27 ss. e os artigos que lhe seguem, sobretudo o do próprio Raymond Aron, que pergunta pertinentemente: "... il est rationnel de se donner les armes nécessaires pour vaincre, mais est-il rationnel, pour l'ensemble des belligérants, d'employer des bombes au phosphore afin d'encendier les villes, ou des bombes atomiques afin de tuer d'un coup des dizaines de milliers de personnes?" (p. 100). Por isso preferimos reter como relevante unicamente a racionalização do sistema de produção.
- 11) Ruth Benedict: "Patterns o Culture", London, 1955, pp. 139 ss.
- 12) Cit., p. 91.
- 13) Cit., p. 32.
- 14) Bert F. Hoselitz: "Social Aspects of Economic Growth", New York 1962, p. 59.
- 15) James M. Morgan: "Individual Economic Behavior as the link between Personality and Economic Delevopement" in Sociologia, setembro de 1964 Vol. XXVI n° 3 p. 379.
- 16) Cit., pp. 63-64.
- 17) Robert Redfield: "The People of Yucatan".

## Aspectos da mudança social planejada

SYLVIO LORETO

### 1 — Características da estrutura social

A expressão sociedade é genérica e encerra um conceito um tanto abstrato. O que existe na realidade concreta são *as sociedades*, com seus elementos de formação, seus fatores condicionantes. Para significar uma sociedade radicada em um determinado meio geográfico, pode ser utilizada a expressão *comunidade*. Trata-se de um conceito retirado da Ecologia Humana ou Social, mas de imenso valor funcional.

"Êstes dois aspectos da associação humana, esclarece Donald Pierson, estão indissolúvelmente ligados entre si e raramente, ou nunca, existem separados. Para fins de análise e pesquisa é conveniente, porém, distinguir um do outro". (Teoria e Pesquisa em Sociologia, Edições Melhoramentos, 5º Ed., p. 117).

Tratando do mesmo assunto, Caroline Ware, adverte textualmente em seu tão comentado "Organizacion de la Comunidad para el Bien Estar Social:

"O conceito da comunidade não é um conceito limitado. Pode aplicar-se a qualquer grupo que tenha interesses comuns ou que esteja interrelacionado em razão de sua localidade, função ou administração" (p. 12).

Ora, sendo a comunidade uma sociedade concreta e situada, cada uma possui seus problemas e características que lhes são peculiares, aspectos que lhes são totalmente próprios.

Por outro lado "a característica essencial do funcionamento da estrutura social é a estreita e complexa interdependência que

existe entre as partes que compõem (Costa Pinto — Sociologia do Desenvolvimento Ed. Liv. Bros. p. 87).

A sociedade (ou comunidade) forma um certo sentido um todo, e sua divisão só se realiza para fim de estudo e análise. É forçoso constatar que tal fragmentação que se impõe de acôrdo com as especialidades, com o objetivo de estudos mais profundos, têm com frequência levado técnicos, administradores e político, a perderem a perspectivas do conjunto. (Loreto, Sylvio, em estudo intitulado “Implicações Sociológicas do Desenvolvimento de Comunidade”, publicado na Rev. da F. D. Caruaru p. 325). Além dos aspectos de interdependência existente, que faz com que qualquer transformação numa de suas partes acabe atingindo as demais (imediatamente ou não), existe outra característica fundamental que é a permanente mudança em que se encontra cada uma dessas partes. De magna importância aqui é salientar os problemas decorrentes da variação de cadência ou ritmo, com que essas diversas partes mudam. A falta dessa harmonia provoca assimetrias em tôda estrutura social, passando a atuar como fator que dificulta a mudança, vez que, como foi visto, tôdas as partes são estreitamente interdependentes. Por outro lado, podem ainda originar os fenômenos denominados “brechas culturais”, responsáveis por tensões e crises psico-sociais.

A interdependência já referida, possui tal relevância e importância que levou o sociólogo Lynn Smith, estudando a matéria, a considerá-la como a primeira resistência à mudança, denominado por êle “cohesiveness of the social systems” (assunto a ser desenvolvido adiante).

É de tôda utilidade lembrar, que o grau de interdependência e de integração de uma sociedade, determinará a variabilidade do grau de resistência interposta pelos padrões econômicos-sociais, como obstáculo à sua transformação. De acôrdo com essa observação, conclui-se que nas sociedades rurais os obstáculos acima referidos são muito maiores do que nos centros urbanos, uma vez que é uma das características da sociedade rural, um grau elevado de integração.

## 2 — Mudança Social e Desenvolvimento

Já foi visto que a sociedade possui um dinamismo interno permanente. Essa variabilidade, essa alteração permanente — ora mais rápida, ora lentíssima —, seja na sociedade global ou em qualquer de suas partes, é conceituada genêricamente como mudança social.

Com relação aos fatôres que a provocam, êles podem ser *espontâneos*, quando ocorrem por assim dizer, involuntariamente, e *provocados*, quando são intencionalmente desencadeadas, êste é o caso do *processo de desenvolvimento*.

Ainda tendo em vista êsses mesmos fatôres, êles podem se originar na própria cultura, decorrer de invenção a partir dos elementos sócio-culturais internos, ou se originar fora da sociedade. (Neste grupo pode-se incluir geralmente os programas de desenvolvimento).

O desenvolvimento pode ser entendido como a mudança sócio-econômica provocada, utilizando conhecimentos científicos e técnicos, da qual tôda população deve participar de uma forma responsável e ativa, objetivando instaurar condições gerais que possibilitem a plena realização da pessoa humana, de tôdas suas características e valôres.

Os problemas do desenvolvimento em tôdas as suas variações e peculiaridades, têm uma tendência a sofrer uma perigosa distorção, por parte dos que o estudam ou executam.

O fator humano tem sido esquecido amiudamente, face à natural lentidão da adoção de novos padrões de comportamento, valôres, atitudes, etc. Muitos que afirmam dar importância a êsses fatôres, deixam-nos de lado, só levando em conta aquêles visíveis e de fácil percepção, isto é, os aspectos econômicos.

Muitos profissionais têm incidido nessa distorção de abordagem ao desenvolvimento, jornalistas, comentaristas, e até técnicos e administradores; no entanto, merece atenção especial a objetivação dêsse equívoco em programas e planos de desenvolvimento.

Em conclusão, é essencial não perder de vista que os povos evoluem, toda sociedade muda, renova-se, em forma espontânea, ou intencional, mas sempre com as mesmas características sociológicas de mudança social.

### 3 — *Causas Sociológicas de Mudanças*

Os sociólogos têm apresentado algumas causas provocadoras de mudanças sociais. Entre elas podem ser citadas: a) as inovações decorrentes de invenções; b) a difusão de idéias novas; c) as ideologias.

Cada um destes fatores estão inseridos num certo contexto histórico, os quais podem ter sua ênfase simultânea ou separadamente. Suas características decorrem da realidade onde surgem e onde se desenvolvem.

a) — *as invenções* dependem da capacidade criadora de alguém, mas é indispensável que tal capacidade encontre circunstâncias e condições favoráveis, para que possa realmente frutificar. Por exemplo: para que se conseguisse fazer voar o mais pesado que o ar, foi absolutamente indispensável que existissem inúmeros conhecimentos físicos que levassem alguns homens a vislumbrarem a possibilidade de executar aquela idéia. Nesse sentido, é curioso notar que estudos acerca da sociologia das invenções, nos Estados Unidos, com abundante pesquisa acerca das mesmas, demonstraram que em determinadas épocas o número de pedidos de patentes de invenções semelhantes são surpreendentemente grande.

Essa constatação revela que a simultaneidade de tantas pessoas descobrindo as mesmas coisas, decorrem de estímulos ou motivações semelhantes. Assim, não foi por acaso que Santos Dumont e os Irmãos Wright, mais ou menos na mesma época, descobriram e realizaram o vôo do primeiro aeroplano. Repetição de fatos como este, existem em abundância na história das invenções.

A simples invenção e utilização de um novo instrumento — entre as invenções estão incluídas tanto as de natureza material

como as de natureza social — acaba tendo repercussão em todos os setores da sociedade. Um exemplo simples de uma cadeia de invenções, a partir de uma inicial, e que está bem analisado por Ogburn e Nimkoff, é o do rádio. O rádio como meio de propaganda, de difusão de idéias, ampliando a capacidade de difundí-las, que é capaz de levar à uniformidade de pensar toda uma sociedade. O rádio como meio de educação, de alfabetização, de extensão cultural, etc. O rádio como meio de controle e segurança nos vôos, como meio de difusão diversional. Os Jogos Olímpicos Mundiais, as competições internacionais, a Copa do Mundo, são transmitidos para todos os continentes através do rádio, e hoje de uma forma mais completa com a televisão. O rádio como instrumento indispensável para se atingir a lua. Finalmente, o rádio como meio de interferência e ação política, educacional, religiosa, literária, e artística, etc., etc.

Uma imensa variedade de campos sofrem repercussão direta, em decorrência quase que exclusiva desta invenção. No exemplo acima citado, podem ser enumeradas como parte da cadeia de inventos dele decorrente: os auditórios, as gravações, a distribuição de discos, a idolatria popular de cantores, etc.

b) — *a difusão das idéias* — decorrendo dos contatos sociais. Todo e qualquer meio de comunicação, da simples conversa em visitas ou no ambiente de trabalho, aos de maior raio de ação e eficiência, como imprensa escrita, falada e televisivada, possibilitam a efetivação desse processo eminentemente sociológico: o contato.

As novas idéias circulando, são testadas pelos grupos, concorrendo com as tradicionais, e estas nem sempre levam vantagem, sendo então substituídas.

c) — *as ideologias* decorrem de aspirações da sociedade no sentido de concretizar certas formas de organização social, política e econômica.

Suas características e aceitação depende de circunstâncias históricas.

4 — *Causas Econômicas de Mudança*

Celso Furtado estudando o problema afirma: “A análise do processo de mudança em um sistema cultural, permite identificar aquelas inovações que não provocam modificações definitivas no equilíbrio desse sistema, sendo portanto absorvidas, bem como, aquelas outras tipicamente de caráter dinâmico. As inovações tecnológicas introduzidas no processo produtivo se incluem entre estas últimas e, em razão das reações em cadeia que provocam num fluir permanente, condicionam todo o processo de mudança social. Contudo, como as mudanças na cultura não material — no sistema de valores sociais — se efetua a um passo muito mais lento que as transformações no sistema de produção, compreende-se que nas épocas de rápida absorção de inovações possa haver grandes tensões psico-sociais” (*Dialética do Desenvolvimento, Fundo de Cultura, p. 25*).

Dois consequências fundamentais podem ser retiradas da lição do economista pátrio: primeiro — as mudanças econômicas têm sido causa de problemas sociais, embora se processem no sentido do desenvolvimento; segundo — quando a intervenção intencional não leva em conta *o todo social*, preocupando-se unicamente com aspectos setoriais, é causadora indireta das tensões acima referidas.

Quais as características dos fatores econômicos para possuírem tal dinamismo? O que ocorre é o seguinte: os fatores econômicos, pelo fato de serem menos sensíveis e com menos implicações emocionais, possuem maior facilidade de mudança do que os sociológicos, face a natureza muito mais emocional destes.

Os fenômenos econômicos decorrem inicialmente das relações dos homens com a natureza — produção de bens, sua circulação, seu consumo — por outro lado pela utilidade, pela facilidade com que um homem qualquer, um trabalhador ou empresário, encontra em utilizar um certo machado mais resistente, um instrumento que seja mais eficiente no seu trabalho, por esse aspecto que ele vê e sente, por esse lado da eficiência que ele encontra naquele instrumento, com muito mais facilidade

o adota. Produzindo mais, mais rápido e com menos esforço, como consequência obtêm maior rendimento, e que provoca toda uma cadeia de mudanças de natureza sócio-econômicas. O simples processo econômico de mudanças foi desencadeado.

Não se deve, entretanto, perder a visão perfeita dos problemas e toda a concatenação que possui as ocorrências em sociedade, chegando a imaginar que o econômico é totalmente divorciado do sociológico. Nesse sentido é de toda válida a afirmação do sociólogo Florestan Fernandes, acerca do assunto: “As atividades econômicas, como todas as atividades supra-individuais dos homens, são coordenadas e reguladas por mecanismos sociais, o que faz com que a ordem econômica seja uma expressão do padrão de integração social do sistema societário inclusivo”. E mais adiante completa a idéia: “Os fatores psico-sociais e sócio-culturais exercem poderosa influência sobre o comportamento dos agentes econômicos”.

Por sua vez os fenômenos de natureza social são carregados de conotações emocionais, são impregnados de valores de natureza ética, e estão diretamente relacionados com a estrutura da própria sociedade, com os “folkways”, com os “mores”, que são normas de comportamento ou padrões culturais que a sociedade considera como inerentes à sua própria natureza e fundamental à sua própria existência. Significa tudo isso que a sociedade não tem condições de romper imediatamente com tais valores, com aqueles padrões. Caso isso aconteça, cada homem pode sentir-se como que contradizendo-se, ou negando-se, ou mesmo, destruindo-se.

Por outro lado, aqueles que por qualquer motivo, se dispuserem a negar ou destruir qualquer dos valores mencionados, serão identificados imediatamente como delinquentes, tornando-se passível de punição. Neste caso incluem-se os assassinos. A sociedade considera a vida absolutamente essencial e inerente à própria natureza. Outro exemplo: uma sociedade que admite a indissolubilidade do matrimônio, regeita radicalmente qualquer tentativa de se instaurar o divórcio. A repulsa é imediata e por vezes violenta.

Pelas razões acima apresentadas, fica clara a dificuldade de romper-se ou mudar-se padrões dessa natureza.

A mudança na esfera sociológica é portanto, mais lenta do que na esfera puramente econômica.

### 5 — Resistência à Mudança

Já foram vistas as causas geradoras de mudanças sociais. Será estudado a seguir os fatores de resistência à mudança, e os setores de menor dinamismo.

Podem ser citados apoiados no estudo de Ogburn e Nimkoff três fatores principais de resistência à mudança: a) tradição; b) o medo da novidade; c) os interesses criados.

a) — *a tradição* — que é o apêgo ao tradicional por força do sentimento. A linguagem comum já consagrou a idéia do espírito tradicionalista de um certo povo. Existem, naturalmente, povos ou sociedades mais tradicionalistas que outros. A medida que uma sociedade está isolada, ou, ameaçada na sua integridade por outra, ambas permanecem ou tornam-se tradicionalistas. Aquela por falta de comunicação, esta para vencer a ameaça. Estas quanto mais ameaçadas, mais tradicionalistas, aquelas, quanto mais isoladas, mais tradicionalistas, com menos mudanças face às poderosas resistências que se desenvolvem. Terá menos mudanças porque mais isoladas, porque têm menos contato, porque têm mais tradição, etc., etc. Um aspecto está intimamente ligado ao outro, formando uma espécie de círculo sem solução de continuidade na sua inteireza. Dêsse modo, permanece realmente tradicionalista em todos os seus aspectos sociológicos, econômicos, religiosos, etc. É todo um contexto, todo um conjunto que está sofrendo o impacto desta tradição. “O uso de formas antigas é mais fácil que fazer ou adotar novas formas”, como tão bem afirmou Ogburn e Nimkoff.

b) — *hábitos adquiridos e medo da novidade pelos antigos* — Em todas as sociedades existem pessoas que têm medo do novo, só porque difere daquilo que está habituado a ver ou agir, ou ainda, por incerteza ou receio da inovação. Essa

atitude ou comportamento provocam sérios obstáculos a qualquer mudança.

Esta é uma ocorrência muito mais frequente do que se pensa comumente. É um tipo de reação inteiramente emotiva, mas que pode bloquear todo o processo de mudança.

c) — *interesses criados* — Todos aqueles grupos, toda aquela população, todo aquele setor social que já tem o seu “status” estabelecido, a sua posição social, o seu papel dentro da sociedade, reconhecido, respeitado, não quer vê-lo alterado e tem receio de qualquer outro tipo de comportamento ou atitude, ou norma de ação, ou surgimento de outro grupo que venha colocar em risco, esta sua posição. Em consequência de tais razões, surge toda uma série de bloqueios no sentido de impedir a mudança.

Por exemplo, em qualquer localidade do interior, onde existe um “chefe político”, cidadão por todos respeitado, no momento em que, por qualquer circunstância, aparece uma pessoa que coloque em risco sua liderança política ou patriarcal, é imediatamente considerado um inimigo. O agrônomo que vai aos pequenos agricultores levando seus ensinamentos, e que acaba muito procurado e se tornando conselheiro para todos assuntos, convidado para todas as festas, etc. Todos obstáculos necessários são inventados para fazer desaparecer esse concorrente. É o tipo de reação natural em que uma pessoa, (pode ser pessoa ou grupo), reage contra qualquer inovação social que venha abalar os seus interesses criados, os princípios considerados estabelecidos. Encontra-se então, em torno dessas mudanças e na decorrência delas por força de difusão de idéias, ou por força de ideologias novas, um mundo de ocorrências, com toda uma série de consequências sociais.

Os acontecimentos podem também ser provocados por fatores sem quase nenhuma interferência da vontade, é o caso do aumento demográfico. Mesmo assim, uma série de fenômenos sociológicos da natureza do acima citado, tem surgimento. A população rural aumentando, a tensão cresce por força de um mais estreito relacionamento e um maior pauperismo. Na im-

possibilidade de permanecer tantos na mesma área, tem início o deslocamento populacional, surge um novo problema, a migração. Migrações essas que se realizam entre localidades do meio rural, e de um modo particular, para o meio urbano, fazendo surgir uma série de outros fenômenos sociologicamente estudados, alguns bem dentro da problemática aqui apresentada.

### 6 — *Partes da Estrutura Social onde ocorrem Resistência à Mudança*

Estudando a resistência à mudança dentro de novas perspectivas, aqui serão apresentados setores ou áreas, que podem tornar-se de maior resistência à mudança, e chegar a atuar como freio no processo que se pretende instaurar.

Seguindo o estudo do sociólogo Costa Pinto, em seu trabalho "Sociologia e Desenvolvimento", adiante vão exemplos de algumas partes da estrutura social, nas quais surgem com mais frequência resistências à mudança.

1 — *Estratificação Social* — o fenômeno que se observa aqui, é a dificuldade criada, de substituir um sistema fechado, por um mais aberto, mais flexível, com fácil mobilidade vertical. Desfrutando de uma posição definida, e com uma forte consciência de sua superioridade (como é o caso em certas áreas brasileiras, em que as classes elevadas desacreditam da capacidade dos inferiores e semialfabetizados de se superarem e progredirem social e economicamente), as classes dirigentes de sociedades arcaicas ou de sociedades em desenvolvimento, colocam todos os obstáculos disponíveis à mudança, ao desenvolvimento, à superação daquelas classes.

Nesse particular pode-se citar aqui no Brasil, todo empenho que grupos econômicos, líderes intelectuais e religiosos, realizaram no sentido de combater as leis sociais, a hoje famosa legislação trabalhista, considerada até, uma das mais avançadas do mundo. Desde razões de ordem econômica até motivos morais e éticos foram invocados contra programas de melhoria do trabalhador.

2 — *Política* — O que ocorre com as classes cêdo repercutirá na esfera política. A resistência aqui, tende a se configurar pela limitação a maior participação e representação política de nova classe que surge.

O problema assume gravidade face ao sistema representativo adotado, uma vez que as soluções apresentadas por grupos profundamente diferentes, têm como consequência soluções distintas, e até contraditórias.

Na verdade ocorre que o desenvolvimento libera forças políticas que passam a participar e até a decidir na política, mas pode haver o risco de não estarem plenamente capacitadas, para as responsabilidades a que são chamadas.

3 — *Família* — O desenvolvimento provoca mudanças profundas na família, quer quanto à sua estrutura interna, quer quanto às suas funções e relações com outras instituições sociais e seus valores.

A família patriarcal, cujo modelo é imitado em todas as classes da maior parte do meio rural brasileiro, resistem às mudanças e aos fatores que a determinam.

Tal resistência só tem lugar no plano dos valores, pois nos demais, atualmente a família brasileira já não exerce influência significativa.

A maior resistência se efetiva contra à secularização, à nova atitude diante da vida, provocando conflito de valores com extensão e ordem muito diversas, por exemplo: o papel e funções da mulher dentro e fora do lar, a educação dos filhos, o matrimônio, as liberdades e obrigações das gerações mais jovens, etc.

4 — *Empresa* — A estrutura da empresa é o aspecto significativo do ponto de vista aqui estudado.

Nas sociedades arcaicas têm predominância as organizações de empresa com base familiar. Tanto seu suporte tecnoló-

gico, quanto sua estrutura administrativa e organização interna e relações com o mercado. Esse tipo de empresa resiste à adoção da racionalização.

“Um dos setôres em que condições novas, criadas e exigidas pelo desenvolvimento, mais nitidamente se chocam com os velhos padrões empresariais — é o das relações entre empregados e empregadores, onde se assiste a liquidação de tôdas as condições em que repousam o velho patriarcalismo patronal, sem que se observe a formação, no mesmo ritmo de formas institucionais que o substituam” (Costa Pinto, obra citada, p. 102).

Outro aspecto é a grande dificuldade em adotar padrões racionais de trabalho.

Há ainda a constatar, na medida que a empresa arcaica resiste, passa a provocar graves problemas de pessoal, rejeitando todos seus elementos que aspiram ascender, retendo os de baixo nível, por confundir um certo sentido — promoção com propriedade.

5 — *Educação* — A educação tem sido considerada por muitos políticos e doutrinadores menos avisados, como fórmula salvadora para problemas de subdesenvolvimento.

O que a experiência tem evidenciado, é que quando se pretende introduzir mudanças através da escola, sem que essa inovação corresponda a uma mudança estrutural, o fracasso é certo, chegando até ao retrocesso, particularmente quando não se efetua a complementaridade do ensino, com o desenvolvimento a ser implantado. É o caso de certos programas de alfabetização, destinados à trabalhadores da enxada, que não se preocupa com a linguagem usada e temas do material de leitura, nem com o instrumental para aperfeiçoamento e acompanhamento. Sem poder utilizar os conhecimentos adquiridos com tanta dificuldade, acabam esquecendo o que aprenderam.

Por tais razões, a escola tem servido com frequência, para a transmissão dos valores e padrões tradicionais, das gerações mais velhas para as mais jovens.

### 7 — *Diagnóstico sócio-econômico como base para uma mudança planejada*

Pelo que já foi visto até agora, fica claro que antes de ser iniciado qualquer trabalho ou ação, no sentido do desenvolvimento ou em busca do bem estar das populações, é indispensável um conhecimento tão completo quanto possível, que ofereça oportunidade de um diagnóstico da complexa realidade social.

O trabalho de desenvolvimento deve ser precedido dos seguintes estudos:

a) a análise da realidade com a qual se pretende trabalhar; b) a análise das implicações deste processo de desenvolvimento, e c) a análise sociológica do processo em si.

a) o estudo e diagnóstico dessa realidade com a qual se vai trabalhar, é realmente fundamental para a eficiência do processo educativo ou de desenvolvimento, que se quer instalar. É fácil de compreender, pois que os novos padrões que surgirão, qualquer que seja a natureza deles, têm o seu embrião nos padrões antigos. Isto quer dizer, que é a própria sociedade que evoluindo vai encontrar novos padrões: forma de comportamento, valores da sociedade, sua extratificação, costumes, todo um sistema de técnica de trabalho, técnica de produção, instituições, etc. Em todos esses aspectos encontram-se a nova realidade que se prepara a partir da antiga. Trabalhos de natureza educativa ou de desenvolvimento, só poderá ser realizado com êxito, se fôr conhecido o que existe ao ter início o trabalho.

b) é preciso não perder de vista que cada aspecto da vida social, se relaciona com todos os demais da sociedade. Dois exemplos mostram isso:

I — Programas habitacionais que têm sido levado a efeito em muitos países, têm defrontado com problemas de natureza do aqui exposto. Felizes morando em pobres favelas, tornam-se angustiados, desadaptados, quando passam para as casas novas. Nestas exige-se um grau de higiene por êle desconhecido, um comportamento diferente. Tudo totalmente diverso

do que cada um e suas famílias estavam habituados. Essa é uma trágica verdade, e existem muitas histórias semelhantes.

Num certo programa habitacional, pelo fato de não ter havido preparo suficiente, com a conseqüente mudança de comportamento, aconteceram fatos como os seguintes: alguns quiseram levar para seu apartamento seu "chiqueiro" de porco, outros, quiseram levar "caritô" de caranguejos. Na impossibilidade de realizar tais desejos, restam as tensões e desequilíbrios.

II — Um agrônomo extensionista chega a uma certa localidade, e procura estimular o agricultor a produzir maior quantidade de macaxeira, duplicar ou triplicar. O agricultor não pretende alterar a quantidade que vinha produzindo. Para isso apresenta as mais diversas razões: já acostumado com a quantidade que produzia, obtendo o suficiente para seu consumo e atender ao mercado a seu alcance. Se plantar mais, a sobra não conseguirá transportá-la, ou não encontrará mercado. Apodrecerá.

Este é um fato que ocorre no meio rural brasileiro, na África ou na Ásia. Evidentemente trata-se de uma sociedade ainda não integrada no sistema da comercialização.

Interfere nesse caso ainda, o nível de aspirações da sociedade. Se todos estão satisfeitos com o padrão de vida que desfrutam, se não fazem questão que haja escolas para todos, se não desejam habitação melhor e com mais conforto, se não procuram estar em dia com os acontecimentos do país e do mundo, não terão incentivo para produzir mais, nem tão pouco, para aperfeiçoar tudo que fazem.

Num programa de desenvolvimento, qualquer que seja sua natureza, é indispensável se analisar e prever tôdas as conseqüências das inovações que se procura introduzir, ao mesmo tempo, que acompanhar essa evolução, adequando o programa às fases do processo.

Neste sentido, e de acôrdo com tudo que já foi visto, fica claro que em qualquer trabalho tendente a mudar uma sociedade, comunidade ou simples grupo, têm-se de trabalhar junto com os membros dessa organização social.

Além de partir do nível e características gerais da sociedade, é preciso que o programa de trabalho seja como que elaborado com êles, para que venha refletir uma aspiração autêntica, ao mesmo tempo que os desperte e os faça exigir.

Na medida em que passarem a fazer exigências, procurando melhores níveis culturais, de saúde, de bem estar, melhores casas, etc. etc., alcançarão melhores condições. Esta sociedade estará em ponto a dar apoio a qualquer programa de desenvolvimento.

c) analisada a mudança como um processo global, impõe estar atento às interferências diretas dêsse processo no conjunto da estrutura social e econômica, seja relativa a uma região ou país. Se pouco adiantam programas ou planos localizados sem seu devido entrosamento com os demais aspectos da realidade sócio-econômico e política da qual faz parte. Essa é a razão pela qual, certos trabalhos localizados, evoluem até certo estágio, até entrar na rotina. Os diversos problemas simultâneos criados pelo desenvolvimento, devem ser analisados em conjunto como um processo global.

### 8 — *Papel da Educação em programas de Desenvolvimento*

Num processo de desenvolvimento terá de ser suscitado novas aspirações, novos caminhos, e terá de se encontrar realmente instrumentos que possam realizar aquelas aspirações. É indispensável todo um trabalho educacional que dê um apoio sólido a um programa de desenvolvimento. E aí entra mais uma vez um trabalho de natureza nitidamente sociológico. Essa educação tem que estar inserida na realidade na qual a pessoa ou sociedade está. A educação não é alguma coisa absoluta em si e descondicionada. A educação é inerente a uma realidade e tem que ser elaborada no sentido daquela realidade. E tem que ser programada a partir daquela realidade.

A educação dessa forma será realmente construtiva e se não fôr assim, ela será negativa, ela será obstáculo ao desenvolvimento, à mudança.

Embora de alta relevância, a alfabetização por si só não é o bastante.

A educação para o desenvolvimento não pode se restringir à alfabetização pura e simples. Ler e escrever são instrumentos de comunicação indispensáveis é verdade, para inserção do homem no processo civilizatório, mas insuficiente para uma participação ativa no mesmo.

A educação terá de oferecer os instrumentos teóricos necessários para que cada um possua uma nova visão de si e da sociedade, bem como, novos conhecimentos de natureza técnica e profissional, a fim de que todos estejam habilitados aos novos empregos.

Os temas e os textos para leitura devem refletir os problemas sentidos e vividos pelo educando, para que exerça a necessária motivação e seja percebido experimentalmente, o amplo sentido da alfabetização e definitivamente incorporado ao acervo de conhecimento do alfabetizado.

Os livros de leitura devem ser a expressão da cultura em processo, e tem de corresponder às características da área onde se realiza o trabalho educativo.

Outra preocupação da atividade educativa, é no sentido de tornar-se prática, de tal sorte que o estudante aprenda fazendo.

É preciso não usar o ensino discursivo, impõe-se a substituição do ritmo de aprendizado nitidamente "acadêmico", para o aprendizado onde se realiza alguma coisa, onde se faz. Ao mesmo tempo em que se revelam as informações, passa-se a executar aquilo que se está aprendendo. O exemplo mais concreto dêste é o de quem aprende a dirigir um automóvel. Não adianta aprender numa sala de aula todo o manejo, senão passar a dirigir e começar a vencer todas as dificuldades até que adquira os automatismos necessários. Assim, cada um poderá ter possibilidades dentro do seu meio, dentro da sua cultura e de seus valores, pelo próprio trabalho educativo para ver o que está certo e o que está errado.

Existe uma série de programas no sentido de uma educação para o desenvolvimento, e hoje nós vamos encontrar um sem número de técnicas de difusão, educação de adultos, de alfabetização, de educação de comunidade, de desenvolvimento de comunidade, todas elas voltadas para a motivação das populações no sentido de eficientemente realizar, aceitar e participar ativamente, do processo de desenvolvimento econômico, dêsse processo de mudança social dirigida.

Resumindo, pode ser repetido o que foi afirmado no nosso estudo, "Reforma Agrária: Implicações sociológicas", onde foi apresentado alguns dados sobre as exigências do trabalho educativo.

"A natureza de todo trabalho social, que pretende mudar formas de vida, de comportamento e de atitude em geral, tem de possuir um caráter educativo.

Algumas consequências muito graves decorrem dessa previsão em relação à reforma agrária. Podem ser esquematicamente enunciados os seguintes pontos:

A programação tem de partir do nível cultural, tem de levar em conta a cultura local, pois é ela que gera a nova cultura. Na verdade, a reflexão e a introdução de qualquer inovação, tem de se adequar à situação sócio-cultural da área.

Possuindo uma natureza educativa, a comunidade deve participar ativamente de todos os trabalhos em instalação na área. Entre outros aspectos é de suma importância a consciência da responsabilidade social da comunidade. Nesse sentido têm de ser respeitadas as opções e escolhas. É imprescindível a adesão livre e responsável. Só se educa para a responsabilidade, atribuindo responsabilidade.

Corre um permanente risco de desvios e erros, mesmo quando a orientação acima referida é respeitada. Esse é um outro aspecto permanente em trabalhos dessa natureza.

Sendo a reforma agrária uma ação profundamente inovadora, e como se trata de toda uma nova organização social, é

absolutamente indispensável que todo beneficiário do programa de reforma agrária, deva ser o seu verdadeiro agente.

É compreensível as imposições das metas políticas, que colocada, como diretriz governamental, pretende acelerar o processo, com abandono e esquecimento das populações onde os programas são instalados, ou mesmo, os governos por equívoco, pretendem "doar" uma reforma agrária.

Por outro lado, impõe-se evitar outro risco, o da imposição tecnocrata ou de esquemas econômicos.

Os técnicos desempenham o papel de assessores ou educadores. Eles não devem assumir o papel de verdadeiros agentes que cabe realmente aos agricultores". (R.B.E.P. Belo Horizonte — Nº 27 — julho 1969).

## 9 — Conclusão

1. Cada homem está intimamente relacionado e comprometido com a sociedade ou comunidade da qual faz parte. Nêsse sentido, as características de sua estrutura e das mudanças que nela se processam, têm ressonância positiva ou negativos os seus membros.

Admitindo o desenvolvimento como uma mudança social provocado, pela sua natureza e para se alcançar aceleração tem de partir de toda a sociedade e de cada um de seus membros, bem como, simultaneamente, atingir toda a sociedade, e todos os indivíduos que a compõem. Noutras palavras, o desenvolvimento terá de ser um esforço da sociedade, um esforço de todos os seus membros.

Cada homem dentro de sua função, na sua profissão, desempenhará um papel nesse sentido.

Isso não implica no abandono das profissões pela de administradores, assistentes sociais ou agentes de ação comunitária. Significa uma atitude positiva no sentido de adotar inovações sócio-econômicas.

Em todo êsse trabalho, e em qualquer empreendimento deve ser levado em conta: a mudança que se está processando, qual é essa mudança, qual seu significado e conseqüências.

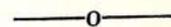
2. A sociologia educacional oferece os conhecimentos necessários, que facultam levar à população, a adotar as atividades acima referidas, dentro do menor espaço de tempo, com o menor esforço, com o mínimo de gastos. O desenvolvimento encerra portanto, um aspecto eminentemente educativo, sem o qual êle não terá o dinamismo que se pretende.

3. Partindo da natureza social do homem, na ação educativa uma das preocupações fundamentais é a sua integração na comunidade, pois o homem se torna humano com os outros homens. A preocupação fundamental consiste em despertá-lo para o bem comum local e nacional.

4. Vencer o subdesenvolvimento de uma forma *ativa e responsável* significa que cada um (e coletivamente) percebe qual seu papel no esforço conjunto do desenvolvimento, da melhoria das condições gerais de vida; significa que cada um vê claramente que é insubstituível, e que ninguém, nem nenhuma organização pode pensar e tomar decisões por êle; significa enfim, que atingiu seu nível verdadeiramente humano de ser inteligente, senhor de seus atos. Deixou de ser um "jôgo nas mãos de outros".

Deve oferecer os elementos sócio-culturais e tecnológicos para que cada um (e coletivamente) descubra concretamente que *esforço* deverá realizar.

5. O estudo aqui realizado oferece algumas informações indispensáveis, e que deverão ser levadas em conta na implantação de qualquer programa de desenvolvimento.



Os exemplos citados e a linguagem simples, visam tornar o presente estudo, eminente, prático e acessível, a fim de ser entendido por todos que se interessam por tão importante assunto.

# Industrialismo e Estrutura Familiar

ESTUDO CRÍTICO DE ALGUNS ASPECTOS DA  
ANÁLISE FUNCIONALISTA

SÍLVIO MARCELO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

O problema que trataremos de examinar neste artigo diz respeito às formas de relacionamento entre o sistema industrial moderno e o tipo de estrutura familiar que analiticamente denominamos “família conjugal”. O assunto tem sido objeto de nosso estudo desde algum tempo e trataremos aqui de arrumar de alguma maneira uma série de notas reunidas sobre o tema.

Estaremos sendo honestos ao dizer desde logo que o trabalho tem muito de incompleto e que carece de maior aprofundamento. Procuraremos porém, como tentativa de compensar a brevidade do ensaio, completar a nossa análise em base a alguns dados de pesquisa de que dispomos.

O interrelacionamento entre o sistema industrial moderno e a família conjugal, tema central do trabalho, pode ser estudado dentro do marco de referência bastante amplo da teoria do desenvolvimento econômico-social ou, mais especificamente, dentro da teoria que examina o relacionamento entre ordens institucionais diferentes, teoria formulada principalmente por Hans Gerth e C. Wright Mills em seu trabalho intitulado “Charácter y Estructura Social”. (1).

Nosso trabalho, que se insere em tal quadro teórico, tratará de estudar as formas específicas de relacionamento entre as estruturas familiares e a ordem institucional econômica, vistas ambas como partes de uma estrutura social global considerada como um sistema estratificado. A idéia mais geral a ser ana-

---

(1) Hans Gerth and C. Wright Mills — Charácter y Estructura Social. Editorial Paidós Buenos Aires.

lisada aqui é a tese funcionalista, frequente entre alguns sociólogos atuais, de que a família conjugal, com as características que estudaremos adiante, é o tipo de unidade familiar que se *ajusta mais perfeitamente* a um sistema social relativamente aberto tal como o que apresenta a sociedade industrial moderna, caracterizada principalmente por altas taxas de mobilidade vertical e horizontal.

Colocado o problema em outros termos, a tese funcionalista básica postula a existência de uma pauta geral de ajustamento funcional tal como a define Gino Germani (2), entre o sistema industrial moderno e a família conjugal ou, para usar uma outra linguagem analítica, a existência de uma sincronia interinstitucional entre a ordem familiar e o sistema econômico (3).

A análise estrutural-funcional, que aqui iremos estudar criticamente, implica uma maneira particular de perceber o mundo sócio-cultural: entendê-lo como um conjunto de “partes” relacionadas entre si. A próxima etapa será examinar de que maneira podemos conceber êste interrelacionamento. A hipótese mais geral a êsse respeito é que cada “parte” está vinculada a todo o resto de modo que modificar qualquer delas significa modificar também — em maior ou menor medida — tôdas as demais. Será necessário insistir porém, tal como o faz Germani, no caráter *metodológico* de tal postura: trata-se de uma hipótese e o propósito mesmo da análise consiste em verificá-la e estabelecer a natureza e a intensidade do interrelacionamento existente.

Será também necessário especificar os tipos de interrelacionamento que se podem dar entre as partes de uma estrutura social global. A propósito, é possível ao analista distinguir três tipos básicos:

- (2) Germani, Gino — *Política y Sociedad en Una Época de Transición*. Editorial Paidós Buenos Aires, 1965.
- (3) Heintz, Peter — *Anomia individual anomia colectiva y anomia interinstitucional*. ANALES DE FLACSO, N° 1. Santiago de Chile.
- Ramírez, Eduardo M. — *La Asincronía Institucional Economía-Educación*. I ANALES DE FLACSO, N° 1, Santiago de Chile.

- (1) Interrelacionamento em base a simples *interdependência* das “partes”.
- (2) Interrelacionamento como *ajustamento recíproco* das partes.
- (3) Interrelacionamento como *ajustamento das partes* da estrutura global a um valor, ou sistema de valores centrais, que caracteriza a própria estrutura da sociedade global.

No caso específico de nosso artigo, interessa-nos apenas detalhar um pouco mais a segunda forma de relacionamento. Neste nível a hipótese afirma muito mais do que uma simples interdependência: afirma que entre tôdas as partes da estrutura há uma *interdependência funcional* e que esta funcionalidade pode ser de caráter positivo ou negativo, porquanto poderá assegurar o bom funcionamento, ajustamento ou eventual desenvolvimento da estrutura global (ou parcial) ou, por outro lado, o mau funcionamento ou desajustamento. Isto mostra de modo claro o elemento valorativo implícito na hipótese de interrelacionamento como ajustamento recíproco e o seu uso deve ser feito com muitos cuidados (4).

O ponto de vista clássico, e corrente entre os funcionalistas, parece estar sintetizado de modo bastante concreto em algumas afirmativas de Talcott Parsons de que existe uma disfuncionalidade entre o tipo de estrutura familiar extensa e uma sociedade com altas taxas de mobilidade. Em alguns trabalhos como “A Revised Analytical Approach to the Theory of Social Stratification” (5) e “The Social Structure of the Family” (6),

- (4) Consulte-se por exemplo, Merton, Robert K. — *Social Theory and Social Structure* Free Press, 1959. Também: Marion Levy Jr. *The Structure of Society*, Princeton University Press, 1959. S. F. Nadel — *Theory of Social Structure*. Free Press, 1957. George P. Murdock — *Social Structure*, MacMillan, 1959.
- (5) Talcott Parsons — “A Revised Analytical Approach to the Theory of Social Stratification”, in S. M. Lipset and R. Bendix — *Class, Status and Power*. Free Press.
- (6) Talcott Parsons — “The Social Structure of the Family”, in Ruth Anshen *The Family: Its Functions and Destiny*.

por exemplo, Parsons assinala que “esta unidade de parentesco (a família conjugal) está interrelacionada com requisitos funcionais de nosso tipo de sistema ocupacional”.

Nos mesmos trabalhos afirma ainda Parsons que “o ponto mais notável do nosso sistema de resistência, comparado a outros tipos de sociedade, é a sua alta mobilidade a tal ponto que a comunidade de resistência tende a ser determinada sobretudo pelo papel ocupacional mais do que vice-versa”. Ou, mudando de perspectiva, é ainda afirmativa de Parsons que “o significado funcional primário da família conjugal é manter integridades certos estilos de vida, regular o equilíbrio de personalidade de seus membros e socializá-los dentro das pautas culturais existentes”.

É extremamente difícil aceitar sem extremas reservas as afirmativas do grande sociólogo norte-americano, ainda que tais afirmativas possam parecer bastante sugestivas a um exame menos cuidadoso de suas consequências.

Em primeiro lugar, devemos examinar em que sentido Talcott Parsons fala sobre o “nosso sistema”. Quer dizer com isto o sistema social que se realiza historicamente nos Estados Unidos de hoje? Se é assim, sua afirmativa sofre de grave defeito historicista pois carece da generalidade espacio-temporal necessária a qualquer hipótese científica podendo facilmente resvalar para incluir elementos valorativos, principalmente de natureza ideológica.

Se por outra parte, quer Talcott Parsons referir-se ao sistema urbano-industrial moderno, e talvez seja principalmente êsse o sentido de sua hipótese, devemos advertir ao leitor a extrema dificuldade em demonstrar a similitude real entre os distintos sistemas industriais histórica e atualmente existentes. Intento dos mais sérios nesse sentido, o estudo de Reinhardt Bendix e Seymour M. Lipset intitulado “Movilidad Social en la Sociedad Industrial” (7) que trata de demonstrar uma certa

(7) Reinhardt Bendix and Seymour Martin Lipset — *Movilidad Social en la Sociedad Industrial*. Eudeba. Buenos Aires.

equivalência entre as taxas de mobilidade social de diversas sociedades industriais modernas, aporta muito poucas evidências concludentes e padece de algumas falhas metodológicas.

Por outro lado, ao atribuir certos “significados funcionais primários” à família conjugal, ponto que examinaremos posteriormente, Parsons revela uma profunda tendência ao subjetivismo, talvez resultante da enorme influência weberiana em sua forma de pensar sociologicamente.

É, além disso, também fortemente “impressionista” a afirmativa de Parsons de que a comunidade de residência tende a ser determinada sobretudo pelo papel ocupacional. Isto por dois motivos: primeiro porque seria fazer um reducionismo bastante perigoso da estrutura motivacional dos atores sociais com respeito à escolha de residência e em segundo lugar porque é bastante difícil explicar tal “determinismo ocupacional” sem referência concreta a níveis de desenvolvimento industrial, dado que variam também os mercados de trabalho. Por outra parte, faltam dados estatísticos ou de pesquisas nos escritos de Parsons que comprovem rigorosamente tal hipótese.

Será conveniente agora, antes de seguir adiante, explicar que estamos trabalhando principalmente com os estudos de Talcott Parsons em virtude de que êste autor, apesar de tudo, nos parece o que mais coerentemente representa a postura funcionalista a respeito do problema e que de um ou de outro modo é também defendida por Murdock, Nadel e outros. No entanto, o objeto particular do nosso artigo é a hipótese funcionalista e em nenhum momento pensamos exclusivamente em fazer a crítica dêsse ou de outro qualquer autor.

Além disso, muitas dessas hipóteses serviram de ponto de partida para uma série de pesquisas que, de uma ou de outra forma, buscam demonstrar se é realmente a família conjugal o tipo modal e o mais funcional nas sociedades industriais modernas.

O objetivo principal dessas pesquisas tem sido, quase sempre, demonstrar o estreito relacionamento existente entre características das unidades de família conjugal e certos aspectos do

sistema industrial como por exemplo suas altas taxas de mobilidade vertical e horizontal, de um lado, bem como tratar de especificar o grau de isolamento ou de ajustamento da estrutura família com respeito à estrutura social global de outro.

Antes de entrar a discutir pròpriamente o objeto central de nosso ensaio pensamos ser conveniente especificar um pouco, estabelecendo desde logo um universo de discurso comum, as características dessas unidades de parentesco que denominamos "família conjugal". Isto será tanto mais necessário na medida em que tratemos de relacionar posteriormente estas características com o sistema industrial moderno, apresentando a teoria funcionalista.

William J. Goode, sociólogo do melhor conceito entre os modernos estudiosos da família, caracteriza a "família conjugal" por cinco aspectos fundamentais que, resumidamente, apresentaremos aqui.

Em primeiro lugar, a família conjugal se caracteriza pelo fato de que uma ampla quantidade de parentes, consanguíneos e afins, é excluída de sua estrutura interna de poder cabendo apenas aos cônjuges o poder de decidir os assuntos familiares. Isto significa concretamente que os direitos do casal com respeito aos parentes, e seus deveres em contrapartida, se reduzem drasticamente. Por outro lado, sua estrutura, em termos de papéis, fica reduzida a apenas quatro "conjuntos de papéis" (role-set).

Outra característica básica desses grupos familiares é exatamente o que poderíamos chamar de "neolocalidade". Esta se define pelo fato de que cada nôvo casal que se constitui deixa o lar paterno e passa a residir em local fisicamente distinto.

Também caracteriza a família conjugal o fato de que se estabelece um sistema multilinear de parentesco, onde se atribui igual importância a tôdas as linhas de parentesco ou, para dizê-lo mais corretamente, onde nenhuma importância é atribuída a qualquer dessas linhas.

Outras duas características fundamentais completam o quadro: o "privatismo" na escola do cônjuge, assunto sobre o

qual os parentes deixam de exercer qualquer contrôlo, e o fundamento da família em bases de tipo emocional ou afetivo (8).

Estas características, por certo, apresentam um caráter de modelo mais ou menos "ideal" de família conjugal e de acôrdo com a tese funcionalista que pretendemos estudar se ajustariam perfeitamente a certos aspectos do sistema industrial moderno.

Definidas porém as características básicas da unidade de parentesco a que denominamos família conjugal trataremos em seguida de examinar as pautas de relacionamento entre este tipo de família e o sistema industrial moderno dentro do esquema teórico funcionalista. Feito isto, passaremos a discutir a validade de tal esquema, problema por si mesmo complexo dado que os "juízos de funcionalidade" frequentemente utilizam modelos ideais.

O sistema industrial moderno pode ser caracterizado, de um ponto de vista estritamente sociológico, pelo fato de que se fundamenta em valores de tipo universalista e na idéia de desempenho dentro das estruturas organizacionais, em termos de eficiência-eficácia.

Dentro do esquema analítico dos funcionalistas, a esta característica do sistema industrial moderno se ajustaria perfeitamente o primeiro dos elementos tipificadores da família conjugal dado que as pessoas que detêm o contrôlo das oportunidades ocupacionais — os "decisions-makers" — estariam totalmente livres de travas familiares, de caráter nitidamente particularista, e poderiam colocar nos postos oferecidos pelo sistema as pessoas mais qualificadas de preferência a parentes seus.

Este argumento aparentemente lógico dos funcionalistas carece de maiores evidências empíricas e dificilmente poderia ser aceito sem reservas, pois mesmo em sociedades industriais altamente desenvolvidas é possível ao pesquisador identificar certas rêdes familísticas que controlam o mercado ocupacional (9).

(8) William J. Goode — *The Family*. Prentice-Hall — New Jersey.

(9) Consulte-se, por exemplo, C. Wright Mills — *A Elite do Poder*. Zahar Editôres. Rio de Janeiro.

Outro ponto frequentemente indicado e sôbre o qual insistem os funcionalistas é o fato de que a "neolocalidade" da família conjugal se ajusta perfeitamente ao fato de que o sistema industrial moderno apresenta altas taxas de mobilidade geográfica. Tal mobilidade debilitaria a autoridade familiar tendendo a diminuir a frequência e a intensidade dos contactos intrafamiliares, e por êste motivo uma família de tipo extenso seria antitética com o sistema industrial e é neste sentido que se fala de um ajustamento entre a família nuclear e tal tipo de sistema.

De outro lado, segundo os escritores funcionalistas, a biniaridade do sistema familiar conjugal contribuiria para manter o sistema de classes mais ou menos fluido evitando que a riqueza nacional se concentrasse em poder de umas poucas pessoas. Evidentemente o argumento resulta de uma forma super-simplificada de análise do sistema de classes e de seus "mecanismos de equilíbrio": por certo tal tipo de estrutura familiar contribui para uma maior abertura de sistema de classes, sem ser contudo o único meio ou nem sequer o mais importante entre os diversos mecanismos que possibilitam esta abertura.

Finalmente apontam os funcionalistas o fato de que a maior diferenciação social e especialização de funções que caracterizam a moderna sociedade industrial corresponderia, em termos de ajustamento funcional, à limitação e à perda progressiva de funções da família conjugal. Esta, como unidade de solidariedade difusa contribuiria de modo fundamental para restabelecer o equilíbrio psicológico de seus membros uma vez que o sistema industrial é fortemente destrutor.

Tal postura é, ao nosso ver, bastante vulnerável dado que omite os conflitos e tensões estruturais que se geram dentro da própria unidade familiar, ponto êste que examinaremos mais adiante.

Êstes parecem ser os pontos fundamentais da teoria funcionalista com respeito ao problema. O ponto que é, entretanto, mais enfatizado pelos funcionalistas, Parsons especialmente, é a antítese existente entre o sistema industrial moderno e a fa-

mília extensa, em virtude das altas taxas de mobilidade social e especial que correspondem a requisitos funcionais do primeiro.

Tratamos de ver, resumidamente, como o problema é posto no esquema teórico funcionalista.

O sistema familiar fundado em pequenas unidades de parentesco, cada uma com seu ambiente físico individualizado, facilita extremamente o processo de mobilidade social, uma vez que a complexa e integrada rede de relações familiares que existe nas chamadas "sociedades tradicionais" entre famílias pertencentes aos estratos sociais mais altos e que poderia impedir ou ao menos dificultar bastante o fluxo para cima de famílias móveis dos estratos mais baixos deixaria de existir.

Além disso, a limitação das obrigações com respeito aos parentes, que caracteriza fundamentalmente a família conjugal, possibilita ao indivíduo mudar mais facilmente de estilo de vida, costumes, valores, etc., para ajustar-se à sua nova posição de classe, ou ao seu novo status.

De outra parte, o processo de mobilidade social contribui para romper as pautas de autoridades existentes na família extensa e tem servido para diferenciar os indivíduos dentro de uma mesma família, o que evidentemente irá alterar as formas de interação entre parentes, aspecto êste que examinaremos posteriormente.

Apresentados os aspectos fundamentais da teoria funcionalista sôbre a família, trataremos em seguida de estudar criticamente alguns desses pontos, voltados porém, habitualmente, para dados de pesquisas empíricas.

O exame rigoroso da postura funcionalista clássica requereria aqui uma análise exaustiva tanto da teoria das classes sociais como das pautas de eficiência organizacional do sistema industrial, pontos aos quais está intimamente conectada toda a teoria do ajustamento funcional entre o sistema industrial moderno e a família nuclear. Seria, para falar de modo mais amplo, realizar um estudo crítico de toda a teoria funcional, o

que escapa inteiramente aos objetivos do presente artigo. Assim pois, examinaremos aqui apenas alguns pontos específicos da teoria do ajustamento funcional aplicada à família.

Os materiais com que trabalhamos estavam dispersos aqui e ali, em artigos e notas que fomos reunindo ao correr do tempo, de onde decorre uma certa falta de unidade expositiva, o que somos os primeiros a reconhecer.

A hipótese funcionalista de que um tipo de família extensa seria antitético ao sistema industrial moderno é particularmente questionada, em virtude dos seus próprios pressupostos. Fundamenta-se tal hipótese em dois pressupostos básicos: a importância do "status associativo" e a socialização diferencial entre "strata" ocupacionais.

O primeiro destes pressupostos afirma implicitamente que o status está íntima e principalmente associado à posição que o indivíduo ocupa na estrutura ocupacional, e também que, sendo o status adquirido associativamente, a pessoa "perderá status" se continuar associado a uma família extensa de status baixo. O argumento é falho por dois motivos e significa admitir aprioristicamente o predomínio de uma esfera institucional — a ocupacional — sobre as demais, o que é contrário à própria teoria geral do ajustamento funcional entre as diversas ordens institucionais (10) ao mesmo tempo que se afirma, sem apresentar dados, que a *associação* seria o canal de mobilidade ascendente ou descendente mais importante, ou pelo menos mais efetivo.

O segundo pressuposto, onde se postula que existem diferenças extremas de socialização entre indivíduos pertencentes a diferentes estratos ocupacionais, significa em sua forma simples que a mobilidade social levaria a diferentes experiências de socialização que tenderiam a romper as relações de parentesco na família extensa. Contrariamente a êste postulado se poderá constatar que, em virtude do melhoramento do sistema educacional, do melhoramento geral dos níveis de vida e do

(10) Germani, Gino — Política y Sociedad en Una Epoca de Transición, cit.

desenvolvimento acentuado dos meios de comunicação de massas ("mass-media"), as diferenças de socialização se atenuam fortemente e dificilmente seriam tão extremas ao ponto de romper as relações de família extensa.

Além disso, como bem o mostra Eugene Litwak em artigo publicado na "American Sociological Review", a relação curvilínea postulada por Parsons de que os indivíduos ocupacionalmente móveis recebem um número menor de visitas de parentes (da família extensa) que os indivíduos ocupacionalmente estáveis, não é confirmada por dados empíricos. Pelo contrário, o artigo de Litwak a que nós referimos revela que mesmo dentro de uma sociedade industrial altamente desenvolvida se dão amplas relações de "família extensa", relações essas que se desenvolvem por diferentes fontes institucionais e que, como consequência, não dependem da proximidade geográfica ou ocupacional para sua inteira viabilidade (11).

Consequentemente, mesmo admitindo simplesmente para argumentar que a família extensa de tipo tradicional seja disfuncional para uma sociedade moderna, industrial, os dados empíricos disponíveis parecem indicar a existência de um tipo de "família extensa modificada", segundo a expressão de Litwak, o que aparece como uma evidência contrária à hipótese funcionalista clássica sobre a família conjugal ou nuclear.

Outro elemento que contribui para refutar o ponto de vista funcionalista é o fato de que muitos dos estudos que servem de base a esta teoria, os trabalhos do grupo Warner por exemplo, padecem de alguns defeitos metodológicos fundamentais. Entre êstes, em primeiro lugar, o fato de que a técnica antropológica de abordagem que utilizam é muito pouco adequada ao estudo de sociedades urbanas modernas e, por outro lado, o tipo mesmo de comunidades que estudam é pouco representativo de comunidades urbanas-industriais. Também a êsse respeito, o fato de que o foco principal de análise de tais estudos têm sido certos grupos étnicos e grupos de classe baixa com

(11) Eugene Litwak — Occupational Mobility and Extended Family Cohesion. American Sociological Review. I, 25.

suas relações baseadas no tipo de família extensa tradicional e não famílias extensas modificadas (12).

Dentro da teoria funcionalista sobre a família, e principalmente no quadro teórico parsoniano, parece-nos aceitável apenas o fato de que a família extensa tradicional é disfuncional para o sistema industrial, quando se condiciona tal disfuncionalidade à etapa inicial do processo de desenvolvimento industrial. Isto se explica pelo fato de que o sistema ainda não desenvolveu nessa fase meios institucionais que permitam, por exemplo, relações do tipo de família extensa modificada. Por outro lado, e isto é o que estamos tratando de demonstrar, parece ser inteiramente inexato concluir disto que a família conjugal seja o tipo “mais funcional” ao sistema.

Tratemos de mudar um pouco o foco de nossa análise e examinemos o problema da hipótese funcionalista clássica sob um ponto de vista lógico.

A hipótese geral dos funcionalistas, e que frequentemente aparece vestida com roupagens novas, postula basicamente uma interdependência funcional entre um tipo de sistema técnico-econômico — o moderno sistema industrial — e um tipo específico de família, a família conjugal, como forma de organização e unidade de parentesco.

Apresentada em sua forma lógica mais simples a hipótese funcionalista poderá ser formulada da seguinte maneira: B é feito de A, se A e B apresentam uma interdependência funcional (13).

Tratando de aplicar isto ao problema que estamos examinando, poderemos dizer que se o sistema industrial moderno (A) e a família conjugal (B) apresentam uma interdependência funcional, então a família conjugal (B) é um efeito do sis-

- (12) Sobre as falhas metodológicas desses estudos, consulte-se por exemplo, Ruth Kornhauser — *The Warner Approach to Social Stratification*, in Lipset and Bendix, *Class Status and Power*. Free Press.
- (13) “The difference between a functional and a nonfunctional formulation is one of selective emphasis; is it quite comparable to the difference between saying that B is effect of A, and saying that A is the condition (or cause) of B”. Ernest Nagel, *An Introduction to Logic*.

tema industrial (A). Isto porque, do ponto de vista lógico, “the term ‘functional consequence’ may be read as ‘necessary and sufficient cause’, while ‘functional interdependence’ is the equivalent of ‘sufficient cause alone’” (14).

Tôda a evidência empírica reunida em diversas pesquisas sociológicas e antropológicas é, entretanto, contrária a isto em dois sentidos: tanto há exemplos de família conjugal sem um processo concomitante de industrialização, quanto exemplos em sentido inverso, isto é, de industrialização sem o surgimento de um tipo de família nuclear.

Em excelente artigo sobre “Industrialization and the Family in Sociological Theory”, Sidney Greenfield nos apresenta um ilustrativo e interessante exemplo do primeiro caso, ao estudar a pequena ilha de Barbados.

O pesquisador aí descobre, e será bastante sugestiva a leitura do artigo de Greenfield, que a família conjugal aí aparece como forma elementar de organização social, sem que haja qualquer processo equivalente de industrialização (15). Dito isto claramente, está presente aqui o “efeito”, sem que também esteja presente a “causa” o que se constitui em forte evidência contrária à hipótese funcionalista.

Também Erwin Johnson, em artigo intitulado “The Family and Its Extensions in Modern Japan”, apresenta dados contrários à teoria funcionalista. Neste caso porém, o exemplo é em sentido inverso, isto é, industrialização sem o consequente aparecimento de um tipo de família conjugal: “modern Japan provide us an example of both industrialization and urbanization with a family order other than the small nuclear form” (16).

Exemplo semelhante é proporcionado por Philip Carigue ao estudar as relações de parentesco entre os franco-canadenses sob condições de vida urbana.

- (14) Ernest Nagel — *An Introduction to Logic*. Consulte-se também, do mesmo autor, *Logic Without Metaphysics*.
- (15) Sidney Greenfield — *Industrialization and the Family in Sociological Theory*. *American Journal of Sociology*, nr. 67.
- (16) Erwin Johnson — “The Stem Family and Its Extensions in Modern Japan”. Papper at the annual Meeting of the American Anthropological Association. Minnesota. pp. 13 e segs.

Evidências adicionais são apresentadas nesse artigo que nos permitem questionar a hipótese de interdependência funcional e causalidade implicada entre a tecnologia urbano-industrial e a pequena família nuclear, o que por certo desafia posições geralmente aceitas onde se utilizam formulações dia-crônicas de eventos sócio-culturais (17).

A evidência dos dados empíricos mostra, indiscutivelmente, que uma ampla variedade de formas familiares pode servir, usando a linguagem dos funcionalistas, como “alternativas funcionais” para a pequena família nuclear nos sistemas urbano-industriais.

Outros elementos, no entanto, podem ser apresentados na crítica da posição funcionalista clássica. Antes de tudo, é preciso observar — como o faz com muita precisão William J. Goode — que tais hipóteses unifatoriais utilizam como elemento causal-explicativo um conceito tão inclusivo — a industrialização — que é capaz de “explicar” praticamente qualquer coisa (18).

Falta exatamente à teoria funcionalista clássica o que se exige de qualquer teoria científica: a determinação precisa e rigorosa das variáveis envolvidas no processo de análise.

Não há, nas formulações funcionalistas, uma especificação dos fatores do processo de industrialização que afetam os processos de transformação da estrutura familiar ou, por exemplo, uma análise mais profunda sobre os aspectos da família em que tais fatores têm maior incidência.

Por outro lado, ao propor uma pauta de ajustamento entre o sistema econômico e a família, a teoria clássica fecha a possibilidade de uma assincronia, em termos de valores culturais, entre as distintas unidades familiares dentro de um mesmo contexto.

(17) Phillip Garigue — “French-Canadian Kinship and Urban Life”. *American Anthropologist*, LVIII, 1956.

(18) William J. Goode — *The Family*. Prentice-Hall. New Jersey. Cap. 10.

Paralelamente a êsses argumentos de natureza teórica deveremos examinar ainda alguns fatores de rutura e conflito entre o sistema industrial e a família nuclear, o que evidentemente fortalece a nossa posição contrária à hipótese funcionalista.

O primeiro aspecto a examinar, e que sem dúvida se constitui em um ponto de rutura bastante forte entrar as duas ordens institucionais, é o fato de que o sistema industrial moderno passou a oferecer à mulher a oportunidade de desempenhar papéis ocupacionais e ter renda independente, sem haver contudo desenvolvido suficientemente mecanismos institucionais que liberem a mulher das tarefas caseiras e do cuidado dos filhos, problema que ainda se torna mais acentuado nas fases iniciais do processo de industrialização.

Em segundo lugar, não é certo que, tal como pretendem os funcionalistas, as normas relativamente universalistas do sistema industrial tenham destruído a complexa rede de relações entre as famílias dos estratos altos que impede ou ao menos dificulta o fluxo de pessoas ascendentemente móveis, pois tais estratos altos controlam sem dúvida a produção de novas oportunidades ocupacionais e frequentemente as utilizam em seu próprio benefício, problema êste que levantamos no início dêste artigo.

Fundamentariam facilmente tal afirmativa os estudos de Robert K. Merton sobre “pautas de homogamia” e os de Melvin Kohn sobre “comportamento diferencial segundo classes sociais na relação pais e filhos” (19).

Outro ponto de rutura a ser indicado aqui reside no fato de que o sistema industrial moderno também ainda não desenvolveu suficientemente instituições capazes de substituir adequadamente a família com respeito ao cuidado dos órfãos e dos anciãos, ao lado do fato de que o sistema também não “resolve

(19) Robert K. Merton — “Intermarriage and Social Structure: Fact and Theory”, in William J. Goode — *Readings on the Family and Society*. Prentice-Hall New Jersey. Também Melvin Kohn — *Social Class and Parent-Child Relationship. An Interpretation*. *American Journal of Sociology*. LXVIII, 1963.

adequadamente” as roturas e desequilíbrios estruturais causados pelo divórcio ou pelo desquite.

Estas considerações, fundadas em materiais disponíveis na teoria e na pesquisa sociológicas, levam-nos a rejeitar a hipótese funcionalista clássica de uma simples pauta de ajustamento entre o sistema industrial moderno e a família conjugal isolada, dado que tratamos com variáveis que são, ao nosso ver, independentes ainda que profundamente interrelacionadas.

As relações entre a esfera institucional econômico-ocupacional e a esfera familiar se explicam, e todo o objetivo de nosso trabalho foi mostrar êste fato, através de fatores múltiplos de natureza sócio-cultural e psicológica extremamente complexa, posição esta mais compatível com o caráter mesmo da relação, problema que esperamos examinar em artigo futuro.

## Alguns aspectos sôbre a educação na Califórnia

ITAMAR DE ABREU VASCONCELOS

### I — *Introdução:*

Em outubro e novembro de 1969, graças a uma bolsa concedida pela USAID, participamos de um programa de treinamento em administração escolar, como integrante de um grupo de 13 brasileiros que foram observar a educação na Califórnia. Todos os participantes estavam ligados ao ensino médio, como membros de Conselhos Estaduais de Educação, Diretores de Departamentos de Educação Média ou de Escolas Secundárias, pesquisadores e planejadores educacionais.

Dêsse modo o programa enfatizou o estudo da *High School*, promovendo seminários sôbre vários aspectos dessa instituição e visitas minuciosas a diversas escolas. No presente informe tentaremos transmitir algumas observações feitas durante o citado treinamento.

### II — *O Sistema Escolar da Califórnia:*

Nos Estados Unidos a organização do ensino é completamente descentralizada. Cada um dos 50 Estados da Federação é livre para manter seus planos de administração escolar.

Existe, no entanto, pontos de semelhança na organização escolar adotada pelos vários Estados.

Entre os pontos comuns, podemos citar: a obediência à lei que estipula os direitos civis; o financiamento do Governo Federal, na ordem de 8% da receita da União, para custear

os programas especiais de educação; os tipos de escolas existentes, etc.

O Sistema Escolar da Califórnia tem no Departamento Estadual de Educação o seu órgão estatal específico.

O Departamento é dirigido por um Superintendente eleito para um mandato de quatro anos e conta com 500 técnicos de educação. Dentro do Departamento funciona, também, seis Superintendentes Associados.

Os Superintendentes Associados são nomeados pelo Superintendente Geral, com a aprovação do Conselho Estadual de Educação (Board).

O Board (Conselho Estadual de Educação) é composto de 9 membros nomeados pelo Governador e escolhidos entre pessoas de várias profissões e que tenham prestígio dentro da Comunidade.

A função do Board é estabelecer normas e regulamentos com a finalidade de cumprir as leis sobre educação, emanadas do legislativo (Assembly).

Cabe ao Departamento de Educação obedecer às determinações legais que emanam de três fontes: a Constituição, o legislativo e o Board.

Sendo os membros do Board nomeados pelo Governador e o Superintendente eleito, este não pode ser dispensado por aquêle, razão por que muitos acham que o sistema não funciona bem e seria ideal que o Superintendente fôsse uma pessoa de confiança do Board. Dêste modo, pretende-se que de futuro o Superintendente seja escolhido pelo Board e isto já está acontecendo em alguns Estados.

O Superintendente não precisa ter qualificação especial. As únicas exigências legais é que seja cidadão californiano e maior de 21 anos. Estas são também as exigências para os membros do Board.

O Superintendente pode não ser do mesmo partido do Governador, mas sempre existe uma combinação — o Superinten-

dente e o Governador são, comumente, da mesma facção política.

Os membros do Conselho são nomeados para um mandato de seis anos, sendo os Conselheiros renovados, periodicamente. Em caso de renúncia ou morte é nomeado outro membro para completar o mandato.

Os Superintendentes Associados dirigem as grandes divisões do Departamento, que são as seguintes: *Divisão de Instrução* compreendendo os programas de ensino elementar e secundário; *Divisão de Administração Escolar*, que tem a função de assistir os Condados e os Distritos, fazendo planejamento para edifícios, programas de fornecimento de livros e de textos, etc. Preocupa-se com o financiamento da educação. Na Califórnia os programas escolares são financiados pelo Distrito que entra com 65% e pelo Estado que financia os 35% restantes. *Divisão de Educação de Excepcionais*: encarrega-se da educação de deficientes físicos, retardados, super-dotados, etc. Sendo uma área que requer recursos especiais o Estado entra com a sua ajuda, uma vez que as dotações dos Distritos não são suficientes; *Divisão de Administração do Pessoal*: Tem a função de dirigir o pessoal docente, qualificação de professores, etc. A qualificação dos professores depende do Board, que estabelece as respectivas normas; *Divisão de Programas Especiais de Educação para Classes Desfavorecidas*: vista à educação de negros, chicanos (são assim chamados os descendentes de Mexicanos) e crianças de famílias pobres que vivem nas favelas. As verbas são federais (os 8% já mencionados); *Divisão de Bibliotecas*: o Chefe desta Divisão não é escolhido pelo Superintendente e sim pelo Governador. No entanto sob o ponto de vista administrativo faz parte do Departamento, embora tenha uma certa independência técnica. A sua função é controlar uma grande rede de bibliotecas, espalhadas por todo o Estado.

Atualmente, há um projeto para modificar a estrutura do Departamento de Educação, substituindo as divisões mencionadas por apenas duas — uma abrangendo instrução, educação complementar e programas especiais para classes desfavorecidas e a outra divisão ficará com a administração (financia-

mento, pessoal, etc.). A reforma ainda não foi implantada por falta de dotação, uma vez que o legislativo vem recusando a verba necessária.

Na Califórnia o Estado está dividido em 58 Condados que, por sua vez, se dividem em 1.100 Distritos Escolares.

Em cada Distrito existe um Board eleito pelo povo.

Alguns Distritos administram escolas elementares, outros escolas secundárias, outros Junior Colleges. Existem, também, os Distritos Unificados abrangendo escolas elementares e médias e, em alguns casos, Junior Colleges.

O Distrito de San Diego, por exemplo, é unificado dirigindo 120 escolas elementares, 30 secundárias e 3 Junior Colleges. O Distrito abrange, aproximadamente, 140 mil alunos e 5 mil professores.

Não é um tipo comum, uma vez que os Junior Colleges estão ficando em Distritos Especiais, existindo cerca de 70, assim organizados, na Califórnia.

O Board do Distrito é composto de 5 membros eleitos para 4 anos e nomeia o Superintendente dos Distritos, os Diretores (Principais) — de Escolas e os professores.

Constitui o Board, dentro do Distrito, o poder executivo na área da educação. Pode fazer taxaço de impostos para fins educacionais.

Os Distritos são criados por lei estadual e, em certos casos, um Distrito pode ser agregado a outro.

Assistimos, em San Diego, a uma sessão do Board Distrital, num amplo auditório, com várias pessoas presentes para ouvir a discussão de assuntos de interesse para a educação. Num plano elevado estavam sentados os Conselheiros, cabendo a Presidência a um negro. A reunião começou com uma espécie de juramento à bandeira. Todos os membros do Board levantaram-se e com a mão no coração e os olhos voltados para a bandeira disseram, sob o comando do presidente, palavras patrióticas.

Depois o presidente, os Conselheiros e as pessoas que estavam no auditório, contritos e de olhos fechados, invocaram Deus, pedindo que Ele iluminasse o Board para que tôdas as decisões tomadas fôsem acertadas e ditadas em benefício da Comunidade. Depois dessas cerimônias iniciaram-se os trabalhos normais.

### III — O Ensino Secundário:

A escola média nos EE. UU. é representada pela *High School* e está incluída na obrigatoriedade da educação, que vai dos 6 aos 16 anos.

A *High School* teve origem na *Grammar School*, instalada em 1609.

No entanto, atualmente, é muito diferente do modelo inglês, transplantado naquele ano. Da escola seletiva, clássica, influenciada pelo sistema medieval (trivium e quadrivium), transformou-se numa instituição completamente diferente do modelo europeu. Sua preocupação principal é ser um centro de formação democrática, uma escola para todos.

A escola secundária americana não representa um modelo imposto pelo govêrno central, uma vez que sendo o Sistema Escolar descentralizado, está sob o contrôle dos distritos.

No entanto, a cultura, alguns educadores de prestígio nacional e grupos de pressão contribuíram para criar um tipo bem caracterizado de estabelecimento de ensino médio — a *High School*, com os seus ciclos (Junior e Senior), a sua flexibilidade curricular, o seu caráter de escola geral atendendo, democraticamente, a todos os adolescentes do país.

Registraremos, aqui, alguns aspectos relativos à *High School*, conforme observamos em San Diego.

A organização do currículo sofre as seguintes influências:

a) da Universidade da Califórnia, que é um grande centro universitário de âmbito estadual. Os requisitos para admissão nos cursos universitários interferem na organização curri-

cular. A Universidade exige preparo em: matemática, inglês, história, ciências, língua estrangeira e cursos eletivos. Usando a Universidade critérios seletivos, somente 12,5% dos concluintes da High School conseguem ingressar na mesma. Os demais procuram outras escolas universitárias. Dêste modo, existe uma preocupação constante de tornar mais completo o currículo da escola secundária;

b) do código estadual de educação, que exige inglês, história, matemática, ciências e educação física;

c) três órgãos estaduais — “State Board of Education”, “State Department of Education” e “State Curriculum Commission” também são importantes para o desenvolvimento do currículo. O primeiro dita normas políticas, o segundo normas de administração e supervisão em obediência ao State Board e a “State Curriculum Commission”, organiza grupos especializados para estudar problemas específicos de determinadas áreas. Estes grupos trabalham durante 3, 4 ou 5 anos e apresentam recomendações à Comissão e do Board e, depois de aprovadas, estas recomendações vão influenciar os livros didáticos e o treinamento de professores;

d) o Board local também influencia na organização do currículo. Muitas adaptações especiais são feitas em nível local e programas especiais de educação vocacional, para os que apresentam dificuldades físicas, são organizados pelos distritos.

O currículo da High School é muito flexível e a formação profissional é feita dentro do estabelecimento, uma vez que o sistema é multicurricular e não multipartido, como no caso brasileiro.

A High School tem os seguintes propósitos:

- a) educação geral para todos;
- b) preparação para educação mais elevada;
- c) programas de formação profissional.

Além das disciplinas acadêmicas, a escola ministra educação moral e cívica, segurança contra incêndios e educação física. São promovidas conferências contra o fumo, narcóticos,

etc. A formação religiosa não pode ser ministrada dentro da escola. O treinamento militar pode ser desenvolvido, estando a cargo de uma organização militar o SROTC (reserva do exército), que inicia a formação nesta área.

As escolas secundárias que visitamos nos deram ótima impressão pela organização e disciplina.

Um aspecto que queremos assinalar é a simplicidade das instalações. Em San Diego, em virtude da mobilidade da população, registrada em determinados bairros, existem salas de aulas desmontáveis que podem ser transportadas de uma escola para outra, em função da matrícula.

Todos os estudantes são obrigados a um semestre de iniciação profissional no 7º grau (1ª série). Os rapazes fazem “Artes Industriais” e as moças “Educação para o Lar”. Um programa “Cooperative” (o aluno trabalha pela manhã e estuda à tarde) está sendo desenvolvido. Neste caso as atividades realizadas pelo estudante fornecem créditos que valem como formação profissional.

São os seguintes os programas oferecidos comumente pela High School: Curso preparatório (acadêmico), cuja taxa de matrícula atinge cerca de 30%, educação geral (acadêmico mas não clássico) com 20%, industrial com 30%, comercial com 10% e agricultura com 10%.

Nem tôdas as escolas oferecem todos os programas mencionados.

Os alunos escolhem o programa no início do Curso (7º grau) mas podem mudar de um para outro, em qualquer grau (série).

Ao terminar qualquer Secção da High School o estudante pode ingressar no ensino superior, uma vez que no College (dois anos de educação geral) completará os estudos acadêmicos necessários ao ensino universitário.

No que se refere à Orientação Educacional (Guidance), de acôrdo com a conferência que nos foi ministrada e as ob-

servações que fizemos, é realizada nas escolas secundárias da Califórnia, desenvolvendo-se programas regulares a cargo dos Professores, Orientadores e Diretores. O professor é considerado a pessoa mais importante na Orientação, pois é "quem mais conhece e pode ajudar o aluno".

O Orientador pode ser também professor.

Nem todos os Orientadores têm Curso especial, mas os Chefes de Serviço, o Orientador do Distrito, o encarregado da Orientação Profissional e outros especialistas na área da Guidance possuem cursos de formação com o total de 30 a 40 créditos, em nível universitário.

O número de Orientadores é insuficiente, razão por que, nas escolas de San Diego, comumente um Orientador fica responsável por 400 ou mais alunos.

Na "Clairemont High School", por exemplo, informaram-nos que alguns alunos só podem ser atendidos, pelo S. O. E., duas vezes por ano.

Na sede do Distrito Escolar de San Diego existe um Centro de Orientação para atender casos especiais e ministrar assistência aos Orientadores das escolas, contando com pessoal especializado, incluindo Psicologia, Guidance Clinics, Terapeuta e Orientador Profissional.

Um aspecto interessante é a não existência de Médico e Dentista nas escolas. Informaram-nos que os estudantes são atendidos pelos Serviços de Saúde da Comunidade.

Nas escolas, no máximo, funciona uma Enfermeira, para atender curativos urgentes e auxiliar no programa de educação sanitária.

Os livros escolares são fornecidos pelo Distrito, através das escolas e no fim do período letivo são devolvidos pelos estudantes, a fim de que possam ser atendidos os alunos do ano seguinte.

Os estudantes da High School, ao contrário de certos grupos de universitários que se vestem como "hippies", apresentam-se com roupas simples e bem cuidadas (nos EE. UU. não se usa fardamento escolar). São calmos, alegres e atenciosos com os visitantes.

A disciplina não é rígida, mas os regulamentos são rigorosamente cumpridos

O uso do fumo é proibido para todos os estudantes dentro da escola e os professores e administradores não podem fumar na presença dos alunos.

No que se refere aos procedimentos didáticos utilizados, notamos uma preocupação muito grande pela "instrução programada", visando um maior atendimento às diferenças individuais. No entanto, o material padronizado que está sendo preparado para êsse tipo de ensino é ainda muito caro.

Nas atividades de formação profissional, estão incluindo trabalhos muito práticos como o treinamento oferecido aos estudantes em postos de gasolina.

O horário tradicional da High School abrange sete horas diárias, perfazendo 35 horas semanais.

Atualmente, nas escolas que têm programas experimentais, o horário escolar é organizado em *módulos*. Um *módulo* tem a duração de 20 a 30 minutos. Dêsse modo é possível tornar o horário escolar mais flexível, com atividades gerais e atividades especiais visando alunos deficientes ou interesses individuais. O sistema exige maior número de professores e pessoal docente mais especializado.

#### IV — O Junior College:

É uma instituição tipicamente americana.

O Junior College tem três objetivos:

- a) ministrar educação geral correspondente aos dois primeiros anos do bacharelado;

- b) formar profissionais em cursos de curta duração;
- c) proporcionar estudos variados abertos a pessoas interessadas.

No primeiro caso o Junior College fornece créditos universitários para a Universidade. Na segunda alternativa, além de formar o técnico, fornece, também, créditos para o ensino superior e na terceira hipótese o Junior fica à disposição da Comunidade para um amplo programa educacional.

Na Califórnia o Estado mantém cêrca de 30 Junior Colleges, sendo três em San Diego. Visitamos, detalhadamente, dois dêsses estabelecimentos: o "*San Diego Junior College*" e o "*Grossmont Junior College*".

No "San Diego" o "Deão para educação vocacional" faz uma exposição sôbre a organização da escola que "representa um esforço da comunidade e uma resposta às necessidades da mesma, no que diz respeito à educação". O estabelecimento tem um amplo programa de formação profissional, com ênfase nas áreas do comércio e administração.

Os cursos são organizados em função das oportunidades profissionais oferecidas e a uma equipe (composta de representantes dos sindicatos das indústrias e do College) cabe o planejamento visando um treinamento objetivo em função dos empregos disponíveis.

O projeto, depois de organizado pela equipe, é apresentada ao Board, para a devida aprovação.

Depois de aprovado pelo Board o projeto volta ao "Committee" (equipe) para detalhar o programa.

No Board Distrital existem representantes do ensino profissional, em nível de Junior College, para apreciar os programas apresentados pelos "Committees", aprovando os detalhes relativos a pessoal, dotações, material, etc.

O Board examina o programa duas vêzes: o projeto inicial e, depois, o projeto já detalhado.

Depois da etapa do planejamento a equipe passa a fazer o acompanhamento do projeto já em execução, verificando se tudo está se desenvolvendo de acôrdo com os interesses e as necessidades da Comunidade.

Depois de concluído o programa o "Committee" verifica se o pessoal foi, realmente, colocado no trabalho e se o esforço realizado foi válido. Como decorrência desta avaliação final o programa pode ser modificado, eliminado ou substituído por outro.

Existem cursos profissionais noturnos, em nível de Junior College, destinados a estudantes que já trabalham e estão melhorando os seus conhecimentos.

O aluno do Junior College pode tirar, ao mesmo tempo, créditos nas áreas acadêmicas e profissionais, ficando, assim, apto a continuar os estudos na Universidade e os cursos estritamente profissionais também podem fornecer créditos para cursos de formação técnica de caráter universitário.

O Junior College pode, ainda, atender estudantes que não concluíram a High School, que desejam tomar cursos profissionais visando um emprêgo.

Visitamos no "San Diego Junior College" as Secções de Mecânica de automóvel, Embelezamento Feminino, Secretariado, Comércio, Solda, Construção de Aviões, Teatro, Refrigeração, Confecções, Eletrônica e Enfermagem.

A escola conta 2.400 alunos, sendo que 2/3 estão fazendo apenas a parte profissional.

Tôdas as grandes indústrias da região têm contribuído com equipamentos e ajuda para desenvolver os programas de treinamento profissional mantidos pelo estabelecimento. Os equipamentos são comprados, comumente, por preços módicos, com reservas oferecidas pelo Govêrno Central.

O College usa, também, oficinas de indústrias e laboratórios de outras instituições.

O "Grossmont Junior College" é um Colégio comunitário com estrutura semelhante ao "San Diego Junior College".

O "Deão para treinamento profissional" explicou que os colégios comunitários surgiram na Califórnia há 50 anos.

O "Grossmont" foi inicialmente uma "High School". Está hoje muito bem instalado e conta com cerca de 1.600 alunos.

O Deão esclareceu que os alunos do seu College registram os seguintes interesses ao iniciarem o curso: cerca de 60 ou 70% desejam continuar os estudos universitários, mas, na realidade, somente 20% dos concluintes do "Grossmont" têm ingressado na Universidade; 30% vão trabalhar e 40% registram uma destinação variada e muitos entre estes tiram cursos para satisfação pessoal.

Os que ingressam na Universidade e os que vão trabalhar são acompanhados pelo College. Os que estão trabalhando, anualmente, no mês de agosto enviam uma ficha sobre a sua situação profissional, anotando os problemas que estão encontrando, a fim de que a escola possa fazer uma avaliação do seu ensino. O "follow up" tem assim um objetivo prático, para o programa escolar.

O "Grossmont", seguindo uma praxe adotada pelos "Junior Colleges" da Califórnia, aceita para cursos terminais de natureza profissional, estudantes que não concluíram a High School.

Observamos na referida escola um grupo de alunos que está realizando um programa especial de educação geral. Trata-se de uma experiência bastante revolucionária abrangendo 40 créditos (10 por semestre) em dois anos de estudo. O programa compreende Inglês, Psicologia, Sociologia, História e outras áreas de Ciências Sociais. A apresentação da matéria é feita de modo informal, não havendo um programa pré-determinado. Seis professores e 180 alunos estão nesta experiência cuja finalidade é tentar uma integração na aprendizagem das Ciências Sociais, em nível universitário e tem o título de "Inter-Disciplinary Education Approach". A idéia foi lançada por

um dos Vice-Presidentes do College e tem encontrado resistência dos educadores mais tradicionais. Os assuntos estudados são centralizados nos interesses dos alunos e através de temas como "a Guerra do Vietnã", "a repressão sexual", "alienação", etc., são feitos estudos de história, psicologia, sociologia, política e outros correlatos.

Os alunos são divididos, para discussão, em grupos de 30. Pela manhã são levantados os temas e à tarde os grupos estudam os diversos aspectos dos problemas sugeridos. Tanto os dois professores que estavam dirigindo grupos de estudo, como os alunos componentes dos mesmos apresentavam-se vestidos de modo muito estranho, lembrando os "hippies" que vimos em vários pontos da Califórnia — sujos, descalços, barbados. Na sala de reuniões muitos deles estavam sentados no chão e uns três deitados num tapete. Havia, assim, um contraste muito grande no comportamento dos participantes do "Inter-Disciplinary Education Approach" com a maneira de se conduzir dos estudantes dos cursos comuns, desenvolvidos pelo "Grossmont Junior College".

#### V — *As Escolas de Continuação:*

São estabelecimentos destinados a estudantes com problemas especiais.

Dentro dessa classificação existem vários tipos, desde escolas para delinquentes juvenis até as que acolhem alunos que têm dificuldades de aprendizagem ou que se atrasaram nos estudos.

Visitamos algumas "escolas de continuação" na Califórnia.

O "Rancho del Campo High School" é um educandário localizado em plena zona rural e destina-se a delinquentes juvenis. Foi criado pelo Condado com a finalidade de atender rapazes que têm problemas com a Justiça. A escola está aparelhada para ministrar educação geral na linha da que é oferecida pela High School. Recebe apenas 100 alunos, todos in-

ternos, uma vez que são delinquentes em regime de recuperação, na faixa etária compreendida entre 14 e 17 anos. Os professores têm tempo integral e, além das disciplinas comuns do ensino secundário, são ministradas aulas de orientação para a vida em sociedade. Todos os Condados da Califórnia têm escolas desse tipo e quando o Condado é pobre faz um convênio com outro que já mantém escola deste tipo, para receber os alunos que tenham problemas idênticos.

Em San Diego estivemos em duas escolas de continuação muito diferentes do "Rancho del Campo", uma vez que têm o objetivo de completar a educação de estudantes que apresentam deficiência.

A "E. R. Snyder Continuation High School" tem a finalidade de recuperar alunos com problemas especiais. Todo ensino é ministrado à base do estudo dirigido. Educação Geral e Atividades Profissionais são oferecidas pela escola, que tem, em média, 12 alunos por classe. A sala de recuperação para deficientes em leitura tem uma aparelhagem completa. Instrumentos para registrar a velocidade da leitura e para testar a capacidade do aluno. O aluno vai lendo e ouvindo num fone especial ao mesmo tempo. Os Professores e Orientadores Educacionais têm tempo integral e um psicólogo do Centro Distrital visita a escola uma vez por semana.

Outra "Escola de Continuação" visitada pelo grupo de brasileiros tinha um programa bem diferente. Atendia alunos que se atrasaram na escola regular por motivo de casamento, emprego, viagem, problemas familiares, falta de ajustamento ao currículo, perderam a matrícula na escola regular, desejam reforçar os estudos feitos tirando créditos adicionais ou por que estão atrasados de acordo com a faixa etária.

O aluno faz uma espécie de contrato com a escola, estipulando-se as obrigações das duas partes. Assemelha-se a um plano de curso individual. A escola ministra o ensino através de uma espécie de "estudo dirigido". O interessante é que os rapazes estudam num turno e as moças no outro, fugindo assim a regra comum às escolas americanas, que mantém a coeduca-

ção. A separação, segundo a informação do Diretor, prende-se ao fato da escola ter iniciado as suas atividades atendendo apenas ao sexo masculino.

A escola também tem um corpo docente dividido por sexo — as moças são atendidas por professoras e os rapazes por professores. Explicaram que o sistema resultou de observações feitas, demonstrando que há um melhor entrosamento desse modo, uma vez que os estudantes do sexo masculino não recebiam bem a direção das professoras.

Os alunos são encaminhados por 8 escolas públicas, localizadas na área, ou essas diretamente, são procuradas pelos estudantes. Os edifícios são muito simples, compreendendo pavilhões de madeira e o conteúdo dos cursos oferecidos correspondem a Senior e aos últimos graus da Junior High School.

Funcionam, na escola, Conselheiros com tempo integral e o "follow up" vem sendo realizado, para verificar os resultados que os ex-alunos vêm obtendo no College.

Tipo especial de "escolas de continuação" são as chamadas "escolas de adultos", destinadas a estudantes que já ultrapassaram a faixa da adolescência. Têm o objetivo de fornecer créditos para o ensino secundário, ministrar instrução geral desinteressada, promover cursos profissionais (mecânica, comércio, artesanato, artes, economia doméstica, etc.) ou a simples finalidade de "hobby" (fotografia, pintura, música, etc.). Em San Diego funcionam 7 escolas de adultos e a que visitamos tinha uma frequência diária de 1.200 alunos e seguia a filosofia geral das escolas de adultos — ensino prático e objetivo. Os estudantes mais idosos tinham, aproximadamente, 80 anos. Entre os cursos oferecidos estava o de "americanização" com a finalidade de integrar os estrangeiros e prepará-los para a naturalização.

## VI — O Professor Secundário:

### a) Formação:

Na Califórnia o professor do ensino médio é preparado em nível universitário.

O preparo abrange formação básica (bacharelado) feita em 4 anos, com um total de 124 créditos. É interessante lembrar que 1 crédito representa 1 hora de aula teórica ou 3 horas de laboratório, semanalmente, durante 1 semestre.

Os 124 créditos do bacharelado estão assim distribuídos: 45 de "educação geral", 45 do "Major" (disciplina mais estudada), 24 do "Minor" (disciplina estudada em segundo lugar) e 10 créditos de matérias eletivas.

Os 45 créditos de "educação geral" podem ser tirados no Junior College ou na Universidade. O estudante deve escolher disciplinas em 4 das 6 áreas oferecidas (Humanidades, Ciências Sociais, Ciências Naturais, Matemática, Belas Artes e Línguas).

A finalidade é fornecer preparo básico ao futuro mestre, uma vez que a *High School* pode ser concluída sem um bom lastro de cultura geral.

O "major" constitui o estudo na área principal escolhida.

Por exemplo, o professor de matemática deve ter 45 créditos nesta especialidade, enquanto o "minor" representa a segunda área de especialização.

O professor de ensino médio pode qualificar-se em duas disciplinas, de acordo com o seu "major" e o seu "minor".

A combinação é bastante livre, podendo o professor preparar-se em áreas bastantes diversas. Por exemplo: matemática e educação física, biologia e inglês.

Os 10 créditos eletivos tornam o currículo flexível, possibilitando o atendimento aos interesses pessoais.

Após o bacharelado que, no caso do candidato a professor, deve incluir também uma fundamentação pedagógica, a qualificação para o magistério será completada com a formação específica na área da educação. Esta formação específica varia de Universidade para Universidade, exigindo-se, oficialmente, na Califórnia, no mínimo 15 créditos.

Em San Diego, o preparo para o magistério do ensino médio compreende 2 semestres, após o bacharelado, exigindo-se os seguintes créditos: no 1º semestre: 4 de Fundamentos Sociais da Educação, 5 de Fundamentos Psicológicos da Educação, Observação e Participação — 2 créditos; Eletivas ("Major" em post-graduação) — 3 a 6 créditos e Prática de Ensino — cujos créditos são em número variável, devendo completar o total exigido para a qualificação pedagógica.

Para a Prática de Ensino o esquema é assim, flexível e feita no "Major" ou no "Minor". Isto é, a prática docente pode ser apenas na disciplina principal ou na secundária. Quanto ao tipo de escola em que o aluno mestre praticará também o sistema é variável — ele poderá fazer a prática na Junior ou na Senior School. Exige-se comumente, uma hora diária, de prática nos 2 semestres ou 2 horas diárias num semestre.

No 2º semestre, além da Prática de Ensino, o estudante tem 3 créditos de Seminários, 2 créditos de Metodologia Geral, 2 créditos de Metodologia Especial e 3 créditos de disciplinas eletivas representadas pela pós-graduação no "Major".

A formação pedagógica representa, no mínimo, 30 créditos após o bacharelado.

Estivemos em contacto com estudantes que estão fazendo a Prática de Ensino. Haward Estes, estagiário na "Monte Vista High School", Nary Roedt, da "El Capitan High School", Joseph Vieira (descendente de portugueses) praticando na "Hilltop Junior High School" e a Supervisora de Prática, Miss Martha Ulvestad, prestaram-nos esclarecimentos sobre a maneira como é feita a aprendizagem prática.

No "State College de San Diego" trabalham 35 Supervisores de Prática de Ensino. Cada um encarrega-se de 20 estagiárias, podendo este número ser elevado a 30 quando o Supervisor tem tempo integral.

Os Supervisores de Prática são comumente designados por áreas, mas não é uma norma rígida.

Miss Martha Ulvestad, que nos levou para observar a realização da Prática na "Hilltop Junior School", é Supervisora de

Inglês, Ciências Sociais e Artes e estava substituindo, também, a Supervisora de Espanhol.

Os Supervisores levantam o campo de estágio, escolhendo bons professôres em exercício nas escolas públicas e colocam os estagiários (alunos-mestres que estão fazendo a prática), que ficam responsáveis pelo ensino, durante o semestre, funcionando os professôres efetivos como Orientadores dos estagiários.

Cabe ao Supervisor coordenar o trabalho geral, realizar reuniões com os Orientadores e os estagiários, fazer o acompanhamento geral e redigir o relatório sôbre cada estagiário.

Êsse relatório final é um documento muito importante, valendo como recomendação para o diplomado arranjar emprêgo.

#### b) A carreira profissional:

O professor do ensino médio, na Califórnia, tem um salário que varia entre \$ 6.500 e \$ 16.000, de acôrdo com a qualificação profissional e o número de anos de trabalho, conforme pode ser observado no seguinte quadro:

Bacharel (x)	Bacharel + 15 créditos de formação pedagógica	Mestre	Mestre + 15 créditos de doutorado	Doutor
6.500	6.700	6.900	7.100	7.300
6.700	6.900	7.100	7.300	podendo chegar até
6.900		7.300	7.500	16.000
			7.700	

(x) O bacharel só pode lecionar na falta do professor qualificado (Bacharel mais 15 créditos, no mínimo, de formação pedagógica).

O candidato ao magistério pode fazer a formação pedagógica durante as férias (Cursos de verão) ou em regime noturno.

O Mestrado em Educação compreende 30 créditos, podendo ser tirados em regime especial no período de dois anos. Neste caso o estudante poderá fazer 12 créditos à noite (6 por ano ou melhor 3 por semestre) e 18 nas férias (9 em cada verão).

Atualmente, a Associação dos Professôres, órgão que congrega 180 mil associados na Califórnia, conseguiu a estabilidade do pessoal docente das escolas públicas depois de três anos de exercício. Dêsse modo, os que contam com êsse tempo de serviço só podem ser demitidos pela Suprema Côrte.

Após sete anos de trabalho, sem faltas, o professor goza um ano inteiro de licença, com metade do salário. É o ano *sabático*, aproveitado para estudar (tirar o mestrado ou curso de aperfeiçoamento), viajar, ensinar em outro Estado ou em Universidade, fazer pesquisa, etc.

Ao voltar do "ano sabático" o professor deve apresentar um relatório do que realizou e fica com a obrigação de trabalhar durante, pelo menos, dois anos no Distrito que lhe concedeu a licença.

Nem todos os professôres que desejam o "ano sabático" o consegue, pois depende do plano apresentado para o trabalho que pretende realizar. Muitos mestres também não se interessam por êsse tipo de licença, em virtude da redução do ordenado.

O salário anual é pago em dez prestações correspondendo ao período escolar, que vai de setembro a junho.

Os professôres que trabalham nos "Cursos de Verão" recebem salário à parte por esta atividade.

A aposentadoria é concedida aos 65 anos de idade ou após 35 anos de trabalho, com 90% do salário. O professor pode solicitar aposentadoria antes do tempo regulamentar, recebendo, neste caso, salário proporcional.

A licença para ensinar é da competência do Departamento Estadual de Educação (Board). O contrôle profissional não está assim a cargo da associação de classe, como acontece com

as demais profissões que, nos EE. UU., são controladas pelos próprios órgãos classistas. Os médicos, advogados, etc. para o exercício profissional têm que se inscrever nas respectivas associações, que fiscalizam a ética dos seus associados e determinam os requisitos para a qualificação.

A Associação de Professores da Califórnia está lutando para conseguir situação idêntica para o magistério. Tenta obter 525.000 referendos (representados por assinaturas de eleitores), a fim de garantir a aprovação da lei que estabelece o privilégio da entidade ficar responsável pelo registro e controle das atividades profissionais do professorado.

Em 1968, projeto garantindo esse direito, foi aprovado pelo Legislativo e vetado pelo Governador.

A Associação está disposta a continuar a luta até a vitória final, mesmo que tenha de renovar, todos os anos, o referido projeto.

#### c) Representação profissional:

Os professores da Califórnia têm na sua associação, já mencionada no item anterior, o seu órgão representativo.

É uma grande entidade, congregando 180 mil sócios, com um Conselho de direção com 400 membros eleitos pelas diversas Secções.

São eleitos, além dos 400 conselheiros, 1 representante para cada grupo de 300 sócios.

A associação conta, assim, presentemente, com 180 mil associados, 600 representantes e 400 conselheiros.

A entidade tem como objetivo estabelecer leis em benefício da educação pública e defender os interesses dos professores.

Leis importantes para o magistério como a da estabilidade após três anos de trabalho e a que defende os professores contra os insultos dos pais e alunos (\$ 500 de multa) foram conseguidas pela Associação.

Quando uma comunidade quer fundar uma escola a associação ajuda a conseguir a votação da lei que estabelece as dotações necessárias, para construir o edifício, contratar os professores, etc.

O Departamento de Relações Públicas do órgão divulga a idéia de que o povo deve manter, através de taxas, a escola pública.

Conta com advogados especializados que defendem os interesses individuais dos professores, possui uma Cooperativa de Crédito que fornece empréstimos a 5% ao ano e financia a compra de automóveis e casa própria.

O Departamento de Pesquisas da Associação, através de computadores, colabora na organização e análise dos orçamentos das escolas.

Um convênio com uma cadeia de Motéis facilita as férias e viagens dos associados, bem como a realização de convenções.

Os professores contribuem, anualmente, com trinta e oito dólares para a associação e pagam oito dólares, por mês, por um seguro de vida de 100 mil dólares. Além do seguro de vida a instituição oferece também seguro de enfermidade, uma vez que a escola só custeia 10 dias de doença por ano. Os dez dias não utilizados num ano poderão ficar para utilização no ano seguinte.

Visitamos, em San Diego, a Secção local da associação, depois de participarmos do Seminário ministrado por Mr. John Orcult, um dos líderes da instituição, e ficamos muito bem impressionados com o grande órgão de classe.

# Ariano Suassuna e o sentido de renovação conciliar no Teatro (\*)

ROMEU PERÉA

## I

Fui o primeiro e... único a sair publicamente, em defesa de Ariano quando incompreendido no seu "Auto da Compadecida", era vítima de restrições e denúncias, inclusive da parte das autoridades eclesiásticas, sem dúvida, pelas informações de seus assessores e auxiliares imediatos.

A ocasião para esse ato, menos de coragem do que de justiça, foi um convite do Promotor Público da Comarca de Salgueiro, Dr. João Guerra de Holanda, irmão do saudoso cronista da "Bacia de Pilatos", para apresentar o ilustre dramaturgo, numa conferência a ser proferida naquela cidade, no dia 18 de fevereiro de 1962.

Na véspera, porém, o orador, que andara na praia, na semana anterior, demorando-se mais do necessário, e renovando antiga doença, no pulmão, me enviou um bilhete comunicando-me que estava com receio da poeira da estrada.

Mas como o discurso estava preparado, e como a intenção ao prepará-lo foi a de manifestar publicamente a admiração discreta e silenciosa que por ele sentia, e a de protestar contra as restrições e denúncias de certos sacerdotes e prelados, nada bem informados, pois, em fim de contas, eu era professor de Literatura, embora modesto, resolvi publicá-lo.

---

(\*) Homenagem do autor ao ilustre poeta e dramaturgo no 25º aniversário da sua iniciação literária com a publicação do poema "Noturno" no dia 7 de outubro de 1945.

E publicá-lo com um título que chamasse logo a atenção, o que fiz no Diário de Pernambuco, nos dias 24 e 28 do mesmo mês de fevereiro: "Ariano Suassuna é dos nossos e... dos melhores que temos".

Os artigos caíram nas mãos da genitora de Ariano, e como toda mãe, que vê o filho prestigiado pelo seu valor e mérito, gostou; ainda mais por que soube que aquêles artigos eram assinados por um sacerdote "romano" (ela é protestante).

A notícia me foi comunicada pelo próprio Ariano com a simplicidade que o caracteriza, e com a sobriedade de palavras com que se distingue: "mamãe gostou dos artigos".

Eu, então, me tomei a liberdade de pedir (de pedir, ou de dar?) ao apresentado em Salgueiro, sem ter colocado sequer os pés naquela cidade, a necessária autorização para que os publicasse, a fim de que a mamãe os conservasse com maior facilidade e êle próprio os distribuísse entre seus amigos, como Francisco Brennand que, como depois me informou César Leal, também gostou.

Não necessitava, pois, de maiores críticas fora dessas, as mais sinceras e espontâneas, e por isso mesmo, as mais verídicas e autorizadas.

Enquanto Ariano preparava a edição, no Jornal do Commercio, uma edição limitada, mas bem feita, eu pedia ao Prof. Luiz Delgado umas palavras de apresentação que constituiriam um depoimento a mais, sobre Ariano, êste sim autorizado e valioso, como valioso e autorizado é tudo, quanto sai da inteligência dêsse autêntico humanista, perdido nestes trópicos. Pois é êsse discurso, que... não foi pronunciado, que agora entrego para ser publicado. E o entrego tal e qual foi escrito, antes do Concílio Vaticano II, que veio — permita o leitor que o diga — confirmar a doutrina nele exposta, o que prova que a doutrina da Igreja é uma só, e que sempre foi a mesma, mesmo porque não pode mudar...

E que confirma, também, que Ariano antecipou-se com o seu Auto, eminentemente mariológico ao verdadeiro sentido "de

renovação e pureza que anima a atual conjuntura conciliar da Igreja", como escreve o autor da versão espanhola, o eminente José Maria Pemán.

## II

Três breves considerações contém êste pequeno ensaio. A primeira, sobre a posição da Igreja em face da arte, representada, de maneira humana, e compreensiva, pela austera figura do imortal Pio XII.

A segunda, sobre a posição de Ariano Suassuna em face da Igreja, posição que, infelizmente, não foi compreendida por uma crítica injusta e precipitada.

A terceira, sobre a posição de cada um de nós em face da arte, da cidade e da própria Igreja, à base de normas seguras e princípios certos que possam garantir o exato cumprimento de nossos deveres como cristãos.

"Em cada cidade — escreve Marie-Alain — (1) há uma arte que vive da época e desta vida comum e indivisível é que a fé cristã deve apoderar-se e transformá-la para os seus próprios fins. Uma das misérias dos "meios católicos" têm sido, certamente, a sua ignorância e indiferença ante os problemas que não eram específica e diretamente religiosos e, por isso mesmo, indiferença ante as angústias, os sonhos e as conquistas de tudo quanto não era estritamente cristão".

Por outro lado, "o escândalo não nasce da verdade, por dura que seja, quando se expressa com cristã intenção e decoroso estilo, senão da ocultação ou dissimulação que está a dois passos da mentira". (1)

E mais, "o conhecimento das fraquezas dos grandes homens mais tem de lição moral que de pedra de escândalo, enquanto serve para impedir que a justa admiração degenerem em sacrílega apoteose". (3)

Suscitar êste tema, indicar a atitude que em face dêle se deve adotar, foi a intenção do autor dêste ensaio que vive con-

vencido de que “as ações humanas, quando são retas e ajustadas à lei de Deus, não necessitam de apologia; quando o não são, temerário e imoral empenho seria defendê-las”. (4)

.....

Este ensaio vai dirigido menos a apresentação de Ariano Suassuna — que dela não carece — do que à reivindicação, muito generalizada, de considerar a Igreja como um inimigo declarado da arte — da dramática, em particular; pensando ingênuamente, muitos, inclusive católicos, que existe entre uma e outra — Igreja e Arte — uma acentuada oposição e uma quase invencível rivalidade.

Justamente o contrário da verdade, pois essa invencível rivalidade nunca existiu, como nunca existiu essa oposição tão acentuada que muitos creêm encontrar.

E se não existe oposição, nem rivalidade, entre a Igreja e a Arte, logicamente, também, não existe essa oposição entre a Igreja e os artistas, sobretudo quando se trata de artistas como este que nos ocupa. Autor, poeta e dramaturgo em tôdas essas atividades sobressaindo-se, como se a cada uma em separado, e de maneira exclusiva, consagrasse a sua privilegiada cabeça e robusta inteligência, Ariano Suassuna coloca em tôdas as suas produções, de maneira a aparecer à vista daquêle que tiver um pouco de intuição, e sensibilidade, o seu amor à Igreja e o seu culto à justiça.

Quem como a Igreja — interrogaríamos nós, logo de início, aos inimigos gratuitos que “teimam em blasfemar daquilo que ignoram — (5) compreendeu o poder e grandeza da arte dramática, em particular, e a quase sublimidade da sua missão?

Quem como a Igreja cercou em todo tempo e lugar, através da história, os artistas, do respeito que êles merecem, e recebe, por outro lado, com tanta generosidade, a inspiração de que os artistas são portadores? É verdade que os antigos vis-

lumbraram, também, esta grandeza, e aceitaram aquela missão a que acima nos referimos, ao acreditarem piedosamente, que cada artista trazia “um pequeno deus” no seu íntimo, manifestando esta crença — da divina presença no artista — da maneira mais ingênua e, às vêzes, patética que podiam e sabiam fazer.

Mas quem em forma definitiva, elevou a arte à sua verdadeira categoria, e colocou o artista no seu lugar de destaque, foi a Igreja.

Como a Igreja foi como “educadora dos artistas” quem assinalou a responsabilidade que pesa sobre a arte, e os perigos que cercam os artistas, sempre que saem da verdadeira finalidade da arte, ou aceitam motivos outros que os desviam de seu verdadeiro destino.

Conserve-se, porém, a arte dentro de seus limites, que são largos, e não perca de vista os seus horizontes, que são luminosos, e a Igreja será a primeira a aplaudir, juntando assim os seus aplausos aos de tantos outros que, mais entusiastas, ou menos refratários à beleza, em qualquer uma das suas manifestações, sabem sentir e apreciar tanto uma representação bem feita, como uma récita bem sucedida; uma música que traga o traço da inspiração, ou uma pintura que deleite e eleve.

Aí está o edificante exemplo de Pio XII, para só citarmos um, relativamente recente, que prova a benevolência que, para com os artistas e as suas produções — sempre que dentro da finalidade de cada uma — tiveram, sempre, também, os seus mais categorizados representantes.

Prometida e organizada pelo Centro Católico Teatral, teve lugar no dia 26 de agosto de 1945 uma concorridíssima audiência, durante a qual o Santo Padre recebeu numerosos autores e atores dramáticos, cronistas e críticos de arte, por motivo da festa de seu celeste patrono S. Genésio.

Todos os artistas, ali presentes, com as suas respectivas famílias, sentiam-se felizes em poder prestar esta homenagem ao Santo Padre, e ouvir a Sua palavra.

Entre êles, anotava-se o Presidente do Centro, Prof. Luís Gedda, o Secretário, Dr. Carlos Trabucco, os conselheiros e alguns Assistentes Eclesiásticos da Ação Católica.

Ao aparecer na sala, o Santo Padre é saudado com uma estrondosa ovação e, uma vez sentado no seu trono, dirigiu ao singular auditório um belo discurso — e aqui é onde queríamos chegar — sôbre as qualidades necessárias para uma verdadeira e profícua arte dramática. Imediatamente após o discurso, quatro afamados artistas italianos ali presentes, todos êles gente de teatro, recitaram para o Santo Padre ouvir, dois dos diálogos dos “I Promessi Sposi”, exatamente, a cena do encontro, entre o Cardeal Frederico e o Inominado, e outra do encontro, também, entre o mesmo purpurado e D. Abbondio. Gino Cervi interpretou o Cardeal Frederico; Carlos Ninchio, o Inominado, Luiz Almirante. D. Abbondio, e Atílio Ortolani, o Capelão Crocifero. Pois foi a êsse grupo que Pio XII interrogou o que era que devia fazer o teatro para bem cumprir a sua missão de fazer o bem, e Êle próprio respondeu: “Deve fazer obra de arte no sentido mais amplo e, ao mesmo tempo, mais sadio e elevado da palavra, como vos fareis, daqui a pouco, no ensaio que nos oferecereis de duas das mais belas cenas dos “Promessi Sposi”. (6)

“E para ser obra de arte”, explicava ainda Pio XII — numa outra ocasião, “não requer explícita missão ética, ou religiosa. Como linguagem estética do espírito humano, se o reflete na sua verdade total, ou, ao menos não o deforma positivamente, é já de per si sagrada e religiosa enquanto intérprete duma obra de Deus; mas, se ainda o conteúdo e a finalidade fôrem aquêles que o Angélico assinalou a sua arte (falava o Papa no quinto centenário do célebre artista da Toscania, Fra Angélico), então êste levantar-se-á por assim dizer, à dignidade de ministro de Deus, refletindo em maior número as perfeições divinas”.

### III

É, justamente, dentro das condições necessárias assinaladas por Pio XII para a obra de arte ser verdadeirar, que nós gos-

taríamos de tecer breves considerações em tórno dos títulos que, para preenchê-las, tem o jovem e consagrado artista que agora nos ocupa.

Sentimos receio de ferir a sua modéstia, mas temos, também, o direito de manifestar de público, pela primeira vez, a simpatia que para com Ariano Suassuna, sempre abrigamos, e o entusiasmo com que silenciosa e sinceramente, seguimos, à distância, os seus grandes triunfos, dentro e fora do país, numa arte que consideramos a mais delicada e complicada de tôdas as artes.

A arte dramática exige, com efeito, daquêle que a ela se consagra, em primeiro lugar, uma consciência clara do atormentado e irrequieto coração que cada um de nós carrega dentro de seu peito.

Uma humildade profunda, depois, para saber de antemão, da impotência quase absoluta em penetrá-lo, em tôda a sua extensão e profundidade. E uma caridade ardente, enfim, para continuar a amá-lo apesar da indocilidade que, mais de uma vez, apresenta, para deixar-se retratar com fidelidade, e, menos ainda, radiografar-se.

Aqui abriríamos um parêntese para afirmar, sem receio de sermos desmentidos, que Ariano Suassuna é uma alma profundamente agostiniana, no sentido mais nobre e elevado da palavra.

Como agostiniana era a alma daquêle “louco” Bernanós, o primeiro a mostrar a Ariano quando a sua mente ainda estava carregada de preconceitos, a grandeza da Igreja, em que pese as deficiências dos cristãos.

Grandeza da Igreja essa da que Agostinho foi, justamente, um dos maiores defensores, com a sua doutrina, e um de seus maiores representantes, na terra, pela prática da sua caridade quase infinita.

O “dícere de vitiis, párcerer personis” de Agostinho é quase uma declaração que Ariano Suassuna podia colocar na capa

de tôdas as suas peças avisando, desta maneira, ao leitor, de que é que se vai tratar, "Condenar os vícios e amar os homens".

Teria evitado com esta precaução, alguns dissabores, e muitas incompreensões da parte daquêles que se esqueceram de que se estamos obrigados a amar o nosso próximo, temos, igualmente, o dever sagrado de condenar os seus erros que, também, nos cristãos, como naquêles outros que não o são, não têm, absolutamente, o menor direito.

É difícil apreciar a beleza da inspiração, ou aplaudir os motivos da beleza que, na natureza, a sensibilidade do artista sabe distinguir e seleccionar.

A pintura como a poesia, a música como a eloquência, e tôdas as restantes manifestações artísticas, presentes estiveram sempre, menos nas realizações conseguidas pelos seus autores (imortais, muitas delas) do que na mente dos artistas que as conseguiram concretizar, levando-as à admiração de uns, ou ao deleite de outros; nem sempre porém, com unanimidade de aplausos, a começar pelo próprio artista que, de regra, nunca fica satisfeito com a sua obra.

Daí o desequilíbrio que aparece, mais de uma vez, entre aquilo que o artista concebe na sua mente, e a execução, no bronze, no mármore, ou na madeira; entre a inspiração que tem, e a realização que, com dificuldade, consegue; entre o seu mundo subjetivo, e o que encontra fora de si, com obstáculos, nem sempre, fáceis de serem vencidos.

É esta luta tremenda, a que se estabelece entre o artista e a sua idéia, provocando nele a angústia íntima que é quase a característica de todo verdadeiro artista, como acontecia ao próprio Miguel Ângelo:

Dime, oh Dios, si mis ojos, realmente,  
la fiel verdad de la bella miran  
o si es que la belleza está en mi mente  
y mis ojos la ven doquier se giran.

E se isto acontece nas manifestações da arte, a que acima nos referimos, que acontecerá nesta outra, de tôdas a mais difícil, porque a mais complicada, precisamente, por constituir o homem uma interrogação que desafia, como uma esfinge, àquele que a quer penetrar, única e exclusivamente como frio instrumento de trabalho — mesmo sendo trabalho artístico — sem penetrar naquilo que, agora, justamente, se deu em denominar "as profundidades da alma", isto é, nos pensamentos, afetos e sentimentos, tudo de envolta com as raízes que cada um toma do ambiente, ou recebe da herança, a mais pesada, muitas vêzes?

Para penetrar no homem e descobrir os seus mais íntimos segredos, o seu ser mais íntimo, é necessário que se ame êsse homem, pois só a caridade "abre o coração de um homem a outro homem".

E esta vitória só é conseguida por aquêles artistas de quem se possa afirmar o que de Molière, foi dito, com justiça, aliás; "artista como ninguém, homem como todo o mundo".

Está aí, cremos, nós, o sêgrêdo dos triunfos que na arte dramática vem conseguindo Ariano Suassuna, precisamente, por estar aí, também, a revelação da sua nobreza como artista, como homem e como cristão.

Sobretudo, como cristão autêntico, desafiando, no mais íntimo da sua consciência — calma e tranquila — a incompreensão daquêles que o consideraram ora como comunista, ora como fascista.

Felizmente que as tempestades nunca abalaram as montanhas"...

#### IV

As incompreensões que, de início, pairaram sobre a sua obra, e os comentários, pouco caridosos, que, surgiram em torno da sua pessoa, passaram ao que parece, para não voltar mais.

“A verdade é filha do tempo”, e quando a verdade aparece, as nuvens se retiram, para dar passagem ao sol que, nesse dia, brilha mais, como a manifestar a sua sentida e justa vingança.

À distância, podemos, agora, com ânimo calmo e sereno, examinar uma e outra, convencidos de que se em algo cabe tolerância é, sem dúvida, na crítica, como da política, afirmou Balmes: “Quando se combate o adversário, é necessário não esquecer a indulgência; pois que, pela nossa parte, bem cedo nos veremos obrigados a pedi-la”. (7)

Aí está o “Auto da Compadecida”, entusiasticamente recebido em Portugal, no Uruguai, na Argentina, discutido, carinhosamente, em Seminário, na Espanha, vertido, enfim, na Alemanha e na Polônia, e nas línguas de outros países que só aceitam traduções de autores de indiscutível mérito. E aí está, também, e seu autor “uma das personalidades mais benévolas e simpáticas que Pernambuco possui”, e “um dos entendimentos mais privilegiados, vigorosos e compreensivos” que a Paraíba nos deu.

A esta altura verifica-se que a crítica de certos católicos poderia ter sido não diremos mais imparcial e construtiva, palavras muito usadas e, por isso mesmo, sem valor, mas sim um pouco mais justa, ou ao menos, mais humana e cristã.

Em fim de contas, tratava-se de um jovem convertido que lutou sozinho na noite escura e sozinho teve de atravessar o túnel da sua conversão, sem outro auxílio que o de uma tênue luz que recebeu do exemplo de Bernanós — um homem, pensava êle, de imenso talento que abdicou, entretanto, generosamente, o seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja Católica, como entre nós fizera, também, Jackson de Figueiredo. Mesmo assim, essa tênue luz se apagava, vez por outra, ante o vento forte da conduta de três dos cinco sacerdotes, que conheceu na cidade que mais tarde havia de ser “a sua paróquia”.

Foi necessário que Dostoievski, por um lado, e Unamuno, por outro, com os seus argumentos, o tomassem da mão e o le-

vassem até a porta da Igreja, onde ficou com um cristianismo ainda não bem definido, nem muito seguro, até chegarem Maritain e Alceu Amoroso Lima, que, dando forma àquele cristianismo, o levaram até o altar.

Se, do homem, passamos agora ao artista e ao cristão que Ariano Suassuna separa, cuidadosamente, em si próprio, verificaremos a mesma sinceridade e honestidade, a mesma autenticidade, como agora, se prefere dizer, que encontramos no homem.

Como artista, êle próprio declara com a ingenuidade de uma criança: “ao tomar meus materiais, desejo, antes de tudo, fazer uma boa obra.

O resto vem depois”.

A bondade da obra, sem preocupação de glória humana, ou de humana recompensa, é o que lhe interessa, ao reunir, selecionar os materiais que encontra para manifestar aos outros aquilo que êle sente.

A arte é, ou deve ser, impessoal, pois é, menos para o prazer do artista, do que para o seu dever, em face da sociedade e da cidade, que dêle espera a sua contribuição, valiosa, certamente, para o aprimoramento dos costumes que nessa sociedade deve reinar, e para a qual todos tem de contribuir como membros do mesmo corpo.

O artista fica em Ariano Suassuna separado do cristão, que não faz leviana ostentação da sua fé, mas que observa em consciência, rigorosamente, todos os seus postulados e exigências aceitando os princípios em que se inspira a sua doutrina, mas sem querer comprometer esta doutrina com uma pseudo-autoridade, e com uma orgulhosa arrogância de que outros usam e abusam.

A arte, como ensina Pio XII, para ser arte, não requer explícita missão ética, ou religiosa.

Tem a sua esfera própria, como tem a sua específica responsabilidade. Dá-se na arte, o que se dá na ciência. Era o que pedia Mercier: “Devemos educar, em número cada dia maior,

homens que se consagram à ciência por si mesma, sem intuitos profissionais, sem propósitos diretos de defender a religião; homens que trabalhem primariamente para recolher materiais para o edifício da ciência, e contribuam para o levantamento progressivo dêste edifício". (8)

É, justamente, o que no terreno artístico, procura fazer Ariano Suassuna.

"Sou um autor, cuja religião é a católica, mas não sou autor católico". E respondendo a um crítico que negava ser Ariano Suassuna católico, e afirmava ser êle inimigo da Igreja, escreve o nosso autor: "Isso vem, inclusive, me provar que apesar de tôdas as minhas infidelidades, o meu amor pela Igreja e pela justiça deixam certas marcas que aparecem aqui e ali, nem que sejam (como queria irônicamente o crítico) sob a forma de pregação catónica".

Está aí, retratado em corpo e alma, o cristão, autêntico e sincero, de consciência clara, de humildade profunda, de ardente caridade.

Caridade que o leva ao ardor com que denuncia os erros da cristandade, na medida exata do amor que professa a cada um de seus membros, no supremo esforço de conseguir, na medida das suas possibilidades, que aquêles erros, corrigidos, não constituíam um obstáculo a mais, capaz de impedir a Igreja de apresentar-se perante o mundo na sua verdade, na sua unidade e na sua justiça que êle tanto ama, e de que tão avaros foram alguns para com êle...

### BIBLIOGRAFIA

- 1) Arte y Catolicismo, Santiago de Chile, 1942.
- 2) José M. Sanchez, Antologia General de Mendez Pelayo, B. A. C. MCMLVI, vol. I. pp. 182 e 183.
- 3) Id. l. c.
- 4) Id. l. c.
- 5) Jud. cap. único, 10
- 6) Discorsi E Radiomessagi di Sua Santità Pio XII, Tipografia Vaticana, vol. III, pp. 153 ss.
- 7) La Sociedad, Barcelona, 1843, vol. I p. 49.
- 8) Discurso na "Conferência dos católicos belgas", em 1890.

JOEL PONTES

# Folheto de Poesia

Edição de Estudos Universitários  
Universidade Federal de Pernambuco  
Recife — 1970

Capa: Aluísio BRAGA sobre:  
illustration from Cologne Bible printed by Quentell, 1480

*O Folheto é  
dedicado a  
Leda*



## KENTUCKY

Cavalos britânicos em barris de bourbon  
destilaram campinas  
que navegas em doces manhãs.  
Os celeiros te olham do negro  
como portos de mar  
e se ofertam com a dignidade de antigos sacrifícios.  
Um cachimbo joga ondas  
no teu ar absorvente  
de madeira e grama  
cavalgado por dois azuis.  
De fato, uma limpeza (digo pobre?)  
transluz das relações  
sendo o teu decalque obra de cavalos e crianças  
perfilados contra a nitidez do horizonte.

*Lexington, abril, 69*

O CONTO DO CAVALO  
OU  
PRIMEIRA ARQUEOLOGIA

Nesta caverna, cheia das crispações violentas do  
cavalo doido  
escoiceando as môscas, venho me assentar sem mais  
presença,

quase môsca, sem sofrer golpes de casco,  
diminuído e hipnotizado.

O mesmo ar se rompe em sons que seriam resfolêgo  
cortados nos vibros de vinganças  
contra chicotadas imemoriais que as môscas pagam.  
Então, um já.

O ar agredido se incorpora  
às pedras e tudo rui no segrêdo  
inviolável da caverna,  
agora tapume sôbre a doidice do cavalo,  
a inocência das môscas e minha contemplação  
intocada.

Como contar se me fossilizo duro  
e mais que tudo se acabarão os olhos  
do mudo horror de estar presente?  
Cavalo e eu restaremos como o dançarino selvagem  
e seu estático vidente  
a serem decifrados.

A mistificação do homem parado: seu sangue não  
deixou marca.

O bicho-engôdo: cavalo?  
A pata levantada: nem guerra nem dança.  
Sem marcas, sem môscas, sem moça no ar,  
sem o próprio ar —  
somos, enfim, de pureza mineral, desenho.

INFANT

Um poema tão aéreo  
que declamado a estrondos não chegasse a te acordar  
desta madorna madrugueira;  
chispado a facas  
nem eriçasse a pele de orvalho.  
Pausa no mundo  
porque descobres tua própria mão.  
Concentração no achado.  
Que importam  
o leite e o sono  
capazes de dourar três metros de atmosfera  
ao redor de tua mãe?  
Estás debulhando o céu em dedos  
ou começando a perdê-lo sem saber.  
No bêrço, o mistério examinado.  
A mão. Como tu,  
penugem de bentivi,  
acidente nas rendas,  
mas:  
primeira pergunta  
que papão não responde  
fixando-te perdidamente.

New Orleans, jan., 69

## O HOMEM DO GRAU

Em tudo sua medida  
nem miligrama perdida  
e na risca do cabelo  
no segmento da reta  
a ciência inviolada  
o duplamente infinito  
raiz quadrada nos dentes  
como faca de pirata  
o instrumento preciso  
o pianista decibel  
a equação a escala  
o sistema decimal  
o vetor o teorema

Descoberta a descoberta

travou-se

travou-se

A tra vai como na vem  
A cou vem como pro vai  
A di vai como nu vem  
A a vem como tro vai  
A par vai como a vem  
A ne vem como al vai  
A cal vai como ver vem  
A cha vem como tra vai

## O CONTO DO REI

Municipal Auditorium.  
De primeiro, nenhum ruído.  
Rex, the King,  
na tôda pompa  
sòzinho no centro das luzes apagadas.  
Ninguém sabe, veio para estar, visita os ecos  
abstrato deglute o teatro  
ficam de fora os bigodes, trigodes, godes.  
O rato no papel rói as memórias  
arisco fuge do estalo.  
Efeito fácil: há um halo  
de silêncio. Desconfiado, volta e rói o manto  
desprende a safira dura  
raspa o dente no brocado,  
áspera a sua condição de viver.  
Para o rato o retrato do Rei  
seria melhor prato,  
mesmo a cola do cenário.  
Teve a lembrança, escapa  
e larga no fino da fuga  
tôda a herança da vida.  
Fora, é Mardi Gras que não se ouve.  
O Rei inscreve a safira.  
Invisível, que faz o rato?  
O momento se momenteia, teia, teia.  
Cai uma tábua como três: o rato está esmagado.  
Danny se levanta e sai.

*New Orleans, 69*

A cabeça quer penetrar no mármore  
em busca de mais frieza,  
como se não fôra mais certo  
o mármore penetrar.  
Cérebro e mármore não se compreendem  
mas semelham por misteriosa deliberação  
de quem pensara o pensamento imutável  
como eterno  
mas não eterna a necessidade  
de esfregar a cabeça no mármore  
como refrigerio.

*Recife, 1970*

Dou-te por Joel,  
aprendes teu nome,  
respondes quem és:  
Joel

É nada, que nome  
é silvo, assobio.  
Mas dizes que és  
Joel

Liame entre nós  
quando balbucias  
o nome dos dois:  
Joel

Vento de chamar  
sopra por nós dois,  
eu agora, aguarda,  
Joel

Eu fico, tu vais,  
um dia dirão  
só teu nome, adeus,  
Joel

Sabes, saberei,  
que falam de ti  
mas eu — como eco —  
Joel!

Dei-te por Joel,  
já me fui, adeus,  
dei-me e se acabou.  
Joel.

*Recife, agosto 1970*

Minha terra? Sim, conheço,  
perdi-me de tudo o mais.  
Tem ossatura de gás,  
é uma terra do ar  
que percebo estar ali  
impalpável. Só a pele  
testemunha seu afago.  
Terra que sendo, não é,  
pouca coisa, não se mede.  
Não sendo agora e aqui  
pode ao mesmo tempo ser  
porque foi lá e amanhã  
como ontem sucederá.  
Minha terra? eu te ofereço.  
Se muito, cabe entre os lábios  
no sôpro de um *lullaby*;  
se pouco, pobre de ti,  
ninguém tem mais para dar.

Vá inscrevendo os amigos  
a passagem por cidades  
se disser que foi um môrro  
de Quito, visto uma vez,  
não minto, como também  
percebi estar no coche  
daquela mulher de Lima  
amante da vice-real  
Pessoa, tão cristiana.  
Talvez houvesse uma rua,  
nela canários, relógios,  
de seu Maia, seu Candinho.  
Nada era meu, só agora.

Se quiser, venha sem nada.  
Um abrigo,  
pois faz frio,  
e um fruto para mim.

Estarei à espera  
com um traje de tecido grosso  
e as mãos vazias.  
A terra é de outros.

Dividiremos o fruto  
e a falta de terra.  
De mãos dadas  
cantaremos uma ciranda

para os negros  
e estudantes da Praça.  
A certa hora  
quem está desperto nos ama.

Se quiser,  
beberemos água da chuva.  
Provavelmente seremos presos,  
mas venha.

*New York, outubro*

## A PASSAGEM

Deram salvados na minha costa.  
Ossos em marfim? tábuas em mármore?  
musgos esmeraldos?  
— tudo em eterno,  
correspondência do mineral  
que bebi e me teceu.

Mas mas mas mas  
êrro supor em ossos  
o que marfim se revelou  
na pelúcia do entre-sendo-se.  
A passagem, a passagem  
— chamemos flor  
por mais que grão opaco dissimule o que será  
perfume —

um ar que ressuscita,  
o dizer em côr do nem parido  
mas possível.  
Flor é luz, flôres os preciosos  
marfinizados e já salvos,  
não salvados, uma flor dos mares  
uma só  
multiplicada, tão poderosa  
que cristã de milagres.

## BRINCADEIRA PALACIANA AO MODO ANTIGO

*a Jordão Emerenciano*

Um dia perdi meus olhos  
ao pô-los em vós, Senhora.

Não pensava que agora  
quisesse tê-los comigo  
correndo o mesmo perigo  
de olhar-vos outra vez.  
Confesso que os recebera  
para gastar os meus anos  
a repetir os enganos  
do fingimento de agora.

Pois só desejo cobrá-los  
para perdê-los, Senhora.

*New York, 1968*

Foram sons antigos, vagos como os sons.  
Que hoje absorvam o todo,  
voltem anoitados de perfumes,  
cravantes incompreensões.  
Que sim, velem nisso.  
Os mundos e outros fluíram do teclado.  
Leis de especial cavalaria  
prescrutavam a penumbra  
onde os dedos faiscavam.  
As profecias rebatiam nos graves  
estando o entendimento nos agudos.  
Pureza foi tua bandeira desvairada  
quando os olhos sufocados estalavam  
de inapercebida relutância.  
A tessitura da vida mói os sons do “Clair de Lune”  
desde sempre. Desgarrado:  
— coração, com que direito?

*a José Guimarães Sobrinho*

Tudo pasmou na regularidade  
da luz que se acendia e se apagava  
no mais alto das flechas disputantes  
por esguias, silhuéticas, solenes.

Dos verdes, amarelos e vermelhos  
os piscados nervosos palpitarão  
na água amortecida pelo frio  
onde pingos pousavam como pólen.

Voaram espirais de pensamentos  
desconexos além dos sete mares,  
sob ventos já soprados e futuros.

Talvez o corpo, então se levitasse  
ao receber o golpe do silêncio  
— o pânico — ou talvez não fôsse nada.

*a Edmir Domingues da Silva*

Na madrugada aflita de silêncios,  
de névoa que cobria os arcabouços,  
vi meus olhos no pântano aéreo  
de Manhattan, presépio Reformado.

Em vão chamei por êles, que perdidos  
balian como sinos, mansuetos,  
cordeiros tontos de um pastor inábil,  
em alturas avaras de caçada.

Mas sendo a névoa espêssa como lã,  
em breve os recebi, espavoridos,  
chegados, sem sentir, ao meu curral.

Fechou-se o escuro em nós; imaginei  
um conto russo, penso, mas o espelho  
rumina dois cordeiros degolados.

*a Hermilo Borba Filho*

Dizer com palavras, como todos,  
o que seja o barro que a mão recolheu  
para construir, molhada,  
a casa sêca de acôlha.

Falar do simples, inventando  
a coisa sabível, no compasso.

Que a dôr agalopada  
no martelo retina  
o centro da cicatriz:  
venham programas.

Pare a noite em seu momento,  
a lua caia esfarelada em gêlo  
e o som conflua.  
Agora mesmo eu canto a casa,  
movimento vivo.

*"Uma coisa sei de mim: que queria antes o bem do mal, que o mal do bem; porque muito mais se sente o porvir do que o passado; e a morte, até matar, mata".*

*— de uma carta de Camões.*

Renego de ouvir notícia antiga  
daquilo que se possa ter por breve.  
Poluída me vem de espaço e pêso  
como raio ou bala. O próprio leve

pensamento, que modelando o breve  
se compara a si mesmo em rapidez,  
imaginado meio da metade  
nem assim colhe exata a fluidez

desta morte, que sendo ora presença  
sempre estêve aqui mesmo, impressentida,  
apenas existiu e é já descrença.

Entre as duas, o nada com seu quando  
— pois no dizer do Máximo Caólho  
a morte, até matar, vai nos matando.

*New York, maio 68*

*"We're not afraid" (verso de uma canção conhecida)*

Quatro da tarde, em Atlanta.  
A negra cabeceou como  
narcotizada.  
Daí perfumes ciciaram a primavera.  
Ouviu-se:  
gemido? arfagem? cantar?  
Pelos gramados, milhares.  
Um orava?

(A carroça e os senadores  
o crime e o sonhadores  
a negra e tantos pastôres  
muitos escravos tantos senhores  
e rasgou-se a noite de horror  
em Kansas City, Chicago, Baltimore.)

Danados, bradem, rompam-se  
— eu com vocês.  
É preciso estertorar para dizer  
o pronto.  
Danado também, não grito igual;  
mas diferente que seja,  
somos. Também vivo negro, mexicano, portoriquenho.  
No incêndio só meus olhos,  
não no problema.

Agarrar nos dentes o maior.  
Assim pequeno, sem solução.  
A voz cristã? Nos profundos da terra da Georgia.  
É o que se vê. Mataram  
Luther King.  
Um tambor em Atlanta,  
antigo bêrço meu de amor.  
Mataram Martin.

## CONCÊNTO DIALOGAL

### 1. *Allegro*

A roupa tem saudades do corpo que abrigava.  
Infla-se da manhã, fareja o sol,  
dispersando respingos de lavado.  
Revolve-se como gritos  
na inutilidade vazia da brancura de osso  
a que chegou, sem as manchas da vida.  
O vento não basta para encher a roupa  
e pode enchê-la, de provisória piedade.  
O bôlso entumece em busca da carteira  
porém mais infeliz é o porta-seio,  
vacilante com um bêbado,  
enquanto a louca anágua  
quase a romper-se do varal, estala rendas  
nas castanholas-sinuosidades.  
Há um frêmito de paixão peculiar  
a cada tecido e côr,  
um grasnido para os céus  
que distingue o lenço do avental: hierarquia.  
Mas em vão, que tudo ama  
por mais que a sêda fútil  
e o concentrado brim de algodão  
arquejem prioridades especiais.  
De todos os reinos da natureza  
foram feitos para abrigar.  
Nisto a hierarquia se dispersa  
(em nome do amor)  
tanto quanto o nylon quer a pele  
e os seios se completam  
com as covas do produto industrial,  
gêmeos e gêmeas de noivado campestre.  
Precipita-se o destino de unidade  
em nome do amor:

a roupa quer o corpo e assim cumprir-se,  
pois em sua contextura têxtil prevalece  
a atração do suor de cada dia.

A seu tempo será.

Quando as cadeias de sol e vento se rebentem,  
elas esplendirão colhidas aos montes  
e alisadas nas glórias de gomas, anís e benjoins  
amaciando a maciez das môngas  
numa sofreguidão mútua  
de vitórias avessos e direitos  
confundidos botões partindo-se  
nas casas rompendo o corpo  
para encher a roupa numa batalha  
de ajudas ansiosas de acertos  
e erros cavalgados rolos vendavais  
pelas cabeças com dilaceramentos imprevistos  
— até o fêcho do zip nas espáduas,  
amém  
do ritual  
da vestidura.  
E a roupa cheia nos leva  
e nós a ela,  
todos, por fim, a encher o mundo  
com o amor que acenava no varal.

### 2. *Lento*

Que seja esta a relação com as coisas.  
Passei-me do humano.  
Sou-me. Fixo o vago: sim.  
Penso-me. Coloco-me: pedra.  
Nada estalactite construída  
com a nobreza do murmúrio  
nos séculos, grutas, úteros secretos  
sombreados de umidades.  
Vejo-me bloco limado ao sol,  
prêsa de uma praça milenária  
no centro do esquecimento,

percebido por pássaros fiéis  
 que depositam sôbre meus cabelos  
 o óbulo mórno do estêrco,  
 de queda silenciosa, minha touca  
 — único entendimento com os vivos —  
 meu decôro antigo resvalando  
 sôbre a roupa rigidez.  
 Assim fui perdendo lascas de mim  
 em desconsoladíssimas horas.  
 Cada vibro do carrilhão me desfazia em pó  
 criando infiltração de escamas  
 que a chuva descascava à meia-noite  
 farfalhando chispas.  
 Fiquei constituído mais de perdas que de mim,  
 sabendo sem contemplar,  
 com olhos de fuzilado  
 a grelar o ex-mundo,  
 endurecidos.  
 Mastiguei pedras no Texas  
 e refiz minha base interior.  
 Nem mais estátua nem forma  
 de lembrança do ser-homem:  
 só uma massa de horror.

### 3... *Allegro moderato*

Uma estátua... mas que é uma estátua?  
 Aparência de aparência.  
 Uma alvorada vai arrancá-la do chão que lhe é  
 estranho  
 e a ardência petrificada  
 reverterá às origens permanentes:  
 alvorada humana,  
 clarim de redenção geral.  
 A fôrça vem de dentro, determinação  
 de gesto e pensamento  
 — sendo vida a direção  
 e arranco o substrato —

pois vida é soma  
 no indecifrável um da criação do amor.  
 E todos um, saibam ser pedra  
 imemorial catapultada  
 sôbre as grenhas inimigas,  
 e logo bala e foguete, raio e luz  
 abrindo estrias de libertação.  
 Êste, o fim consequente da origem  
 — reencontro da estátua com o esperma,  
 negação da pedra pela arte.  
 Seja homem, anjo, cavalo,  
 a estátua nasceu do homem e com êle se perfaz  
 de grandeza e limitações verificáveis,  
 quicá reduzíveis a palavra.  
 Mas quem fará a estátua da palavra?  
 E quem jamais dirá  
 o que da pedra seja o só-sòmente idéia?  
 Nada é frio. Descubra-se na pedra  
 o quê da expressão definitiva,  
 mais espiritual que as noções  
 de movimento e volume.  
 Atritem-se as moléculas no ar  
 e seja a mesma pedra um som,  
 e êste fale de nós,  
 vibração de pedra,  
 fôgo, bronze, fôgo, ferro, fôgo,  
 crépito crepitável e acima crepitante  
 a serviço do homem.

### 4. *Cadenza elegiaca*

*“Quem me percebe aqui? Quem em lugar al-  
 gum jamais lerá estas palavras escritas? Signos  
 em campo branco. Em algum lugar a alguém  
 na tua voz mais maviosa”. No fim da 1ª parte  
 do ULISSES, de Joyce.*

A alguém, num certo lugar e no tempo que sei,  
 dedico signos em campo branco,

formas de minha forma incorporável.  
O tema se enovela de si mesmo  
com variações de bôlhas de espuma  
que, se reparas, nunca são as mesmas  
por seus diversos ares e águas.  
Mas dizem dos ventos que se bebem  
e das águas que se evolam  
sendo nuvens de regatos  
e tempestades vagidas no salpico  
da onda banhante de manhã dominical.  
Assim, renovados e transeuntes vão meus signos  
dirigidos eu sei a quem, e onde, e quando  
— se necessàriamente devem de sê-lo.

### 5. *Allegro maestoso*

Variações do tema que tu és.  
Fragmentos de uma era prolongada,  
como de uma cosmologia sem medidas  
começada no pátio do colégio,  
onde a História da Civilização  
sub-repticiamente era apeada do seu trono imperial  
pela infanta História da Imaginação.  
Os fatos. São êstes e não aquêles:  
há os homens temporais  
com um já de fome que salteia  
tuas histórias e cosmologias  
para comê-las como pão  
se não espatifá-las contra cabeças  
em nome do amor.  
Há filhos pelas estradas,  
velhos no portão da mina,  
esperas inúteis, inválidos,  
doentes que te penetram,  
uma brutal contenção de âncias,  
tôda uma civilização apodrecendo,

há jovens se desolando  
por falta de Santas Missões:  
(ide e pregai a todos os povos)  
em nome do amor.  
Se há que odiar, seja passageira estação.  
Rasgando, matando, delinquindo,  
faça-se tudo de vez e para sempre  
ainda, obfirmado  
em nome do amor.  
(Suave espiga de milho,  
quisera beijar-te a testa  
agora, filho, meu filho.)  
Justificam-se existências  
de absurdas consistências,  
cínicas imitações de Vinicius  
e Rola-Môças de fundos precipícios,  
tangos como sonatas  
em nome do amor.  
Já São Francisco entendia  
a água, o lobo e o dia,  
sêres e coisas componentes  
de um Coral de Deus que êle ouvia  
em nome do amor.  
(Vem comigo, Incendiada,  
como em certa madrugada  
disseste “que importa?”  
em nome do amor.)  
Diz tu, diga êle, dizei vós,  
bate, rebate, em nome, em nome,  
em nome do amor.  
Finaliza teu concêrto  
com a nota prolongada,  
leve, que não seja nada  
além da própria desnuda  
supliciada  
imaculada  
palavra amor.



Existiu tamanha paz? Ou vivi onde viveram  
sem os espectros?  
Ou será da natureza humana  
essa visão dos frutos maduros e êsses campos,  
musicais não obstante o óbvio?  
O êrro maior é considerar expoentes.  
Não somos.  
Tornemos ao pó dos bilhões  
multiplicados por trilhões e lá estamos.  
Não amo o trilhão por defassagem  
mas sou inevitavelmente  
o invisível em seu pôsto.  
Já-o a metralha, conclusão  
detonante de feridos, imperativa.  
O pó reduz a produção de pó  
com outra paz.  
As árvores decapitadas contam  
que há um campo, houve um campo,  
mas a música ficou por cima  
contando uma eternidade das muitas que nos criamos.

Licença para escandalizar-te. De fato,  
há coisas que não se dizem morremsepor.  
Presentemente, é proibido morrer,  
portanto, licença.  
Se cuspir na tua cara, licença.  
Nos têrmos perfeitos da educação que aprendeste,  
contesto.  
Onde perder a cabeça encontrarei o coração.  
Redigo que lhes dava minha bênção em latim  
se tivesse o formulário à mão,  
o antigo e mais ungido  
pelos séculos passados,  
num canto gregoriano que espalhasse nos ares  
rasgos de frêvo e ribombos de atabaques  
entre repiques e cortinas de báculos  
como estandartes de "Vassourinhas" —  
uma bênção recifense alvoroçada  
pelos tiros das fortalezas mudas  
e formidáveis soluços de poetas mortos.  
Pediria cabeças baixas de penitentes espanhóis  
(menos a tua) e bendiria.

Benditas sejam as putas do meu Recife  
coroadas de salsugem na podridão,  
terapeutas de solitários.

Quando libertas, haverá uma salva de violetas  
e pétalas dispersas.

Por enquanto, emitem revérberos  
que salvarão futuras desposadas  
ao chegarem para as camas de seu moços.

As virgens são devedoras:  
quantas salvas da faca e da violação  
— por provocantes e fugidias —  
sinalaram o caminho da zona  
que salva do crime e induz a perdoar.

Benditas as putas, refúgios de pecadores,  
solteiros, desquitados, viúvos, mal casados,  
decentes, líricos, viciados.

Sejam louvadas no seu gueto à sombra da Madre  
de Deus

aberto outrora pelo Arco da Conceição,  
zona cristã, enluardada pelas saias levantadas,  
de tanto riso que me leva a blasfemar  
(entende, é tua linguagem)  
não por elas inconscientes  
nem por nós, seus consolados,  
mas por ti que lês um poema e não vês a vida,  
entendes a imagem poética  
e cegas para a imagem e semelhança...  
— que asco.

## APÊLO

Pois como compartilho,  
teus sonhos imergem minha consciência  
da vertigem dos abismos que viajei de mergulho,  
lacerado de chibatas que não eram,  
mas gritos, convocação de monstros  
que me atacaram no ôco de câmaras sucessivas  
recruzadas de hipopótamos alados,  
que sob pena de esmagar-me a dentes  
exigiam a resposta  
que eu desconhecia, como a língua,  
por mais que concebesse a ameaça.  
Redivivo do sonho me concreto  
no soluço, na implora, desvario  
de limites lógicos, sou sem mim,  
revivo outroras.  
Mas sou eu — desamparado, quem procura,  
quem se acolhe,  
quem se espanta.

Pátria não aceito, deixem mátria  
do íntimo perfluída, regida  
por leis de amor.  
Com o perdão da preferência  
e inútil explicação,  
acalente-se o meigo do som  
como princípio.  
Caso é, que pátria não.

Pelo sim, pelo não,  
conservar em alto grau o amargor  
para a glória.  
Pelo sim, pelo não,  
manter pedra onde o licor  
dos outros conformam.  
Pelo sim de sins,  
pelo não de não's irredutíveis,  
misteriar o sol  
que um eclipse total  
(visível do meu bairro)  
ocultou.

## RIO IPOJUCA

Água fiada pelo deus dos pedregulhos  
colaborada de esgotos  
novêlo de barbante  
cumpridor de sua cruz:  
ser pardo  
cheirar bosta.

As lavadeiras espremem linho  
que de milagre sai branco  
— um capricho do rio.

Os meninos se banham, bebem  
os cavalos se banham, bebem  
todos mijam na alegria da manhã  
e disto nascemos.

Estão crescendo os micróbios  
do da Cunha, antes de tudo fortes,  
O curtume apodrece a água de nossa pia batismal.

Crianças mergulham  
tudo cresce como pecados  
ao sol das chagas não delas, minhas.

O fino das vozes gritadas  
abençoa a cidade inteira.

Um fino estalo (não se ouve)  
parte minhas veias (É hora! — escondi-me: de mim?)  
e ali morro sem ninguém saber,  
de desmedido amor.